

HOMENS EM GREVE

Por que os homens estão boicotando o casamento, a paternidade e o sonho americano
- E POR QUE ISSO É IMPORTANTE

THE STRIKE IS ON!

Members Cheer
Confidence Vote
for Union Heads

The Strike Issues Are Clear-cut and Simple!
Fight Like One Man Till Victory!

Bosses Tactics
Force Union to
Launch Walkout

The Road and the Water
Are Unfriendly

Monday's Meeting Will
Conclude the Day



HELEN SMITH, PhD

HOMENS EM GREVE

Por que os homens estão boicotando
o casamento, a paternidade
e o sonho americano
— e por que isso é importante

HELEN SMITH, PhD

*Para meu pai, que me ensinou a amar,
Para meu marido, por manter viva sua conquista,
E, claro, para Julia sempre.*

*Para o exército de Davids, que
me ajudou a montar este livro.*



Ebook Brasil

© 2013 by Helen Smith

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise, without the prior written permission of Encounter Books, 900 Broadway, Suite 601, New York, New York 10003.

FIRST AMERICAN EDITION

Library of Congress Cataloging-in-Publication Data
Smith, Helen, 1961–

Men on strike : why men are boycotting marriage, fatherhood, and the American dream : and why it matters / by Helen Smith, PhD
pages cm

ISBN-13: 978-1-59403-675-0 (hbk. : alk. paper)

ISBN-10: 1-59403-675-6 (hbk. : alk. paper)

ISBN-13: 978-1-59403-676-7 (ebk.)

1. Men—United States—Attitudes. 2. Men—Psychology. 3. Marriage.
4. Sex discrimination against men. I. Title.

Tradução, Posfácio e Adaptação:
Diego Diderot

Edição e Capa:
Felipe Euclides Castilho

Revisão (Ebook Brasil)
Eduardo Moretti

www.ebookbrasil.org
VERSÃO FREE

Sumário

Prólogo	06
Introdução	10
 Capítulo 1: A greve de casamento	 19
Por que os homens não estão se casando?	
Capítulo 2: Meu corpo, minhas regras	69
Seu corpo, nada de regras.....	
Capítulo 3: Greve na faculdade	93
Onde garotos não são bem-vindos	
Capítulo 4: Por que o papai vive no porão?	122
Capítulo 5: Por que isso é importante.....	141
Onde garotos não são bem-vindos	
Capítulo 6: Revidando a Luta.....	183
Caminhando para Galt ou ambos?	
Conclusão.....	211
Agradecimentos.....	213
Recursos para Homens.....	215
 NOTAS.....	 220
BIBLIOGRAFIA	231

Prólogo

“A escravização costumava ser baseada em raça, agora é baseada em gênero.”—Carnell Smith, advogado de vítimas por fraude de paternidade.

Se você for um covarde, então este livro não é para você. As sugestões aqui propostas são de uma compreensão dedicada e exigem, sem dúvida, um certo sacrifício; e, como homem, se você sentir que não está à altura do desafio proposto, deixe este livro de lado e vá fazer outra coisa. Tudo que pretendemos tratar neste livro requer uma revolução para mudar a cultura e a política que favorece, naturalmente, leis, ações e decretos contra homens que, tais demandas jamais seriam permitido às mulheres.

A primeira vista, pode ser que você pense nessa situação em termos de “justiça”, que é justo o sofrimento do homem atual devido aos males causados contra a mulher no passado; talvez, você seja um cavaleiro branco que ama se sacrificar pelas mulheres, tais quais, preso a certas situações, você evoca símbolos como casamento, vida reprodutiva e seus meios de subsistência a fim de causar presença no meio feminino. Talvez mais, você tenha ambições políticas e procura trabalhar em uma área que favoreça os privilégios femininos em cima de códigos legislativos, ou então, você seja apenas um cara procurando agir sob um comportamento politicamente correto a fim de aumentar o número de mulheres na cama para transar e, desta forma busca conhecimento. Se você for qualquer um destes citados acima,

ESTE LIVRO NÃO É PARA VOCÊ. Não faz parte do meu público mesmo que você queira aprender alguma coisa.

E se você for mulher, quero que saiba que você não é meu foco e tampouco se encontra nas minhas intenções de ensinar sobre o conteúdo aqui presente. Meu alvo são os homens e a eles esta obra foi construída. No entanto, se sua insistência for demasiada constante, pode ser que você encontre informações de sincero interesse; assim, poderia ajudar você a entender mais no que respeita a situação atual dos homens e porque os mesmos não estão mais interessados em casamento, nos estudos e retirando-se extensivamente do mercado de trabalho. Mesmo que você possa discordar de muita coisa escrita aqui, mantenha sua mente aberta sobre como os homens realmente se sentem, o que é, de fato, o absoluto oposto do que vemos na grande mídia mainstream, do que parece ser na encarnação dos cavaleiros brancos e o que as outras mulheres dizem, tentando manusear, com efeito, sua linha de raciocínio. Se você busca o saber desse tema para ajudar seus familiares homens, acredite, eles vão te agradecer muito. É como Martin Luther King Jr. disse certa vez sobre a prisão de Birmingham: “A injustiça num lugar qualquer é uma ameaça à justiça em todo o lugar.” Se nós, como mulheres, permitimos a injustiça contra os homens hoje, quem sabe o que nos acontecerá amanhã? E se aprendendo mais sobre os homens te interessa ao invés da sair culpando-os por todas as desgraças existentes no mundo atraem você, então sejam bem-vindas.

Mas que fique claro, meu público real é o homem que sabe — ou já deve ter percebido argutamente — que alguma coisa está errada nesse atual século XXI. Precisamente, ele não pode apontar com o dedo, todavia, sente profundamente que a sociedade deu as costas para o homem comum. Você já deve ter ouvido outrora a indagação: “para onde foram todos os homens”?

Mas você sabe que essa pergunta está equivocada. A inquirição correta é: “por que os homens entraram em greve?”

Este livro tem como propósito fornecer a você e à sociedade meios para corrigir o problema. Pois, se nós não repararmos isso agora, nossa civilização nunca mais será a mesma. Nossos filhos, irmãos, pais, tios e maridos estarão prometidos de viver em um mundo cujo processo de discriminação encontrará desconhecido, onde um homem inocente poderá ir preso por causa de uma acusação falsa de estupro, vindo de uma mulher mal intencionada, seja porque ele levantou o tom de voz, seja por prazer de colocá-lo em um estado de servidão involuntária, pagando, finalmente, por dezoito anos de pensão pela criança que não é dele. Ops! Agora é tarde. Isso já está acontecendo nos Estados Unidos da América agora mesmo.

A sociedade americana tornou-se anti-masculina. Os homens estão sentindo a reação adversa e estão, sobretudo, entrando em greve — consciente ou inconscientemente. Eles estão abandonando a faculdade, renunciando a força do trabalho e evitando a paternidade em taxas alarmantes. A tendência está tão bem pronunciada que vários livros foram lançados para explicar esse fenômeno vigente autodenominado de “homem-criança^{*?}”, concluindo assim, que os homens tiraram férias de suas

* Homem-Criança: *man-child*, i.e: homem adulto sem responsabilidades. Aquele que evita as principais funções como papel de pai, de marido, de pagador de impostos, entre outros deveres para com a sociedade. Vale frisar que aqui decorrerá o termo original da palavra, que é diferente do termo usado no Brasil onde este fenômeno é chamado pelos sociólogos de nem-nem, equivale em espanhol ao termo "nini" e à sigla em inglês "NEET" para a expressão "not in education, employment, or training", algo como "fora da educação, emprego e formação profissional". A mídia brasileira usa o termo para referir-se à população jovem (homem e mulher) fora do mercado de trabalho e de instituições educacionais, servindo para um contexto diferente usado pela autora. (NT)

responsabilidades, simplesmente porque podem ou, porque nos dias de hoje eles conseguem sexo muito mais facilmente estando fora de qualquer compromisso. Mas por que, de maneira racional, os homens deveriam fazer seu papel dentro de uma sociedade que está cada vez mais contra eles? A literatura cada vez mais radical em seus livros discutem como tais comportamentos “irresponsáveis” prejudicam as mulheres, já que afirmam com veemência a declaração: “o único propósito do macho é prover e servir às fêmeas.” Nada pode estar mais longe da verdade. Os homens não estão abandonando a sociedade por razões de falha no desenvolvimento. Eles estão agindo racionalmente, com todos seus níveis perceptíveis e intelectuais; reagindo, enfim, à falta de incentivos após oferecerem a eles o papel de pai, marido e provedor responsável e depois de tudo, os chutar como qualquer. Além disso, essa greve resulta nada menos que uma sobrevivência contra a miríade de leis e hostilidades contra eles pelo crime absurdo de ser homem. Os machos estão começando a lutar contra um sistema que deixou claro decerta aversão. E este livro explica seu grito de batalha.

Helen Smith, PhD
Knoxville, Tennessee

Introdução

Obviamente, você deve estar se perguntando “por que uma mulher está escrevendo esse tipo de livro?” Eu pensei a mesma coisa há muito tempo atrás. Deixe-me introduzir a questão de modo que, descrevendo os problemas relativos aos homens, você poderá entender porque cheguei à conclusão de que existe uma guerra anti-masculina em nossa cultura ocidental; e que precisa, antes que seja tarde, ser encerrada. Também direi, como psicóloga e como mulher porque sou a pessoa certa a escrevê-lo.

Tempos atrás eu me considerava uma feminista, eu acreditava que o feminismo representava igualdade entre os sexos, mas descobri, amargamente, que fui enganada. Hoje em dia feminismo significa “privilégio feminino”. E acredito mais do que nunca que a marginalização contra os homens é tão ruim quanto a discriminação contra mulheres — quando descobri essa vertente, rejeitei bruscamente toda toxidade. Nesse momento são os homens que precisa de justiça e atenção, dediquei-me muito a escrever sobre isso no meu blog www.drhelen.blogspot.com¹ por volta de 2005 e 2007.

Trabalhei também para a PJ Media², uma mídia liberal e conservadora na internet que atuava como uma empresa cultural e, todos os temas tratados ali, bem como trazidos à tona como colunista discutia profundos argumentos sobre os direitos — ou a ausência deles — dos homens e dos meninos.

Certamente, você deve ter a noção de que a extremidade consistente que afeta os homens em geral não é, nem de longe, a prioridade na mídia popular; em decorrência disto, portanto, toda a riqueza do assunto diante de qualquer publicação aparece morta ou distorcida na consciência comum, é claro, há motivos

suficientemente intencionais por trás disso. Por exemplo, semelhante caso quando assisti ao Dr. Phill cuspiendo fogo pelos olhos quando atacava um cara de classe pobre que havia recusado pagar pensão alimentícia para um bebe não era dele, a mulher da ocasião engravidou desafiando algumas orientações médicas a despeito de seu estado de saúde, proibida de ter filhos, a ação comumente injusta para o rapaz se justificava como “nobre” por parte do Mr. Phill. Isso me deu nos nervos!

A propósito da tremenda fatídica imparcialidade contra os homens, minha inclinação por essas dimensões na escala social não começou do nada. Eu trabalhei como psicóloga por mais de duas décadas seguidas num consultório particular que só atendia o sexo masculino. Um dos meus primeiros pacientes foi um cadeirante chamado Jhon que estava sendo espancado por sua esposa obesa em uma média crescente completamente ignorada por demais presenças em redor. Toda a minha carreira sofreu uma grande virada nesta experiência. Eu já imaginava que os homens não buscavam ajuda com naturalidade, porém, diante da real situação, lancei mão de todos os meus recursos — mesmo os poucos de posse — para ajudar um macho desesperado a sair dessas condições desumanas.

Numa forma mais inquietante e compreensível, a devoção e a via sinuosa para rigorosamente me entregar a longas conversas com os homens sobre seus segredos mais sombrios e demasiados profundos, por longos anos, ouvia muitos que vinham nas seções de terapia, as vezes com medo de falar, conquanto para tantos outros após desabafar turbulências de peso, tornara o fardo um verdadeiro alívio.

O principal ponto que todos eles tinham em comum, sem exceção, era uma sensação estranha de que, “um homem é considerado fraco por ter problemas desta natureza”, certamente, por vias gerais, aquele sentimento relutante de buscar ajuda

estava acomodado na psique masculina uma vez que a sociedade não espera isso deles; esperam, por outro lado, que sejam bons provedores para suas mulheres e famílias, podendo aguentar das mais vis até as mortais dores da alma, tais como: adultério por parte da esposa, suporte à criança, pagar por filhos que não são deles e inclusive, a grosso modo, aceitar todas estas deslustras com o bom silêncio e pureza comportamental. Mas a raiva estava escondida lá, fervilhando abaixo da superfície física pronta para implodir a qualquer momento. Nas terapias, toda essa energia negativa acumulada por um considerável período de tempo surgiu como transtornos emocionais e físicos, doenças nervosas que causou, fortemente, estragos nos corpos e mentes destes homens. A crença geral é que ninguém se importa com essas contrariedades porque na realidade poucos fazem esse tipo de tratamento. Nenhuma outra atividade psíquica masculina está sujeita a ser tão facilmente mal entendida como casos desse tipo. Os homens, geralmente, tiram suas vidas devido a dor acumulada ao longo do tempo; a este exemplo, estatísticas tem apontado um crescimento frequente de suicídios masculinos no decorrer dos últimos anos.

Somente em 2010, as últimas pesquisas nesse campo apontaram 38.364 pessoas que mataram a si próprios a nível nacional e 30.277 eram homens, isto é, aproximadamente 90% dos suicídios³. Quais são as principais razões que levaram estes homens a tirarem suas próprias vidas? Não é de se surpreender que as causas estão concentradas em relacionamentos destruídos, amargos divórcios nos tribunais e a triste realidade de não poderem mais ver seus filhos. Ironicamente, quando apontadas os levantamentos de suicídio, a preocupação é voltada apenas nas mulheres. Nossa sociedade possui tamanho desinteresse — e desprezo — pelos homens que, aqueles que se matam dificilmente aparecem nas redes de notícias do país.

Thomas Ball, a saber, um homem que antes fora acusado de violência doméstica incendiou a si próprio nos degraus do Tribunal de Família após sofrer condenação, e maior tristeza, é que mal foi mencionado no noticiário da meia noite que, todos sabem, quase nem são assistidos. Um angustiante e dramático final. Ball, um homem de meia idade, na casa dos cinquenta, natural de New Hampshire havia afirmado em sua declaração final, horas antes de se incendiar, que “estava sendo condenado somente pelo fato de ser homem” por sistema que dantes proclamou-se justo⁴. Apesar de sua morte pública, horrível no que compara atualmente, seu último ato recebeu pouca atenção midiática, o ocorrido foi veiculado apenas por ativistas do assunto na web e entre algumas agências de notícias como o International Business Times and the Keene Sentinel e por último transitado entre um pequeno artigo do New Hampshire.

Os homens estão literalmente se matando para ter suas dores ouvidas e mesmo assim a sociedade ignora constantemente⁵; nada obstante, quando ninguém ouve, as pessoas se desligam da massa consciente e se voltam para a obscuridade de seus próprios atos. Em 2008 eu descrevi um termo para resgatar o mainstream da sociedade chamado “Going John Galt⁶” ou “indo a Galt” e até breve. Creio que você deve ter lido o livro *A Revolta de Atlas** Se ainda não leu, faça isso. Nessa obra de Ayn Rand, compilada em um único volume, o tema básico narra a história de John Galt e seus aliados que ousaram desafiar as crenças de uma sociedade cujo sistema os desprezavam por nada, Galt e seus amigos espalhados pelo mundo retiraram-se dos papéis sociais tal qual obrigações em seus respectivos cargos exigiam seus talentos, assim sendo, toda mão de obra que faz a manutenção para

* *Atlas Shrugged* ou *A Revolta de Atlas* foi publicado em 1957. Lançado no Brasil como *Quem É John Galt?* em 1987 e relançado em 2010 como: *A Revolta de Atlas* pela editora Millenium.

funcionamento da sociedade foi ficando deserta até que em pouco tempo não havia mais talentos para opera-la, em vista disso, “o motor do mundo parou completamente” ao ponto que a decadência logo se apresentou. Enquanto liderava uma multidão de “grevistas” (aqueles homens que se recusavam a ser escravos do sistema) contra os “saqueadores” (os exploradores que trabalhavam para o governo)⁷ em pleno dia comum. Um fato muito interessante sobre A Revolta de Atlas é que o título original do livro antes de ser lançado era “A Greve”, mas Rand mudou por sugestão de seu marido.⁸ Quão forte sombra de sua essência este título original do livro é apropriado para o que está acontecendo no século XXI. De certa forma, os homens hoje são semelhante a imagem dos personagens ilustrados por Rand; eles tem uma noção extada de que podem ser escravizados por seu senso de dever e produção a qualquer instante.

O Estado transfere, por lei, todos os benefícios da mão de obra masculina para as mulheres e crianças através de recursos como: apoio infantil, pensão alimentícia, leis de divórcio e direitos governamentais, além de programas como WIC** e os pagamentos de assistência social para mães solteiras via transição jurídica. E não é somente nas relações familiares que os homens vem sendo massacrados, mas em muitas áreas modernas dentro da esfera pública e econômica, assim como no mercado de trabalho e na educação por efeito de sua masculinidade. O macho viril é retratado como um bandido sempre pronto para estuprar, molestar, bater e abusar de mulheres e crianças apenas por ser esbarrado nas ruas ou numa simples derrubada de seu chapéu. Em

** WIC (abreviatura em inglês de Women, Infants e and Children - Mulheres, Bebês e Crianças) é um programa que existe há 40 anos no Estado de Massachusetts e que tem beneficiado milhares de mulheres nas últimas décadas.

virtude desse resultante, vem sendo criadas novas leis de abusos sexuais das quais existem vias diretas para acusar falsamente um homem de crimes inexistentes que, uma vez oriundo do consentimento feminino, basta “sentir” que foi assediada para gerar, contudo, uma movimentação nacional contra acusados retaliando-os de direitos comuns como passagens de conduções públicas ou restrições para se sentarem ao lado de crianças inocentes em aviões, promovidas por companhias aéreas, isolando o possível pervertido de contatos sociais.⁹

A sociedade como bem a conhecemos está em guerra com os homens, e eles, por sua vez, sabem muito bem disso. Na verdade, os homens vem percebendo essa ação oposta desde muitas décadas atrás, então, por que essa demora para eles reagirem? Por que, afinal, não contra-atacam de uma vez?

O psicólogo Warren Farrell, em seu livro *O Mito do Poder Masculino* escrito em 1993 narra o “protesto dos homens como um turno” dizendo que será o “mais impactante dos movimentos” porque no momento que a mente aprende a confrontar aqueles sentimentos que foram obrigados a reprimir, na mesma proporção que confrontarem as mulheres que aprenderam a proteger, surgirá o “boom” masculino.

Essa submersão acontecerá com uma força inerente à própria atividade pensante, e que pode ser chamada de uma reação contra uma ação igual ou oposta. Não se deveria objetar que, quem vê assim uma reação no pensar, projeta um sentimento, o ódio, sendo que para esse agir, pois a objeção é, em verdade, uma auto conservação, subsistência.¹⁰

Ainda no *Mito do Poder Masculino*, Farrell acredita que a única obstrução de tal movimento anexa o que os homens chama de “união dos mesmos”, o mesmo remotamente delineado como: “um homem capaz de pedir ajuda aos outros homens”. Os machos sempre foram corajosos em pedir ajuda em nome de suas esposas,

filhos e familiares para qualquer instituição como o instituto *Em Nome de Terceiros*, ajuda comunitário do bairro ou mesmo as congregações, seja comunitária, seja jurídica; mas jamais pedem para si mesmos.¹¹ Dada pela análise de Farrell, os movimentos de grande escala tem dois estímulos centralizados: 1) rejeição emocional; e 2) prejuízo econômico. **“Se o curso da história humana nos ensinou alguma coisa, podemos dizer que quando uma enorme classe de pessoas se sentem rejeitadas emocionalmente e são feridos economicamente, uma revolução está em formação.”**¹² Quem investigar o assunto em suas profundezas descobrirá nele também que os homens, como um todo, vem sendo rejeitados emocionalmente em muitos aspectos da vida americana, em sua manifestação essencial, como disse Farrell, e como irei provar neste livro. E hipoteticamente, seria possível, usando-se de todo o refinamento da abordagem, ignorar várias evidências de seu massacre econômico? Desde o final do século vinte, como maridos e pais nos tribunais, compreendendo outras esferas sociais como escolas, faculdades e toda subsistência que reclama os direitos à vida abrangendo as carreiras a longo prazo, vem sofrendo ameaças de romper desde a última recessão econômica.

De acordo com James Q. Wilson, cientista político, muitas pessoas — especialmente os homens — estão na margem inferior do último estágio dos assalariados pelo resto de suas vidas.¹³ Segundo ramificações psicológicas/econômicas que o masculino como grupo vem enfrentando hoje, poderíamos descrever a tempestade magistral reverente avalanche de circunstâncias que está impulsionando, diretamente, esses homens que sempre estiveram à beira da sociedade a lutar pela sua própria justiça – e não por uma justiça em nome dos outros.

E é aí que entra esse livro. Se os homens sempre tiveram um problema psicológico mediante uma oclusão simbólica,

impedindo-os, na prática, de lutarem por seus direitos — levando em consideração que o medo de desabafar significava fraqueza — seja pelas suas reações sociais devido o condicionamento coletivo e a evolução, então podemos testemunhar agora que eles estão superando essa barreira que os levarão a lutarem por questões culturais em nome do sexo masculino. Decerto, existem muitas outras barreiras além do fator psicológico, como o jurídico, dado exemplo. Todavia, eu acredito que a cultura impulsiona a política e esta, por último, impulsiona a lei.

Como psicóloga, posso lhe ensinar a identificar essas barreiras, tais quais você não consegue entender devidamente o significado e a importância da submersão intuitiva na essência de cada mulher, te oferecendo informações precisas para que você lide com elas (bem como muitos homens desse escalão) e facilmente sucumbirão ao preconceito que eles mesmos criaram, ao passo que são obstáculos em sua vida, porém que você não tem meios para confrontá-los, mas que certamente os deixará perdidos num devaneio vazio e frio distante do seu caminho. Não tenho ressentimentos por ser pró-homem, ou ficar pedindo perdão por ser a favor dos homens, assim como a mídia o faz — isso é nojento. Na posição de mulher, não haverá tanta dor em te dizer verdades que todos ocultam no mundo real, não aquelas verdades que doeriam vindas de um homem. Ainda tenho meus clientes, mas cada um tem seu desafio pessoal, os meus sentimentos estão voltados para esta luta, mas saiba que os seus importam mais. Você, como homem, receberá a direção coerente mas, muito desse trabalho dependerá de você.

Certa vez, em uma conversa com meu marido indaguei-o sobre como seria defender os direitos dos homens, não sendo um homem. “Eu não sou um homem e tampouco sou brilhante como eles são.” Meu marido, um professor de direito de uma universidade e escritor de um grande blog político me orientou

com o seguinte princípio: “você só precisa de coragem”, está é a mais poderosa arma num campo de batalha e se tenho, você também têm. Você necessitará do conhecimento contido em cada linha deste livro para que tanto você, quanto seus filhos, irmãos, sobrinhos e tios possam sobreviver nessa guerra feminista, disputada em todas as áreas do ambiente humano. Os capítulos a seguir irá discutir todo o vasto campo territorial em que os homens vem tendo problemas, e porque muitos de vocês, assim como os personagens da Revolta de Atlas que decidiram entrar em greve.

Capítulo 1

A greve de casamento

Por que os homens não estão se casando?

Eu sou um destes que boicotam a instituição do casamento... Cerca de 6 ou 7 anos atrás, parei definitivamente de namorar. Quando dei por mim, já havia chegado à conclusão de que não ia me casar e nem passar pelo incômodo de conviver com uma parceira. O ponto mais interessante nessa controvérsia é que, eu moro numa casa com mais dois amigos que estão na mesma situação. É como se nós três tivéssemos removido nossos lugares na fila do namoro, um deles é um ano mais velho que eu, conquanto o outro está na casa dos trinta e poucos; ambos eram casados no passado e não querem repetir essa experiência.

— Ernie, um comentarista da PJMedia.com em resposta a minha pergunta: “os homens deveriam se casar?”¹

A nação americana está transbordando de caras como Ernie, homens que aboliram abertamente o casamento de suas vidas. Mas porque não abolir? Afinal, a cultura ocidental dedicou os últimos cinquenta anos transformando o casamento em um negócio que beneficia apenas as mulheres, e para os homens, porém, tornou uma imensa bola de chumbo acorrentada nos pés e nas mãos lançada de um penhasco. Os homens costumavam sair cedo para trabalhar, voltavam tarde para casa, apesar de cansados, eram recebidos pelas suas famílias e após terminar de jantar na mesa, sentiam-se como “reis em seu domínio.”

Em contrapartida, nos dias atuais o homem trabalha o dia todo, chega em casa cansado e espontaneamente precisa cozinhar, lavar a louça, é repreendido por não estar fazendo um bom trabalho e por fim lançado no vil porão de sua casa enquanto a esposa e as crianças desfrutam dos corredores espaçosos entre a sala e a cozinha, passa os finais de semana como babá para trocar as fraudas sujas das crianças, carregando os sacos cheios de lixo para fora, quando sai com a família tem de carregar a bolsa para a esposa no shopping; recebe, contudo, olhares de pena dos outros homens mais jovens que se perguntam como se deu essa tragédia e o que eles poderiam fazer para evitar tal destino doloroso.

Isso parece óbvio. Nada obstante, em vez de igualdade no casamento, hoje em dia um marido precisa compartilhar tarefas domésticas, trabalhar como um guarda-costas sem salário, ser um reparador da casa, pagar a maioria das contas, ajudar a olhar as crianças e, mesmo se dedicando constantemente, seu gênero será denegrido pela esposa e sociedade. E se o marido desistir e querer sua liberdade de volta? Ele terá de pagar o apoio à criança*, pensão alimentícia, ficará com metade ou menos de seus bens, e,

* Apoio à criança: Child Support (US) ajuda aos descendentes. Embora sua forma varia em cada estado americano, muitas pessoas confundem child support com "alimony pension"= pensão alimentícia por causa da tradução, deduzindo erroneamente que ambos são a mesma coisa na América do Norte. Nos EUA, quando um casal se divorcia, o progenitor é obrigado por lei a fazer dois pagamentos que se diferenciam no destino a ser usado da seguinte forma: pensão alimentícia é paga para o benefício de um cônjuge (ex-mulher) sendo projetado para as despesas que a esposa terá como mãe solteira; e, o apoio à criança é pago em benefício de qualquer criança resultante do casamento, a fim de suprir a subsistência deste incluindo coisas como comida e roupas, cuidados médicos, moradia e outras necessidades. No Brasil, a pensão alimentícia é destinado apenas à criança; já o pagamento à esposa, diminuiu drasticamente no Brasil a partir do século XXI após a mulher brasileira ter acesso ao mercado de trabalho. (NT)

porventura, terá que sair de casa ou ainda pode ser incriminado com uma ordem de restrição, pior que isso, acaba sendo acusado de violência doméstica ou abuso infantil.

Então quais lucros o homem ganha em um casamento? Nenhum. Por isso, não é de admirar que cada vez menos homens estão se casando em comparação com que se casava no passado. Kay Hymowitz, autora do livro *Manning Up* aponta que: “em 1970, 80% dos homens na faixa de 25 a 29 anos de idade estavam casados; com efeito, em 2007 apenas 40% deles se casou. Ainda em 1970, 85% dos homens entre 30 e 35 anos eram casados, em 2007 meramente 60%.”²

Os homens não veem mais o conjunto matrimonial sendo tão importante como viam há quinze anos atrás. A P.E.W — centro de pesquisas, informa que mulheres entre dezoito a trinta e quatro anos que objetivam um casamento bem sucedido como elemento principal de suas vidas, subiu de 28% para 37% desde 1997; os homens, todavia, teve o oposto como resultado. A mesma pesquisa inerente foi feita no campo masculino, tal qual denota uma queda de 35% para 29%.”³

Até mesmo os homens de meia idade não estão se casando como outrora, especialmente aqueles que não possui um diploma universitário. O jornal *The New York Times* informou: “cerca de 18% dos homens na idade entre 40 e 44 com faculdade trancada nunca se casaram na vida. Isso está acima de um quarto de século atrás, onde apenas 6% dos homens sem formação não se casavam.”⁴ O mesmo ponto de vista é adotado também entre os homens na faixa de 35 a 39 anos, a pesquisa revela um salto de 22% contra 8% no mesmo período daquela época. Mesmo com um diploma na mão, na prática, esses homens também não estão se casando na mesma frequência desde 1980, estando na margem de 84%, ou seja, um declínio de 9%.⁵ Entrementes, as taxas de registros de casamento em geral na América continua

despencando. De acordo com Glenn Sacks e Dianna Thompson, ambos ativistas dos direitos dos homens e meninos levantaram uma pesquisa que afirma:

Os índices de casamentos nos EUA caiu 40% em relação a quatro décadas atrás, culminando no ponto mais baixo da escala, um verdadeiro recorde. Existem milhares de explicações plausíveis para esta tendência social, no entanto, o fundamento principal quase nunca mencionado pelo mainstream é que os homens americanos assolados por uma agenda nefasta, resolveram reagir na cara do tribunal de família cujo desdobramento se empenha em destruí-los por completo, de tal forma que, subconscientemente responderam com uma “greve de casamento.”⁶

Deveras, a abrupta greve pela justiça masculina condensa em si inúmeras razões pelas quais os homens não estão se casando, como descreve Sacks e Thompson. Contudo, ainda que os homens tomaram toda linha de frente nesta ação anti-sistema, a questão das injustiças cometidas pelos tribunais de família desempenha apenas “um” entre abundantes aspectos que levam a queda do casamento moderno.

Eles têm tantos outros obstáculos quase que irredutíveis alicerçados em nossa era pós-feminista, como problemas psicológicos, crise financeira, recursos sociais limitados, inferioridade civil, restrição de voz no casamento devido a questões jurídicas, etc, etc, etc. Tudo corrobora para uma aguda contraposição à cultura contemporânea assim manifestada pela greve masculina. Este capítulo irá abordar essas preocupações a fim de responder a curiosa pergunta: por que os homens não estão se casando tão prontamente como no passado?”

Da visão dos "especialistas"

Depois de longos anos ouvindo incansavelmente homens espalhados aos milhões por todo o país, exprimindo visões dinâmicas sobre a pergunta acima, não pude deixar de notar o ápice da falta de senso crítico que os chamados “especialistas” estão fadados. Eles deixam uma lacuna entre a percepção e o entendimento quando afirmam erroneamente que os homens são insuficientes e péssimos para se expressarem.

Minhas observações e interações com eles mostram que a maioria dos homens conhecem muito bem a si mesmos, com efeito, a referida insuficiência em expressar suas dores nas relações pessoais nada mais é do que o medo natural de parecerem fracos devido o cenário político* que, por sua vez, acaba também por rotulá-los de sexistas ou misóginos querendo chamar atenção.

Ora, muitas vezes eles até se comunicam, mas ninguém está escutando ou então as pessoas estão ativamente ignorando o que dizem. Eu tive muitas assistentes mulheres nesse ramo entre outras psicólogas de renome que trabalharam no caso sempre contestando a personalidade masculina sob julgamentos caóticos, dizendo que os meninos e os homens adultos são fechados por natureza; durante uma terapia nada os impulsionava a falar ou contornavam certas perguntas, no entanto, em vinte anos de

* A autora faz referência à política predominantemente feminista durante o governo pós-Bush de Barack Obama. Em uma entrevista para a revista Glamour, Obama se declarou um feminista e defendeu que a responsabilidade na luta contra a desigualdade de gêneros também pertence aos homens. Isso marcou o prelúdio para um artigo feminista que o Presidente Obama assinou nos EUA em 2015 com apoio do primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau. Após o decreto Obama declarou: “É importante que o pai de minhas filhas seja feminista porque agora é o que as mulheres esperam de todos os homens”. (NT)

carreira jamais um daqueles homens se recusaram a falar comigo, em suma, como foi que eu consegui que eles falassem? Eu os ouvia. O problema hoje é que a sociedade não está escutando o que os homens têm a dizer. Reflexões que eles expõem de maneira clara e simples para questionar ideologias carregadas de política, são silenciados incontáveis vezes, que dificultam amiúde a compreensão do raciocínio simples e afinal importante. Mesmo aqueles especialistas e autores que escrevem livros sobre os temas de cunho matrimonial, posto que, ao abordarem a relutância masculina professando serem pro-homem retornam fatalmente no erro original; o que eles não percebem, obviamente, é que toda aquela carga de cobranças que estimula o casamento hoje em dia foi transferida diretamente para os homens, e estes, por outro lado, não estão mais dispostos a arriscar como antigamente uma vez que o casamento hoje significa perder tudo, do começo ao fim.

Os autores Kay Hymowitz e Kathleen Parker dedicaram seus escritos advogando sobre os problemas dos homens na sociedade. *Manning Up: como a ascensão das mulheres transformou homens em meninos*,⁷ de Hymowitz e, a obra de Parker: *Salvem os Machos: se os homens se importam, por que as mulheres deveriam se importar?*⁸ A julgar pelos títulos condescendentes, portanto, seria realmente lícito apontar que as escritoras desse gênero não se importavam tanto com os homens do modo que eles se relacionam com as mulheres? É evidente que se importavam, são livros de extrema importância para começar a entender a guerra contra os homens em nossa sociedade, dão-nos a experiência sobre o porquê da cultura tratar os machos de forma doentia. Embora eu deva fazer aqui algumas críticas sérias: se você, Hymowitz quer ser pro-masculino usando termos como “homem-criança na terra prometida” e Sra. Parker fazer uso do título “salvem os machos” dando a entender que os homens estão

afundando na água como baleias mortas, deveriam mudar essa conduta imatura, insultuosa por sinal, francamente. Isso implica que os homens são comparáveis a animais, o que obviamente é como as mulheres sexistas descrevem os homens machistas.

Quando estou lendo estes dois livros, não tenho a impressão de que os homens são seres autônomos que merecem igualdade como cidadãos livres numa sociedade democrática, mas sim que eles devam ser tratados suficientemente bem o bastante em troca de serem motivados a casar com as mulheres, fazer família, apoiá-los unicamente com a finalidade de proporcionar à mulher uma vida superior*. Eu sou de uma opinião diferente: que os homens sejam soberanos de suas próprias vidas, dignos de autogoverno com direito à justiça, à igualdade e a busca pela felicidade, porque eles são seres humanos em um mundo supostamente livre. É uma pena que tudo isso, a saber, gera um radicalismo tal que precisaria escrever um livro inteiro sobre o tema proposto. Alguém poderia dizer que isso cheira a óbvio, mas não é tão óbvio na América de hoje.

Outras obras como *Guyland*, por Michael Kimmel⁹ e *Meninos à Deriva: os cinco fatores que impulsionam a epidemia de jovens desmotivados*, de Leonard Sax¹⁰, juntamente com o livro de Hymowitz, tratam a falta de interesse dos homens pelo casamento como um tipo nocivo de adolescência prolongada, isto é, pormenoriza os homens com características infantis sentados na frente do videogame usando apenas uma cueca enquanto peida sem perceber; se, por outro lado, estas fantasias retratam um homem que escolhe não se casar, atinge, contudo, a postura de

* Esther Villar descreveu essa real situação em seu livro *O Homem Domado*. A mulher escolhe por seu livre arbítrio deixar o homem prover todos os recursos para ela e seus filhos em troca de elogios e sexo cuidadosamente dispensados, transformando ele, aos poucos, numa máquina de trabalhar voltado apenas aos interesses alheios. (NT)

fracassados pintando tudo que é de negativo à imagem dos homens. Poderíamos citar outro exemplo na figura de Richard Whitmire, autor de *Por que os garotos falham?*¹¹ Eis aqui um livro digno de escritos equivocados! Whitmire apoia constantemente as idéias de Hymowitz afirmando:

O inflexível trabalho de Kay Hymowitz expõe de forma crucial o crescente rebanho de homens-crianças que estamos testemunhando hoje; ela estabelece a dicotomia entre a realidade subversiva e o dilema do casamento...¹² Distinguem-se aqueles decadentes esquecidos na infância daqueles que permanecem na imaturidade sendo um homem/criança racional, mas que na verdade, não é o tipo de homem que você gostaria que suas filhas se casassem! Não bastasse as idéias de Hymowitz ser o exemplo infeliz da condescendência desses problemas masculinos, tais escritoras como ela tem seus súditos leitores que admiram-nas como “amigas dos homens”.¹³

Como se isso já não produzisse confusões sem fim, o livro ainda dedica um capítulo inteiro sobre o termo “homens-crianças na terra prometida”, concentrando uma bagagem acrescida de zombaria aos homens de hoje, irredutíveis ao amadurecimento, por conseguinte, taxando de crianças que, a desgosto coletivo, afugentam das responsabilidades e se recusam a participar de uma sociedade civilizada:

De nada contribui o SYM's [straight young male's — jovem macho certinho] para o crescimento econômico e tampouco cultural, além de voltar seus esforços apenas aos videogames. Era uma vez, os games criados para pirralhos... Comumente o lar doce lar do homem-criança é a internet, onde

determinado submundo virtual sem freios apraz seus desejos de forma arregalada ... Essa encarnação masculina SY pode ser vista em seu lado mais obscuro na pessoa de Tucker Max, dono de um site bizarro muito famoso entre seus semelhantes... De fato, a anormalidade espiritual está na persona do homem-criança — vê-se que o tom de bad boy alude com perfeição sua imaturidade, Max está condenado a um vasto lixão permeado por ilusões enquanto agarra seu pênis como uma criança presa em algum lugar ao redor do estágio de Édipo.¹⁴

Outro desses livros sobre declínio masculino é *O fim dos Homens e a Ascensão das Mulheres* de Hanna Rosin; e, sem dúvidas, é o trabalho mais decadente de todos estes livros juntos. A teoria de Rosin se baseia no princípio hodierno da competitividade, assim sendo, ela explana abertamente que as mulheres se adiantaram na corrida contra os homens em diversas áreas da sociedade, em virtude desse impulso, tornaram-se flexíveis para atuar tanto no mercado de trabalho quanto em casa, se adaptando frente a um modelo de vida moderna que os homens são ineptos. Com efeito, ela cita o feminino em seu livro como a “mulher elástico” dotada de uma capacidade maleável que se dobra e efetua com êxito diversas coisas ao mesmo tempo; o masculino, por outro lado, perdedores sem sucesso descritos como “homem de papel” para simbolizar a incompetência de não se adaptar à nova ordem mundial.¹⁵

O que nossa ilustre escritora esquece, porém, que apenas deslocou a direção do problema. Ao invés de expor uniformemente com que meios esse “admirável mundo novo” está sendo levantado, ela oculta. Ou seja, a nova ordem mundial que as mulheres se adaptam é um lugar onde os homens são discriminados, forçando um ambiente hostil contra eles nas

escolas, nas universidades, no mercado de trabalho, no lar e por toda a sociedade outorgando o fardo dos fracassos e a culpa por todos os males da história — e em nome da honra masculina, eles devem estar em conformidade e sofrer em silêncio para manter uma sociedade altamente feminina. Rosin desviou o olhar do sujeito nítido, da própria hostilidade massiva, para admitir uma instância indeterminada e nebulosa; e aqui se desvenda mais um enigma, o que ela aponta como “incompetência” masculina, na verdade, são homens rejeitando essas idéias ridículas e feministas que a sociedade impõe para feminizá-los.

Tamanho amadorismo nessa esfera abriu lapsos sem precedentes no que concerne a importância do tema, a concepção ideológica não consegue resolver o problema, ignorando, por si mesma, o motivo dos homens agirem do modo que agem ou como eles se sentem sendo discriminados frequentemente. Até mesmo o filho de Rosin ficou chocad com o título do livro; ela conta em uma matéria do *The Daily Beast*:

Algumas coisas podem acontecer quando você anda pelas ruas de Nova York gritando: o fim dos homens chegou, com um livro amarelo chamativo debaixo do braço, pode esperar receber aquelas encaradas zombeteiras, ou então, quando você acidentalmente deixa o livro repousado na mesa do café da manhã, o homem se volta a você, aponta para a capa com risos e pergunta o que é aquilo.

Mas se você é autora de um livro declarando abertamente o final dos homens, tendo um homem como marido e um menino como filho, ao invés da criança escrever notas escolares como “minha mãe está escrevendo um livro para mim”, ele deixa os bilhetes pregados na porta do meu quarto dizendo: “somente os valentões escrevem livros com um título o fim dos homens”. Diz a autora Hanna Rosin, cujo

ensaio de 310 páginas virou hit nas livrarias em 2010 na cidade de Atlantic. Ela esclarece: “É que ele está aprendendo sobre bullying na escola.”¹⁶

Ora, nota-se que o pequeno Jacob, filho da “célebre” feminista está num grau de compreensão sobre gênero mais elevado que a própria mãe. É isso mesmo Jacob! Sua mãe é um valentão e possivelmente quando você crescer, por seu turno, poderá liderar uma revolução masculina para ensinar valentões como a mamãe que os homens não são meninas defeituosas.

Afinal, como é que os homens crescerão num mundo a fim de se relacionar bem com as mulheres, se as próprias mulheres não suportam os homens desde antes deles crescerem? Com “amigas” assim quem precisa de inimigos?

Os editores e as mulheres reclamam dos homens por desprezarem livros de auto-ajuda e relacionamentos, mas se você ver o conteúdo destes livros, quem pode culpa-los por não ler? Qual mulher, em sua sã consciência iria comprar livros cujo conteúdo é voltado a criticá-las como um fracasso, um par de banhas montado num prato de almoço, inútil por não poder carregar o próprio peso? Mérito, antes de tudo, para alguns poucos que remontam as situações e elucidam a questão para o desenvolvimento masculino; outros, ainda, trazem entrevistas reais com homens para abordar o fato com mais precisão.

No entanto, a partir do momento em que estes mesmos livros acompanham a ideologia corrente, torna-se desfavorável para os homens visto que a opinião própria do autor está alinhada com os editores — que venderam suas almas à cultura feminista — definindo todo um comportamentalismo masculino beirando o fictício, como seres não civilizados, semibárbaros atrofiados, mongóis portando um cérebro primata, em suma, um ser

desclassificado apenas por ser um macho que se comporta como macho.

Afirmações como estas fracassa por completo quando a mesma questão é confrontada sob a ótica alhures referida, enquanto tais escritores focam nos homens e no comportamento masculino - que torna o caso superficial - outro embasamento traz à luz ponderações mais claras. Por exemplo, poder-se-ia perguntar, então, a cultura, fazendo alusão a seu modo de expressão, o seguinte: *Qual ponto crucial fez nossa sociedade crescer tanto durante milênios, que tornou-se tão desinteressante para os homens que a construiu?*

Talvez este ponto precisa ser mais incentivado para continuarmos a crescer como civilização. Entretanto, tudo o que a sociedade do século XXI mais quer dos homens hoje é que eles se casem, arrumem esposas e filhos, para então desencadear o inferno na vida deles; décadas atrás, um homem adulto e responsável era recompensado na sociedade com respeito, poder e consideração. Agora é taxado com todo tipo de rótulos negativos. Como uma abominação. Se você é jovem, já deve ter se defrontado com clichês do tipo “Boys Are Stupid”¹⁷, “T-shirts”, ou então ouviu nas aulas de saúde que você é um estuprador em potencial, uma ameaça ambulante, a sua namorada ameaçou “cortar” fora as suas bolas e, claro, não houve nenhuma repercussão sobre isso. Na faculdade, basta respirar no meio coletivo que você nota uma carga de hostilidade vindo em sua direção como uma faca, e a medida que você envelhece, isso só piora.

Após a formação você é constantemente retratado pela mídia como um idiota, um palhaço, um tarado pervertido, um pai fracassado, um caloteiro, um vadio e se ela tiver um filho e mais tarde você descobrir que não é seu, não importa, você terá que

sustentar; e, acaso não satisfaça os caprichos da esposa ainda recebe um olhar de morte.

Em síntese, você será um otário se crescer e cumprir o que a sociedade atual espera de um macho médio. Terá poucos direitos, menos igualdade e mais responsabilidades. Por outro lado, toda essa situação trágica muda radicalmente quando você escolhe não se casar. Uma pesquisa revela que os homens que apenas moram* com suas namoradas são duas vezes mais feliz do que se tivessem casados no papel. Outro artigo da Men's Health mencionou um estudo realizado com 2.737 pessoas dentro de um período de seis anos; os indivíduos afirmaram que eram mais felizes e confiavam mutualmente mais do que se fossem casados.¹⁸

Muitos relatam que: as namoradas ao vivo são mais magras, em média, do que as esposas.¹⁹ Há muitas razões pelas quais aqueles que moram juntos são mais felizes do que aqueles que se casam. O par cria menos expectativas um sobre o outro, podendo rejeitar obrigações indesejadas ou fazer aquelas tarefas rotineiras e chatas que mais serve como exploração.²⁰

Muitos homens cometem um erro grave quando atravessa o muro divisório entre morar junto e se casar com a namorada. Isso acaba por não dar certo, visto que as esposas tratam seus maridos

* Tenha em mente que o livro aqui se refere as leis dos Estados Unidos da América, onde a união estável não é reconhecido por lei, com exceção do estado do Colorado. No Brasil, se você vive com alguém por um número X de dias, meses ou ano, aos olhos da lei - segundo o artigo 1.723 do Código Civil - você é casado. Mesmo se os indivíduos não registrarem documento algum de união estável, se a mulher apresentar uma prova da relação por meio da sociedade ou por testemunhas – segundo o artigo da Lei 9.278 de 1996 - a união procede e caso haja dissolução, acarretará nas mesmas consequências de um divórcio de casado: divisão de bens, pensão alimentícia, etc. O Brasil é um dos raros países em que a união estável é reconhecida na Constituição e também no Código Civil. (N.T)

como ajudantes gerais do lar, mas nunca em pé de igualdade. Os homens casados tendem a ver seus amigos e familiares com menos frequência, o que pode prejudicar sua auto-estima*²¹ O casamento também pode acarretar falência financeira para os homens devido o divórcio; e, tão importante quanto a demanda monetária, os danos psicológicos são maiores nos parceiros masculinos originando neuroses e doenças mentais sérias, terminando em tratamentos caros ou, para fins de óbito, em suicídio.

A cultura destaca sistematicamente que as mulheres são seres tão “capacitados” quanto os homens, mas à medida que a reflexão progride, em correlação com que vemos no dia-a-dia, descobrimos que existe um homem por trás de todas as realizações feministas, femininas e de qualquer mulher comum, vai desde trocar uma lâmpada, um pneu, saúde, política, educação até a manutenção tecnológica e as altas economias do mercado de ações, e não pará-íamos aqui se fossemos listar tudo que faz a sociedade funcionar; detrás de cada mulher que se auto proclama independente, sempre terá um homem suando para ganhar a vida sob o peso de horas extras, ajudando com o trabalho doméstico, e, todavia, lançado no porão de casa tendo que concertar a bicicleta, o cortador de grama enquanto o resto da família desfruta do instinto doméstico e todo seu conforto. Dentro do casamento

* Kelly Musick, especialista da Cornell diz que: “o casamento pode estar consumindo tudo. O casal passa a adotar essa idéia de que são apenas os dois, e há essa pressão de ser amiga número um, a alma gêmea e tudo mais que faz o homem acreditar que não necessita de amizades fora do casamento e com os familiares. Mas essa união começa a se abalar quando a mulher passa a trazer os problemas do dia-a-dia para casa, ou ter segredos fora da rotina ou atitudes que não dependem do marido. É natural que um estado desses crie infalivelmente no casal uma atmosfera de grande pressão, e não há nada que influa mais na auto-estima do homem do que esse fundo de coisas ocultas e jamais reveladas.”

moderno o homem sempre será o segundo para sua esposa, as crianças e até o cachorro vem em primeiro lugar. Aquele ditado popular muito usado entre as mulheres sentenciando os homens no seguinte tom: “sua punição será dormir na casa do cachorro” reforça a idéia da esposa e da sociedade caso o infeliz não cumpra com suas obrigações, como o segundo do lar.²²

Pode parecer engraçado, mas não é. A sociedade munuiu-se de todas as armas contra o homem cis forçando um jogo maligno no casamento cujo baralho está voltado apenas para favorecer a mulher. E os machos, no que lhes concerne, sabem muito bem disso.

Uma variante singular é a concepção dos interesses próprios defendida pelos homens solteiros — em sua maioria jovens. As suas vidas livres do casamento pressupõe uma satisfação tão intensa consigo mesmo que chega a causar inveja nos seus irmãos de espécie, casados para sua desgraça, pois, a vida de um homem casado é sumariamente difícil, não tem nenhum respeito, tanto menos direitos constitucionais e nenhuma consideração moral. Diz-se que nem o sexo é mais uma recompensa, já que certamente decai com os anos; nada obstante, um homem solteiro pode encontrar sexo de qualidade em muitos lugares sem necessitar de casamento, até os homens submissos podem ter aventuras de dominação em programas especializados. Essas reais discrepâncias entre a situação de um homem livre/solteiro, análogo à situação dos homens casados/menos respeitados determina o âmago do “porque” os homens entraram em greve. Diante de todos esses posicionamentos, é preciso ressaltar que encontramos a contraposição primordial e básica nas vantagens da vida de um homem solteiro equiparado com as punições da vida de um homem casado, de forma clássica, a sociedade moderna expõe tal discrepância para homens casados nos seguintes termos desiguais: menos direitos na legislação, mais

responsabilidade civil, menos benefícios em programas governamentais, repúdio publicitário na arte, ciência e técnica, fortalecimento cultural para as mulheres casadas — nunca para maridos, claro — e acima de tudo a rejeição social. Em suma, todos estes atributos agregados ao privilégio feminino coloca a vida de qualquer ser humano macho no lixo; enquanto isso, os benefícios de ser solteiro conquista uma posição tão imensuravelmente vantajosa que, para escrever tudo precisaria de uma geração inteira de auto escritos e ainda assim não se esgotaria.

Da visão dos próprios homens

Ao observar como os “especialistas” transmite uma visão equivocada descrevendo homens como perdedores, descobri, enquanto pesquisava, que o ponto fraco destes livros é a falta de perspectiva dos próprios homens — ainda que algumas obras foram escritas por um homem. Os ditos entendedores dos “assuntos de macho” cria pontos distantes dentro de uma teoria da masculinidade para tentar compreender o fenômeno anti-casamento por parte dos homens. Quase sempre os caracterizam como *horndogs** travestidos de macho alpha, ou seja, os mesmos

* Horndog: "cachorro de chifre", "cachorro chifrudo", é um termo inglês para descrever alguém que está constantemente falando e pensando em sexo, sempre procurando um significado sexual em uma frase, num gesto ou numa fala. Que está sempre olhando para as outras pessoas de uma maneira sexual. "Pessoa suja". Um exemplo é quando alguém inocentemente quer “sentar” em uma cadeira e diz: "dê-me licença, vou sentar", surge a piada alheia: "gosta de sentar? Pode sentar à vontade!" Fazendo assim uma alusão idiota de que a outra pessoa quer sentar sexualmente.

protótipos que podem ser encontrados nesses livros estereotipados de *macho-man* e revistas como a Maxim voltada apenas para os pegadores; julgamentos a parte, o erro consiste em não enxergar que os homens são muito mais do que meros impulsos sexuais e reprodutivos, ou seja, que eles são essência de vida, entidades humanas. Se a reciprocidade entre os homens permeia uma solidez no que diz respeito a estas questões, quando parte dos especialistas a coisa piora mais ainda, a Maxim e caras como o artista *Tucker Max* são apenas dois exemplos de como é fútil a tentativa de formar conceitos dessa natureza, por conseguinte, seria o mesmo que buscar informações numa fraternidade de rapazes destacados no conceito de sexo urbano afim de usar como modelo para entender o sentimento do casamento, ou então, ouvir a descrição de como seria o relacionamento de todas as mulheres do mundo apenas de uma irmandade de garotas. Isso não chega a lugar algum.

Ainda que os pesquisadores fazem entrevistas reais com homens, a mídia, os jornalistas e até mesmo os próprios especialistas distorcem repetidamente fatores de peso, criando interpretações negativas no que tange ao enigma da rejeição do casamento e o fenômeno anti-crescimento*. Pior que isso, os pesquisadores ainda pensam, a valer, que casamento e o conceito de ser adulto traz algum benefício para os homens hoje em dia, mas quando você observa o comportamento masculino e interpreta mal as razões por trás disso, a verdade permanece elusiva. Estes agentes sociais não tratam os homens como seres humanos que tomam decisões racionais, mas os tratam como produtos de processos puramente materiais; e essas matérias e

* O mesmo que homem criança.

seus processos seriam, por sua vez, recursos que ainda não foram extraídos ao máximo.

Também encontrei, algures, outras pesquisas honestas neste mesmo campo de estudo, a exemplo, um relatório feito por pesquisadores da Universidade Rutgers relativo a recusa do casamento por parte dos homens que me chamou muita atenção — era indubitavelmente o estudo mais sincero que já li nos tempos atuais. No que diz respeito a investigação, sessenta homens “solteiros” na faixa etária entre vinte e cinco até os trinta e três anos foram entrevistados em Nova Jersey, Chicago, Washington D.C. e Houston. Nenhum destes homens eram gays, nem tinha qualquer complexo psicológico contra as mulheres e sequer haviam se casado. O processo apenas observado, portanto, muito nos revela, de per si, que existe uma conexão entre todos eles cujo ponto consciente foca três principais razões pelas quais esses homens rejeitam o casamento — digo de passagem que nenhum deles conheciam-se uns aos outros — pelo senso comum, as causas eram: 1) “eles podem conseguir sexo de qualidade superior muito mais fácil do que com uma parceira de casamento”, 2) “ter sexo com uma mulher sem compromisso, de modo que, toda a extensão de sua liberdade não será afetada, traz benefícios espirituais/materiais e ainda preserva a soberania individual da vida e 3) eles querem evitar todas as catástrofes imanente ao divórcio, pensão alimentícia, perda do lar e de seus bens, mantendo intacto seu patrimônio, deixando qualquer herança no final da vida para um sobrinho, irmão ou alguma instituição carente.”²³

E qual a conclusão desse relatório? Os homens não precisam de casamento para conseguirem o que querem em nossos dias de modernidade, ora companheirismo, ora sexo — aliás, segundo a pesquisa você consegue mais sexo se não for casado. Indo mais adiante, o estudo declara que: “os homens veem o casamento com

o último passo da vida em um processo prolongado de ser adulto.”²⁴ Isto significa que ser “adulto*” na visão da sociedade: casamento, e ser ‘adulto’ para si mesmo: livre, são coisas completamente distintas. Um dos pesquisadores da Rutgers, David Popenoe, disse em um artigo da *New York Times* sobre casamento: “são os homens que escolhem permanecer solteiros, os homens não se casam porque eles não querem.” Como eles não estão dispostos a se comprometerem como sempre, os homens foram lançados à margem da sociedade, longe dos atos costumeiramente sociais mais permissivos que tornaram aceitável conviverem juntos e criar os filhos fora do casamento”²⁵. Sim, os homens, na prática, sentem menos pressão para se casarem, o que é uma coisa boa em muitos aspectos. Eles foram liberados dos muitos costumes sociais e sua ampla rede permissiva.²⁶

A origem de muitos homens racionais boicotarem o casamento é que os incentivos culturais mudaram e, crescer para favorecer a sociedade humana não traz benefício algum para o macho, ao contrário, ele é severamente punido, então, por qual razão os homens entrariam nessa? O sexo fácil tornou-se um subproduto para aqueles que não querem responsabilidades enquanto aqueles que crescem e se tornam responsáveis nem em

* A mídia tradicional em união com o feminismo foi quem impulsionou com maior força esse desprezo por homens adultos e responsáveis. Uma das razões porque vemos esse ódio velado por toda parte na mídia comercial, está no fato de que os homens que dirigem estas mídias venderam seus semelhantes para agradar às mulheres. No começo, era divertido, simples e inofensivo, projetado para dar uma risada. Ninguém desrespeitavam os homens responsáveis. Mas as coisas mudaram. Hoje, toda feminista e a maioria das mulheres comuns têm ódio aberto e desprezo pelos homens responsáveis devido as suas muitas realizações como indivíduos. Elas apontam essa habilidade masculina como opressão em cima da fragilidade feminina; homens que realizam grandes feitos em prol da humanidade e, inclusive das mulheres são taxados opressores que não respeitam a igualdade entre os gêneros.

sonhos tem sexo a vontade e demasia, além do mais, também perdem a sua dignidade, seus direitos, seus filhos e sua liberdade financeira; os homens, naturalmente, já não ousam mais se arriscar em um casamento com todas estas exigências contrária a seus interesses. Assim sendo, ao invés de voltarmos nosso tempo tentando descobrir uma maneira eficiente dos homens se comprometerem com o matrimônio, devamos, sobretudo, concentrar nossas perguntas em: como podemos transformar o casamento em algo mais atraente (e honesto) para os homens? *Por que não falarmos com alguns homens comuns do dia-a-dia? Ou talvez, pessoas que entendem do assunto, que trabalham rotineiramente com outros que passam dificuldades e sabe como conversar com eles?*

Antes de mais nada, temos que estar cientes dos padrões normais aqui referidos, isto é, lançaremos a flecha para atingir aqueles caras em seus habitats naturais, aqueles que pensam que casamento é encontrar uma cinderela para fazê-la feliz, ironicamente, sem ter nenhuma noção de que já entram na sociedade como perdedores e que só conseguirão construir um bom casamento se satisfazerem todos os caprichos e necessidades de uma mulher. Nada de novo! “Mas onde é que estão esses caras?” Eu me perguntei, já que os homens estão cada vez mais escondidos. Notei que cada ampliação do círculo social masculino é sempre permeado de tecnologia, isso me fez pensar num lugar onde tenha internet e videogames, os homens são atraídos por esse mundo cibernético. Uma coisa boa sobre a internet: as pessoas — de ambos os gêneros — dizem coisas no ciberespaço que jamais diriam na sua cara. Até porque, estudos realizados em todo o país afirmam que “numa entrevista feita por computador, as pessoas tendem a revelar mais informações pessoais subjacente a questões relativamente particulares de suas vidas do que numa entrevista cara-a-cara.”²⁷

O que os homens estão falando na internet sobre casamento?

Dizem que os rapazes não conseguem superar a intimidade. Isso não tem nada a ver. Chega a ser triste pensar que os homens não conseguiriam lidar com esse processo, e, por temerem se aproximar demais, nunca conseguem chegar a lugar algum.

— Jack, no blog da Dra. Helen

Tempos atrás acessei meu blog que trata unicamente dos direitos dos homens com o objetivo de esmiuçar, massificar, os diferentes pontos de vista dos rapazes sobre o boicote do casamento; foi preciso, então, perguntar-lhes diretamente, segundo as suas explanações particulares, se o casamento estava em seus projetos de vida e, se não, por que? Certamente, a questão em apreço levantou tão abundantes comentários que me levou a crer que os homens não estão tão escondidos quanto dizem.²⁸ Por meio dos fatos reais, meus leitores trouxeram à tona a reflexão pura de como seria a vida de um homem casado dentro de uma sociedade cuja ramificação fixa as condições legais, psicológicas e morais da mulher em primeiro plano, conquanto, nesse cenário, as necessidades dos homens eram rechaçadas a beira do opróbrio. Pois bem, essa situação é real e está acontecendo agora. Primeiro, deixe-me dizer que minha posição política é libertária e não gosto da idéia de que o Estado interfira no contrato de casamento.

Penso que as pessoas deveriam ter a máxima liberdade de decidirem por si mesmas as regras de seus casamentos, mas isso só seria possível por meio de contratos privados — sem a intervenção do governo. No entanto, já que o Estado está sumariamente envolvido, vamos falar da realidade. Postei a seguinte pergunta em um artigo da PJ Media: “Você homem! O casamento é um de seus objetivos de vida ou não?” Milhares de

leitores responderam contribuindo com suas experiências individuais, muitos, entretanto, comentaram anonimamente.²⁹ De fato, havia muita raiva misturada com tristeza nas palavras desses homens e, conseqüentemente, você sabe o que isso significa para o politicamente correto e toda uma multidão de cavaleiros brancos: eles os definem como homens que reclamam de tudo, sentem ódio no coração, não aceita o término do relacionamento e acabam sendo postulado como fracos e misóginos, ou ambos. Eu afirmo com toda veracidade dos fatos, eles não são nem um nem outro.

Quase toda feminista sente raiva dos homens ou estão tristes, todavia, este pormenor acaba sendo um oxímoro para justificar suas reclamações contra o macho, e, afinal de contas, os homens ali estavam apenas respondendo à minha pergunta de modo legal cuja legitimidade expressa toda carga emocional enraizada neles sem nunca terem posto para fora, bem como as injustiças sofridas perante a lei. Alguns dos leitores declararam nos comentários que haviam sido alertados pelos outros homens mais experientes de que o casamento é uma armadilha, assim sendo, tais admoestações foram incumbidas a fim de não cometerem o mesmo erro. Exporemos um comentário claro de um anônimo que afirmou:

O maior problema é que de 10 caras com quem conversei, pelo menos 7 me adverte de que foi um dos piores erros já cometidos em vida. Tantos outros me recomenda não casar com mulheres americanas, pois elas são feministas de nascença; meu amigo, certa vez, me disse que se eu quisesse sentir os efeitos de um casamento, que eu deveria vender minha casa, dar todo o dinheiro embora e contratasse alguém para me castrar. Esse fato aparentemente incomum marcou um forte desânimo em mim e quanto mais eu aprendo sobre

o viés legal contra os homens na lei, tanto mais me afasto do elemento matrimonial. Eu gosto muito da minha namorada, porém, este é outro fator oriundo das vertentes do casamento, todos esses homens me disseram que suas namoradas e tanto outras namoradas de milhares de conhecidos mudaram radicalmente de comportamento após se casarem, bastou assinar o contrato para manifestar — consciente ou inconscientemente — o desejo de dominar e controlar. Começo a pensar seriamente que o casamento na América não pode mais ser salvo.³⁰

Outro ainda contou uma situação mais dramática do ponto de vista emocional, influído pelas vias do amor, levantou recursos para nutrir seu casamento com muito suor e trabalho duro, mas um surto monetário desencadeou uma virada ao avesso sobre seu conto de fadas que acabou fortemente golpeado pelo divórcio:

Conheci uma mulher no passado que me fez acreditar ter encontrado minha alma gêmea. Na época eu pesei: “é essa”. Eu estava profundamente apaixonado, contudo, esse paraíso mítico mudou drasticamente quando fui demitido do meu bom e velho emprego que, para todos os fins, me dava um salário capaz de construir uma vida inteira. Eventualmente fui trabalhar em outro emprego e, mais tarde, já estava com mais um, assim tinha dois empregos; só que a renda destes dois trabalhos gerava somente 80% equiparado à minha antiga renda. Minha esposa, a mulher dos sonhos me deu um ano para resolver esse revés, entrementes, ela passou a transar com um homem de emprego garantido. Enquanto eu trabalhava ela fazia sexo com ele na minha cama e, além de tudo, ainda gastava minhas economias destes dois empregos levando com ela tudo quanto pudesse carregar. A sua

explicação foi que: ela era uma “vadia cara”, sem irrupções, eu estava infeliz por causa da minha ruína financeira. Diante do tribunal, o adultério por parte da esposa não fez NENHUMA diferença para o juiz e ela saiu com TUDO. Além da perda financeira, meu psicológico ficou de tal modo arrasado pela traição que nos próximos meses não conseguia energia para repor os arroubos. Foram várias internações e não tive forças para empreender financeiramente por causa do tratamento com psicólogos, mais tarde, sob orientação médica, fui recomendado a voltar a trabalhar, no entanto, os tormentos psíquicos voltaram e acabei afastado. Ela me tratou com um verme, e além de perder quase todo o excedente de trabalho, nunca mais consegui o que tinha.³¹

Houve um análogo comentarista com o nome de “confuso” que afirmou:

O problema é que o casamento tornou-se um contrato fraudulento para o homem mediano. O Estado através do Congresso usa o poder judiciário para executar o processo legislativo em benefício da mulher, estas leis, irredutíveis pra variar, é a coleção completa de tudo que os tribunais de família precisam para destruir a vida do marido. No dia do casamento civil, no momento em que você assina o contrato, você concorda com todos os termos e políticas do mesmo Estado que está pronto para desgraçar a sua vida³²

Jack, o crítico que vimos acima, comentou de forma astuta:

Dizem que os rapazes não conseguem superar a intimidade. Isso não tem nada a ver. Chega a ser triste pensar que os homens não conseguiriam lidar com esse processo, e, por

temerem se aproximar demais, nunca conseguem chegar a lugar algum.³³

Outro comentarista muito revoltado chamado Barry disse:

Particularmente, odeio a idéia de que uma mulher tenha direitos morais e civis para fazer da minha vida um inferno, tais como, eliminar meus passatempos até que eu atenda todas as demandas dela. Ora, eu devo segurar a minha língua e meu temperamento porque a cultura chama isso de opressão masculina, enquanto a esposa berra inúmeros insultos agressivos seguidos de gritos estridentes, exigindo que: “se eu a amo, tenho que parar de andar de cavalo, bicicleta, etc.” E convenhamos! Ela não diz, “pare de andar a cavalo”, mas diz “EU QUERO” que você deixe esse cavalo inútil, não porque estou reclamando, mas porque “NÃO QUERO” que você vá andar por aí de cavalo, bicicleta e tudo mais! Você escolhe seus hobbies para se aliviar da vida de marido, mas o único recurso que existe é o divórcio, onde o Estado leva todos os meus bens e os dá para ela. Honestamente, eu quero que se f*** o casamento moderno, nada menos que isso.³⁴

Será difícil encontrar dentro da sociedade alguém que sinceramente dê ouvidos as estes homens na internet, as pessoas estão acostumadas a relevar problemas deste cunho como causas superficiais e enfim passageiras, e não como o começo de uma futura contracultura que se instala.

Quando ouvimos os mais esmorecidos, podemos entender melhor o que muitos homens pensam em segredo, mas que não conseguem dizer abertamente. Olhemos mais de perto como se constrói essa concepção.

O que os gamers estão dizendo sobre casamento

Muitos caras que optam por sair fora dos relacionamentos não estão pessoalmente irritados com as mulheres, eles, por pura e simplesmente vontade não veem sentido algum em se envolver com elas.

—Vox Day, designer de jogos do site The Alpha Games.



Source: <http://alphagameplan.blogspot.com/2012/02/introducing-hypergamouse.html>

De maneira elementar, Vox Day é um blogueiro que dirige um site muito famoso chamado The Alpha Games®. No topo da página inicial, o homizio subliminar traz a seguinte legenda: “quebrando as correntes, derrubando as barreiras e salvando a civilização ocidental.”³⁵ Ele trabalha como desenvolvedor de jogos, é artista de HQs e também atua como web designer; mais importante, poder-se-ia objetar que Vox é o gamer mais interessado nos assuntos relativo as dificuldades amorosas do homem moderno. Seu site possui um amplo espaço para discussões onde aborda diversas categorias começando desde os

jogos mais populares até as piores dificuldades que um homem passa nos relacionamentos contemporâneo.

Deveras formal, no tocante à aparência; o site, por outro lado, é muito mais acessado por aqueles que buscam informações sobre como os gamers vive sem casamento do que propriamente os jogos que os desenvolvedores lançam no mercado. Mas antes de adentrar mais profundamente nesse ninho de gamers, vamos nos atentar para alguns termos importantes correlato à adição de mais perspectivas. Uma grande multiplicidade do colóquio presente naquele ciberespaço – principalmente aqueles interessados na teoria “PUAs — *pick up artist*”^{*} usam muito a palavra hipergamia, que é um termo usado para “mulheres com tendência de buscar o homem mais destacado entre os demais.” Em um artigo do *Wall Street Journal*, James Taranto dedicou um tópico inteiro a este termo enquanto escrevia sobre as mulheres americanas, segundo ele, a hipergamia está geneticamente ativa no ser fêmea como um dispositivo seletivo que influencia suas principais funções para buscar o macho dominante do rebanho, bem como o instinto de eleger para si o mais elevado para fecundar. Esse ímpeto natural está presente nas principais espécies animais e, portanto, pode esclarecer a relação entre percepção e representação da fêmea com o macho em sociedade.”³⁶

Vox Day - assim como os PUAs e outros blogueiros do gênero — descreve uma hierarquia social masculina para classificar os homens em geral. Segue algumas destas características:

* Pick Up Artist: artistas da sedução. São homens voltados à arte de seduzir mulheres para seu sucesso sexual, social e individual. Raramente busca compromissos, mas também evita mulheres em excesso. É uma condição de meio termo para preenchimento individual do ego. (NT)

Alphas — a elite masculina, os líderes no meio dos homens que as mulheres frequentemente cobiçam.

Betas — a pequena aristocracia. Eles são populares em suas áreas, bem sucedidos na vida e, exponencialmente muito inteligentes. Alguns deles podem até ter uma boa aparência, porém, de acordo com seu modo de expressão, eles não tem a força e o caráter dos alphas, e, por sua vez, acabam isolados dos círculos sociais.

Gammas — aqueles que vivem do obséquio, como não tem talento nem vocação para algo, preenche estas qualidades com favores, ora para mulheres, ora para homens superiores. Eles marcam presença na cavalaria branca, na bajulação e na onipresença. O cavaleiro branco — gamma — está por trás de todas as conquistas feministas na atualidade como principal objeto das mulheres. Quase todos os homens, com exceção dos verdadeiros alphas, caem no comportamento gamma de vez em quando, aparecem como capitão-salva-calcinha sempre que uma mulher está em “perigo”; eles são, evidentemente, um desprezo para os alphas e betas, os alphas, em particular, mantêm distância dos gammas para não precisar dever nenhum favor e, sequer deixa-os se envolverem demais.

Omegas — os perdedores. Até os machos gammas desprezam esta classe. Por serem inexcusavelmente perigosos, existe um lema que classifica-os como: “aquilo que não os mata, os torna mais forte”. A maioria deles nunca superam as rejeições sociais e terminam fatalmente em tragédias. São os responsáveis pelos casos de suicídio seguido de morte contra suas parceiras, assassinatos em série contra colegas de escola

e universidades, tornando-se na maioria das vezes num genuíno *serial killer*; esse preponderante impulso é propagado devido a uma ou muitas desaprovações que sofrem na vida, tendo como desculpa o ato bárbaro e radical como pretexto.³⁷

A identificação destas categorias são sumariamente importante para discernir entre estas e outras figuras de linguagem usada no underground masculino — especialmente no vocábulo cibernético. Quão explicito fica o comportamento gamma ou ômega do personagem The Big, da Bang Theory, uma vez que ele está fadado as extremidades inferiores rastejando pela atenção de alguma mulher em troca de favores.

Dito isto, voltemos nossa atenção à pergunta fundamental aqui discutida. O que os gamers pensam da instituição do casamento? Eles boicotam ou não? Veremos. Vox Day postou um inquérito no site The Alpha Games® direcionado ao seus milhões de inscritos em todo o mundo, a postagem pedia as informações demográficas, estado civil, casamento como objetivo de vida e uma auto percepção peculiar às classificações acima, tais como alpha, beta e destarte sucessivamente. Dentre uma miríade de respostas, destacamos 141 comentários masculinos e 14 femininos. Para calcular de maneira mais significativa a renda média entre cada grupo, dispensei os salários mais altos que estavam locados na primeira posição entre o masculino e, conseqüentemente fiz o mesmo entre o feminino; ademais, descartei também os cinco últimos *outliers* masculinos, igualmente, exclui os últimos cinco *outliers* femininos.

Primeiro os homens. A idade média é de 37,8 anos (mediana 37) com uma renda anual de US \$ 74,800 ([mediana é] US\$ 65k) e 7 ([mediana é 3]) contra 3 tem uma vida sexual

ativa. 76% são religiosos, 24% não são. 49% são casados, 51% não são casados e 14% se divorciaram. Quase todos os homens divorciados não querem se casar novamente.

A regra 80/20 está amplamente fundamentada nessa pesquisa e, estes 20% (média de 27) são homens bem sucedidos de sucesso financeiro e sexual, eles fizeram sexo com 617 das 921 mulheres que já conheceram, todas dispostas a terem uma noite de sexo sem compromisso, totalizando assim 67% delas. Mesmo que não incluamos os *outliers*, por definição, é necessário fixa-los aqui, visto que dentre eles podem haver machos alphas com bom empenho sexual e betas com excelente posição financeira, ainda que não conseguimos determinar uma média nesse caso. Tomando como dados os 10% dessa classe sem responsabilidades que se recusam a serem adultos na sociedade, apenas 28 homens fizeram sexo com cerca de 1099 das 1447 mulheres dispostas, ou 76% delas. Por via de regras, vamos estabelecer um novo padrão, daqui em diante tomaremos as proporções na escala de 75/20, em que 20 por cento dos homens estão tendo 75% dos encontros sexuais.

Já as mulheres foram mais substancialmente pró-casamento do que os homens. Dentre elas a maioria feministas, 86% estavam satisfeitas com seu casamento ou estão em busca de um homem para se casar, contra 63% dos homens que estavam satisfeitos com o casamento ou tem como objetivo se casar — dentre estes, muitos gammas. No geral, os homens divorciados e sem religião eram os mais anti-casamento, os jovens — com ou sem religião — são ainda muito mais propensos a rejeitarem o casamento. Entretanto, a diferença média entre os pró-casamento e os anti-casamento durou apenas um ano nessa pesquisa. Quanto mais aqueles que sonhavam com casamento aprendia sobre o contrato

matrimonial civil, tanto mais o gráfico mudava e abrangia toda a gama de idade masculina passando a recusar o casamento.

O sucesso sexual está intrinsecamente ligado com o sucesso financeiro dos homens; a renda média daqueles 28 ALPHAs — *outliers* — com uma média de 38 anos era 50% maior que uma renda anual de U\$ 112k. O rendimento médio de homens virgens, cuja idade média era de 31 anos, foi 16% menor do que a norma em US \$ 63k. Obviamente, 7 anos de diferença entre esses *outliers* denota um grande acúmulo de experiências de vida capaz de gerar vantagens das mais profusas que, por suas vias, beneficia sempre os mais velhos, embora, não o suficiente para dar conta da total disparidade. Com efeito, o dinheiro não é nitidamente o único determinante da indutância já que existem muitos alphas sem renda e tantos milhares de virgens com rendas muito altas; de forma subjetiva, se excluíssemos um *outlier* de ambas as extremidades faria tal similitude potencialmente muito mais forte.

De fato, existe uma diferença crucial entre o alpha e o *high alpha*, da qual linha divisória demarca 40 parceiras a mais na coleção de caça durante a vida — está aí a importante distinção que as mulheres tem requerido — qualquer homem com um histórico de 30 parceiras sexual a mais que o alpha comum, provavelmente deve ser um implacável jogador interiormente inadequado para um relacionamento a longo prazo, a saber, em comparação com aqueles 62% anti-casamento. Compare os 66% dos virgens masculinos que, aliás, são anti-casamento com os 80% de alphas na ordem de 15 a 30 parceiras que eram pró-casamento; todos estes oitenta por cento são anti-casamento e não religiosos e a maioria eram divorciados.³⁸

E o que significa tudo isso? Afinal, o que sexo, gamers, alphas, etc. tem a ver com greve de casamento? Significa que os homens, de forma genética e natural, que tiveram trinta ou mais parceiras na vida não estão nem um pouco interessados em se casar — sem nunca ter precisado passar pela amargura de um conjugue/divórcio como experiência de vida - análogo a este fator, os homens virgens são fortemente os mais anti-casamento, visto que, rejeitam o matrimônio sem nunca ter precisado consultar como funciona um contrato de casamento civil. Para ambas rejeições, é uma similaridade muito interessante.

A julgar pelo macho alpha, sua classificação exclusiva conta pela quantidade de mulheres no rebanho, mas leitores do sexo feminino, tome nota: aqueles homens alpha conforme finalidades limitadas, isto é, que abarca entre quinze ou vinte mulheres na sua manada, são, assecuradamente, aqueles que mais tem espirito de casamento. Talvez, nem todo alpha seja um caçador de novinhas, é mais provável que um homem de liderança tenha mais experiência para orientar a esposa e fazer um casamento dar certo do que muitos religiosos em nome da santidade, sem contar que, pela sua perícia pode até ser confiante a ponto de driblar as leis jurídicas do casamento. Mas veja bem, talvez.

Nesse ínterim, os não-alphas apresentam uma situação diferente. Para aqueles homens betas e gammas, sobram, portanto, muito menos mulheres disponíveis e geralmente são de segunda linha, em virtude dos alphas terem acesso à elite feminina. Agora, se 24 por cento dos alphas estão objetivamente distribuídos entre os 76 por cento das mulheres, as perspectivas de um encontro sexual são relativamente pobres para aqueles 76 por cento dos homens betas e gammas que estão aquinhoados com os 24 por cento das mulheres — a sobra.³⁹ Quando entendemos, porém, que daquelas 76% algumas são virgens, e

consequentemente são anti-casamento, podemos chegar à conclusão de que elas não tem nenhuma forma de temor em ficar sozinhas, pois têm menos mulher para escolher no mercado matrimonial e as disponíveis são inferiores à elite, de tal forma que essas virgens não se sentirão socialmente rejeitadas. E todos aqueles 76% de betas que sobraram com poucas mulheres, voltam-se para os videogames, HQs, livros, viagens e, de maneira subjacente, rejeitam o casamento como sendo um estorvo frente a sua vida cotidiana. Foi isso que Vox Day quis dizer quando relativizou os gamers mais jovens com quem mantem fortes vínculos, assim ele descreve:

“Posso afirmar com extrema sumidade, com a máxima perspectiva, por ter experiência pessoal na psicologia da indústria tecnológica e por ter conexões sob vias diretas com os jovens do mundo dos games. Milhares deles estão na faixa dos vinte, se formaram em boas escolas, possuem talentos incríveis e simplesmente ZERO interesse em mulheres. Seria assustador se não fosse bizarro.

Na prática, essa teoria da greve é verdadeira. Eles se desviam do sujeito [as mulheres] e se volta para o objeto, ou seja, seus próprios passatempos; visivelmente, a questão é que os games e a pornografia traz um custo benefício muito mais vantajoso, além de divertido, acessível e absolutamente confiável. Haja vista que as mulheres podem até ser divertidas, todavia são caras, inacessíveis e para a grande maioria dos homens são chocantemente não confiáveis. Eu percebo que a pornografia evoluiu fortemente à semelhança do que era no passado, integrando elementos que pareciam estar fadados ao cumulo do ridículo através de Little Miss Real Life que, frequentemente repetia sua tragédia feminina enquanto explodiam a cabeça dos telespectadores só de ouvir

sua voz. Jane Pornstar é duas vezes mais gostosa, ela realiza todo tipo de acrobacia na cama capaz de levar ao delírio, faz tudo o que você gosta e como você gosta enquanto se diverte, e, acima de tudo, é barato. Se você pensar mais profundamente sobre isso, de maneira complementar, acrescenta-se a essa concepção a síndrome da "missionária" na qual mulheres medianas oferecem ao parceiro um sexo chato uma vez por semana – dependendo seu ânimo e claro, se você merecer. Ela consiste na separação de seus períodos semanais, não a peculiaridade de responderem a todos os estímulos sexuais do parceiro.

Em contrapartida, hoje pode-se ter qualquer pornstar exclusivamente dos vídeos que você assiste na internet, pronta para os fetiches mais extravagantes até animações japonesas no cardápio, imagine tudo isso ao mesmo tempo atendendo em demanda? Estes termos difusos, entretanto, não é tão simples quando você observa sob outra ótica. O maior problema de comunicação é que a maioria das mulheres vê o “relacionamento” como um negócio positivo. Já a maioria dos homens vê como algo desvantajoso — e esse percentual não para de crescer. Quando os pontos de venda de Little Miss Real Life e seu relacionamento de verão confronta com Jane Pornstar, percebe-se à distância qual dos dois será mais atraente ao público masculino.

Não é questão de qual das duas é mais “foda”, mas qual espelha mais na vida real com seu público. Geralmente esse público estão adentrado no mundo eletrônico, são gamers, particularmente os jogadores sigmas. Muitos caras que optam por sair fora dos relacionamentos não estão pessoalmente irritados com as mulheres, eles, por pura e simplesmente vontade não veem sentido algum em se envolver com elas.”⁴⁰

Os videogames são ótimos, estão dando àqueles 76% dos homens que precisam compartilhar 24% das mulheres um lugar aonde eles se sentem vivos, satisfeitos, masculinos e acima de tudo livres. E onde mais eles se sentiriam como um verdadeiro alpha? James Taranto acrescenta naquele artigo do Wall Street Journal que: “existe uma razão porque homens são atraídos de forma constante a esse mundo virtual. Os games são um verdadeiro simulacro da virtude masculina: possui desafio, maestria e controle.”⁴¹ Ao que parece, as mulheres não podem mais fornecer o desafio de maestria aos homens, já que os riscos não vale a pena e não há garantia nenhuma, por isso, os gamers crescem a cada dia. Sobre o macho alpha, teremos que abordar mais agudamente em pesquisas futuras. Até lá, vamos consultar os homens pertencente à realidade abstrata para saber mais do enigmático boicote ao casamento.

O que os homens nos bares e os jovens da universidade estão dizendo sobre o casamento

“Oito entre dez garotas da minha idade hoje, são um “esboço” referencial para evitar o casamento.”

—Max, 23 anos de idade. Estudante do ensino superior.

“O casamento é um conceito moribundo. “

—Jamie, 24 anos, ambas perguntas relativas a: por que os homens não estão se casando frequentemente.

Continuei minha busca ininterruptamente pelo mundo; sem descanso, procurava os homens para inquirir sobre a rejeição do casamento. Designei a universidade por ser um bom lugar de discussões, a saber, informalmente o que os jovens pensava a

respeito do tema em questão. Em tempos de modernidade, pós-modernidade, os rapazes sempre se destacaram nas minhas reuniões de unânime contato com os homens de meia-idade, e, por várias semanas seguidas pude contemplar muitos prodígios aflorados nas entrevistas. Doravante processo, comecei a observar atentamente os jovens que estavam puxando peso na academia da escola, quando eu os fitava nos olhos, percebi que eles desviavam o olhar imaginando que eu era um predador preparando para dar o bote numa presa. Queria dizer-lhes seguramente que eu não era tão excitante assim e nem estava armando nenhum golpe contra eles nos tribunais.

A essa consequência, pude me aproximar estreitamente de um cara chamado Max, bem como relativo a pesquisa, concordou em colaborar comigo sobre os temas atribuídos aos homens de sua idade, que, naturalmente, também iria cooperar com o livro que eu estava escrevendo. Mediante abordagens iniciais, fora relutante, mas quando afirmei que sua entrevista ficaria no anonimato e seu nome seria trocado, ele cedeu a ponto de sua preocupação com o que pudesse falar e me deixar chateada desaparecesse; também notou que não havia nenhuma expressão de descontentamento no meu rosto com o que estava dizendo e passou a dialogar tranquilamente sobre a proposição matrimonial.

Max era um garoto de inteligência notável, 23 anos de idade, bombado, estudante universitário, branco de cabelos loiros e natural de Michigan, por sinal, tinha uma namorada. “Você pretende se casar com ela?” Indaguei, ao que ele respondeu: “Sim”, mas rapidamente admitiu ser um dos raros “sortudos” que existem na América. Quando questionei o “por que” de ser um “sortudo”, ele dissera que tinha uma namorada honesta e digna de confiança, que já estavam namorando há cerca de um ano e as coisas estavam indo muito bem. Seu pai o deixou ainda criança, quanto à sua educação ficou por parte da mãe e mais tarde de seu

padrasto com o advento do segundo casamento materno. “Meu padrasto era melhor que meu pai, agora minha mãe não estava mais sozinha. Um dos meus tios é divorciado e, nunca gostei da vida que ele leva naquela casa solitária. Minha irmã também é divorciada, então sim, eu penso sobre como alguns casamentos pode dar errado.” Como encontramos aí uma argumentação clara e nítida, ser-nos-á fácil detectar o seu erro básico. Max era ingênuo correlativo a legislação do contrato de casamento e os processos jurídicos a despeito do divórcio, ele afirmou, por seu turno, que tivera algumas aulas sobre leis de separação conjugal na faculdade de direito, mas não tinha nenhum discernimento sobre o Tribunal de Família. Deveras deficiência no assunto levou-o à crença de que se um dia ele enfrentasse o divórcio, os tribunais seriam justos e inclinar-se-iam a “todos” os seus direitos. Até reconheceu que: “a nossa sociedade se tornou feminina. Meu próprio padrasto traz o dinheiro para casa enquanto minha mãe ordena como gastar.”

Podemos ver que Max não era tão desinformado quando se trata de escolher uma mulher para se casar. “A maioria dos meus amigos que estão entre os vinte e tantos anos nem querem ouvir a palavra casamento propriamente dito. Muitos deles, prontamente, se apaixonaram por suas parceiras e terminaram a beira de um colapso; e tão logo esse comportamentalismo feminino se elevou no conceito de relações, que os homens reagiram acima da satisfação sexual e de suas necessidades básicas, desencadeando uma recusa massiva do casamento. Eu acho que as garotas, há muito tempo, talvez quarenta ou cinquenta anos atrás não se deixavam reduzir como pessoa arrumando amantes, traições, trapaças e eram muito mais confiáveis. Agora as mulheres tornaram-se copiosamente o que os homens costumavam ser — em sua decadência, logico — sem dúvida, posso alegar que oito entre dez garotas da minha idade hoje, são

um esboço referencial para evitar o casamento e cerca de seis ou sete caras em cada dez são homens em quem elas podem confiar.”

Pressupondo e integrando seu depoimento, aproveitei e perguntei o que significava “esboço referencial”. Max respondeu: “muitas mulheres estão perdendo a razão humana; elas estão atrofiando até seu comportamento animalesco, quando na verdade é apenas a expressão do instinto sexual animal. Flertam com diversos rapazes ao mesmo tempo e fazem sexo com vários simultaneamente, as que transam com você no primeiro encontro são as mais propensas a te traírem com outro, isto é, quanto mais quente e liberal forem essas garotas, tanto mais substancial e profundo será o golpe. Eu acho que essa é a lógica que impulsiona os caras a passar por oito das dez garotas para encontrar aquelas duas cujo comportamento não adere o esboço referencial das oito restantes.” Interpelei se o fato de homem e mulher ter sexo no primeiro encontro, não era por consequência do estado de solteiro, entretanto, Max explicou que o sexo logo de cara não era necessariamente a razão porque os homens estão evitando o casamento, “há muitos outros fatores”. Ele continuou dizendo que este tipo de comportamento somente denota uma mulher indigna de confiança; “se ela deu pra você no primeiro encontro, ela pode dar para seu amigo no próximo. Minha namorada me fez esperar,” afirmou. Também disse que calculou a matemática do matrimônio e sentiu que, em particular, os benefícios vindos da namorada supera os gastos. Max se considera um dos últimos homens na América que ainda acredita na instituição do casamento se “a mulher for especial”, já que seus amigos tratam este fenômeno feminino como uma fábula mitológica.

“Nos tempos passados, ter uma esposa com falha de caráter era sinônimo de desaprovação social; a sociedade poderia oferecer, no máximo, um lugar para refúgio tal qual repercussões não chegaria aos ouvidos das outras mulheres corretas. Nos dias

atuais, as mulheres infiéis são consagradas e encorajadas pela cultura. Whoopi Goldberg falou orgulhosamente como traiu seu marido e, sem qualquer julgamento social, ainda ousou dizer numa entrevista: enquanto casada, você está naquelas cinco ou seis transas rotineiras e com homens diferentes chega ao orgasmo, como pode chamar isso de sexo casual? As celebridades que o digam.⁴² Ela nos apresenta a traição como uma mera justaposição no espaço e uma sucessão no tempo, um agregado de detalhes desconexos que não há necessidade de desaprovação social. Mas se você é Tiger Woods e por distração é pego pela esposa enquanto olha uma garota seminua na propaganda de lingerie, você será atingido na cabeça com um taco de golfe e enquanto sangra, sua esposa é aplaudida pela sociedade por quase te matar; você também perderá grande parte de sua renda e patrimônio no acordo de divórcio e poderá perder até seus filhos para sempre, mesmo que a mulher trapaceie. Pior que isso, você ainda será o bode expiatório e levará toda a culpa, observe atentamente: se uma mulher te trai, você é o cara mau, as pessoas indagam o que você fez de errado para levar sua esposa a te trair; se um homem trai, por outro lado, a esposa é uma vítima e o marido um lixo que merece ser torturado no calabouço.

Nada desempenha um papel mais controverso no engenho do mundo moderno. Agora que o casamento se tornou um campo minado para os homens, eles tomam extremo cuidado ou, nem se casam. Nem a lei nem a cultura apoiarão eles se fizerem coisas erradas, a mulher é emponderada e sua sexualidade é celebrada. A sexualidade masculina é muito mais controlada pelo sistema legislativo, pela sociedade e — principalmente — dentro do casamento.

O próximo da lista de entrevistados foi Jaime, um jovem entusiasta de vinte e quatro anos que, além de estudar, trabalha aproximadamente sessenta horas por semana. Cresceu em Oak

Ridge, Tennessee, mas se mudou da cidade natal e atualmente mora com mais dois amigos de idade equivalente a sua, estuda numa faculdade comunitária onde cursa administração de empresas; ele preferiria, sem distinções, cursar em qualquer instituto particular por quatro anos direto, mas essa escolha fora infundada devido a muitas desistências da faculdade estadual e mais tarde chegou à conclusão de que não valeria a pena.

Seus pais foram casados por vinte e sete anos. “Eu não planejo me casar até que eu tenha uns trinta anos e possa sustentar uma família,” disse num tom de voz firme, Jamie tem uma namorada e afirmou seguir uma agenda rigorosa de passeios nos finais de semana, contudo, não gosta de seguir as exigências, em seu tempo livre prefere ficar em casa descansando, dormindo e cozinhando, uma pena ele não ter esse tempo livre. “Para quase todos os meus amigos, incluindo aqueles dois que moram comigo, o casório é algo que nem existe em seus pensamentos. Minha geração passa muito tempo em baladas, festinhas universitárias e coisas semelhantes onde a infidelidade é lei. Se você vai numa festa destas e conhece uma garota, há uma probabilidade dela estar afim de um cara enquanto está te beijando ou já tenha transado com outro, e não seria nada estranho se depois de toda essa orgia ela ainda te der o número do celular.” Afirmou Jamie.

Ele sente que sua geração fora influenciada por celebridades e reality shows, onde todo mundo está sempre curtindo e festejando o tempo todo. “Veja Kanye West, por exemplo, o cara tem todas as garotas mais gostosas e as mais sexys que um homem pode cobiçar, são várias ao mesmo tempo e quase nunca as mesmas. Acha mesmo que Kanye abrirá mão de um panteão de vadias para se casar com uma só esposa? Duvido. Jamie descreveu o casamento moderno como “um conceito moribundo”. “As pessoas se casam meramente por cobrança social/moral, ter filhos e dar continuidade na reprodução humana,

observe, os homens que não se casam vivem muito mais, não tem colapsos mentais e podem viver tranquilamente enquanto livres.” Sua forma de elucidar melhor o assunto transpassava um ar de causalidade, tal qual homem e mulher são a causa, e, sexo, casamento e a reprodução são o efeito.

Ele relatou um caso ocorrido com um amigo próximo que, quando tinha vinte anos, conheceu uma garota de dezesseis numa festa, depois da relação — livremente por parte dois — os pais da moça o acusou de abuso sexual. O cara não conseguia arranjar emprego em parte alguma, uma vez que seu nome e sua identidade contava nos registros criminais como estuprador de menores. Quando questionei o que ele faria se algo assim acontecesse com ele, Jamie levantou os ombros e respondeu: “se foi o legislativo que criou esse sistema, quem sou eu para mudar a lei? Tudo que posso fazer — e que qualquer homem inteligente faria — é evitar se envolver para não cair numa cilada dessas.” Persisti no conteúdo e acrescentei: “e se você for acusado mesmo sem participação, ou seja, se estivesse na faculdade levando uma vida comum e uma garota o acusasse inocentemente de agressão sexual? Ele respondeu: “tenho certeza de que eu seria crucificado. Graças ao padrão cultural exibido nas TVs, a sociedade veemente defende a garota como uma vítima e aponta o cara como um demônio que merece ser linchado, e, caso tenha uma turba disposta em derredor do caso, eles lincham mesmo.”

Essencialmente, Jaime possui uma forma parabólica diferente da trajetória que um homem passa quando incriminado por uma mulher mal intencionada, ele acredita que nada irá acontecer com ele e caso aconteça, reagirá apenas no momento ingurgitado. Porém, sua calma foi posta à prova quando adentramos na formulação da paternidade; com um temperamento alterado, ele afirmou que prefere “ir pra cadeia” do que pagar dezoito anos por um filho que não é dele. “Não existe

honra nisso e vai contra todos os deveres, mesmo porque, nessa situação não existe leis a favor do homem.” Perguntei se sua falta de interesse no casamento está ligado com fatores de risco cujo envolvimento gera uma situação potencialmente perigosa. “Sim”, respondeu. “Aprendi na escola que mediante a fatores de risco extremo devemos procurar não se envolver com o perigo a fim de evitar uma fatalidade, tais como drogas, irresponsabilidades no trânsito e sair com meninas muito jovens.” Podemos entender claramente a parábola que Jaime percorre em seu trajeto, é uma consequência direta das circunstâncias negativas do casamento, ele evita toda tensão de risco mantendo-se em um território seguro, com efeito, não se trata exclusivamente de uma soma de sensações seguras, mas sim, a liberdade de maneira conjunta com o instinto de auto preservação.

E quanto aos homens mais velhos? Será que eles são de fato mais *savviers** que os mais novos no que confere à experiência do casamento? Tudo indica que sim, pelo menos com os meus próximos entrevistados; comecei a pensar onde poderia ter uma concentração de homens maduros e, voltei minha pesquisa nos bares. Imaginei que entrevistando os homens enquanto bebiam, falariam com mais disposição. Como diz o ditado *In vino veritas*.

** Parti rumo a Washington, D.C, onde conheci um homem

* Savvier, sav • vi • er: do termo inglês, significa homem experiente, entendido e bem informado sobre tudo que o cerca no mundo. É o modelo masculino capaz de administrar sua própria vida de maneira eficaz. Normalmente, são consumidores com experiência sobre os preços do mercado em geral, possuem conhecimento de sobrevivência de alto nível numa situação de acidente ou numa ilha deserta, fala um ou dois idiomas, identifica a verdadeira essência de um discurso político, de um ditado popular, de informações nos jornais e rede de notícias. (NT)

** In Vino Veritas: no vinho está a verdade, afirmavam os antigos romanos.

chamado John na recepção de um bar das proximidades, fomos apresentados e quando ele soube da minha pesquisa sobre a opinião dos homens relativo ao casamento moderno, ficou feliz e se predispôs a colaborar com meu livro.

John é um advogado de etnia judaica, está na casa dos cinquenta e se divorciou há mais de doze anos atrás. Ele mencionou que após sua filha nascer, sua esposa “ficou louca” e acabaram, enfim, se separando. A este respeito, procurei não entrar em detalhes por respeitar a expressão triste que alvoreceu em sua face, contudo, suas palavras soou como depressão pós-parto dificultando drasticamente a relação; quando indaguei o por que dele nunca ter se casado novamente, John respondeu que não havia encontrado uma mulher a quem pudesse se apaixonar de verdade.

Mudei à pergunta, agora quis saber qual o tipo de mulher poderia lhe chamar sua atenção com objetivo de um compromisso sério. Respondeu-me: “se eu disser, promete não vir com julgamentos morais?” “Não custa tentar”, eu repliquei e ele afirmou de forma tímida que gostava de mulheres em torno dos vinte e cinco até trinta e cinco. Eu estava esperando por algo mais impactante, e ora, homens mais velhos serem atraídos por mulheres mais jovens é algo tão comum quanto beber água. No entanto trata-se de uma opinião pouco adequada e muito dependente de casualidades a que afirma, isto é, dependendo da mulher que ouvir pode rotular negativamente tais preferências, como já ocorreu com John no passado.

Dei de ombros e continuamos com a entrevista; ele acrescentou, como advogado, que nos dias vigentes a tendência do casamento se transformou numa ação suicida para os homens. Os códigos de leis ativos que conhecemos hoje como direitos, formam um conjunto uniforme que privilegia à mulher em praticamente tudo, por fim, na sua condição de casada. “Deste

modo, o casamento acaba por ser uma força motora, e, dificilmente o homem escapará das consequências e das concepções tratadas perante o juiz. Ele incorrerá num emaranhado de conceitos jurídicos que se lhe dissolve à medida que ele o produz. Não basta, porém, contestar apenas teoricamente a concepção do casamento, tem que evita-lo. A lei ataca brutalmente os homens nos casos de divórcio; mas o divórcio não atinge o namoro, mas os criadores das leis se anteciparam a isto, isto é, fundaram diretrizes legítimas que permite, em tese, favorecer qualquer mulher que insinua abuso sexual da parte dos homens, quer no namoro, quer em convívio social. É preciso procurar a saída antes do confronto com a confusão à qual conduz.” Perguntei-lhe qual a razão concreta de ser atraído pelas mulheres de vinte e cinco até os trinta e cinco, modéstia à parte, ele alegou: “mulheres quando passa dos 30 podem estar mais atentas em querer formar uma família e, portanto, não posso conviver com a idéia de que todas as mulheres só me enxergam como um doador de esperma ou um ticket de refeição ambulante. Acredito no amor substancial, se uma relação começa no amor e assim mantida, pode ser que não termine nos tribunais.” Muito embora, a definição de família do nosso ilustre advogado concentra apenas nele e na mulher, sem precisar de um novo bebê.

Superficialmente, temos a impressão de que John é um cara de meia-idade em busca de uma novinha gostosa para se casar, não obstante, seus sentimentos são muito mais profundos que isso. O que esse homem procura é uma mulher que se apaixone por ele, do contrário teme ser usado por qualquer mulher a fim de servir exclusivamente para ter filhos e, depois disso, ter de sustenta-la por dezoito anos; por outro lado, logicamente, o extremo oposto também conta para ele, é sempre uma preocupação para muitos homens se uma mulher de quarenta anos

sem renda ou sozinha quer ter filhos – de fato, a aflição é ainda maior.

No passado, na idade de trinta ou quarenta anos a maioria das mulheres já tinham filhos, no mais tardar uns quarenta e cinco. Hoje, devido à evolução tecnológica, controle de natalidade e vida prolongada, o objetivo materno pode ser sempre adiado afim de tornar a “condição de mulher” mais fácil de se adaptar à modernidade e no mercado de trabalho. Olhando mais de perto, fica evidente que essa facilidade, em verdade, não existe. Nossos dias deixaram de ser como outrora faz muito tempo e, com efeito, o casamento tornou-se um risco tão alto para os homens quanto manipular fogo perto de um barril de pólvora. Juntamente com esse problema, como se já não bastasse o terror do divórcio, os filhos adicionais deixa ainda mais tenso o terremoto dentro dos tribunais de família. Quem ela realmente ama, seu esperma ou seus recursos financeiros? Os homens estão permeados de incerteza quanto a esta pergunta, por conseguinte, os tribunais e o sistema legal de divórcio torna a questão mais obscurecida por seu constante devir. Não importa, afinal, se a mulher moderna adie sua maternidade, no fim das contas, ela continuará sem aquela outra presença cuja força e excedente torna realmente os processos universais de vida mais fácil para ela.

Ainda na cidade de Washington, D.C, conheci outro cara mais velho que trabalhou como *bartender* em um restaurante local no bairro de Georgetown. Seu nome é Bruce, tem cinquenta e tantos anos e nos conhecemos enquanto eu jantava no estabelecimento em que ele trabalha. Para minha surpresa, Bruce era um dos leitores do meu blog. “Eu nunca fui casado”, disse ele animado para falar, e quando perguntei o porquê, ele entrelaçou os dedos unindo as duas mãos sobre a mesa e respondeu que teve um livramento em sua vida, mas que quase amarrou o nó com uma mulher. “Chegamos próximos de nos casar, mas para o meu

azar, ela era muito linguaruda, outrossim uma mulher maravilhosa, mas se irritava com qualquer coisa, ela seria capaz de puxar um revólver numa briga de socos.” “Como assim”? Interrompi-o surpresa. “Ela era o tipo de mulher que se aborrecia com tudo, em várias discussões pegava uma faca para me ameaçar ou ficava me perseguindo onde quer que eu fosse. Bastasse eu começar a cortar a grama, ela ficava brava e então polemizava. Tinha até seus pontos positivos, mas não compensava seu lado tenebroso, mesmo sendo maravilhosa. Nós crescemos no mesmo bairro e, ao longo dos anos fora recolhendo informações sobre mim, depois de ficarmos juntos, ela tacava na minha cara certas coisas do meu passado quando discutíamos — o que era frequentemente. Ela usava suas habilidades verbais para me manipular em quase toda ocasião, veja, meus pais são divorciados e isso realmente afetou a mim e meu irmão. Eu só não queria, porém, me fechar tanto a ponto dos meus limites constituírem uma cisão absoluta entre meu coração e a minha ex-namorada. Meu único medo naquela época era de acabar gostando dela por causa de sua manipulação, hoje estou livre, não tenho nenhum ressentimento contra ela, até porque ela tinha um lado maravilhoso.”

Como ouvinte, a situação é diferente quando passo a refletir sobre o conteúdo das palavras de Bruce, relaciono, então, a dificuldade dos homens com a exuberância das mulheres; vendo pelo lado de fora, pondero também as circunstâncias particulares que vigoram nesse caso. As mulheres estão constantemente perturbadas ou perseguindo os homens devido o abuso físico, esse motivo subjetivo está no fato inerente dos homens serem fisicamente mais forte do que as mulheres, comumente, as mulheres tem o poder verbal e são muito mais aptas a manipular os outros usando dessas habilidades. Os homens não são ensinados a contra-atacar verbalmente e, em sua maioria, nem

eles querem e muitos outros essa nem é a natureza do macho. Homens assim preferem seguir o curso da vida sozinho do que passar seus anos sendo insultado sem nenhum recurso de defesa. Uma vez que as leis e a cultura estão alinhados para defender as mulheres com unhas e dentes; os rapazes, por sua vez, são indignos de confraternização, terminando retaliados como fracos caso não suporte a demanda ofensiva.

Agora, se Bruce estivesse manipulando sua namorada da mesma maneira que ele vinha sendo manipulado, repreendo-a em seus afazeres e atacando-a verbalmente, a sociedade de hoje condenaria o caso como abuso psicológico ou maníaco obsessivo compulsivo, bem como condenaria toda a espécie de machos que caminha sobre a face da terra do mesmo pecado, sendo que muitos homens não têm estômago para isso. Repare no seu depoimento e como ele falava quase que se desculpando mesmo sendo a vítima, afirmando repetidamente o quão “maravilhosa” sua ex tinha sido. Ele não fora capaz de descrever de modo negativo uma mulher mentalmente psicopata que passou pela sua vida. Existem milhares que, como Bruce, ao invés de viver uma vida de dejetos, sendo tratados como animais imundos, escolhem — e com toda a razão — ficarem solteiros.

O divórcio propriamente dito não pode, portanto, clarificar apenas a ligação entre falência financeira e perda de bens. Os homens também se orientaram de outra maneira. Os danos psicológicos, os riscos da paternidade e a oposição cultural são outros fatores de peso que não estão passando despercebido pelo macho médio, ao contrário, são os primeiros a serem considerados quando se trata de casamento nesta era pós-feminista. Dir-se-á pois, que a reprodução de filhos é um dom da vida voltada apenas à capacidade materna, nada pode estar mais longe da verdade. Tanto a paternidade quanto os direitos reprodutivos, cuja concessão pertence ao homem por lei da

natureza, são abolidos concomitantemente deste como via de regra nos tribunais. A exclusão de escolhas em suas decisões como pai, frágeis leis de paternidade, questões relacionadas ao apoio infantil, tempo de visita limitado sob ameaça de restrições deixam sérios questionamentos na extensão social se os homens são mesmo cidadãos com plenos direitos em nossa sociedade, ou se são cidadãos de segunda classe forçados a escravidão involuntária pelo Estado e pelas mulheres que professam uma vez ter amor pelos seus maridos, e, acima de tudo respeito à vida e aos direitos humanos.

Além das universidades e dos bares espalhados pelo país, também passei um tempo em Los Angeles conversando com outros homens sobre os temas reunidos neste livro.

Durante um passeio pelas lojas de Santa Mônica, conheci Chris, um jovem de trinta anos de idade dono de uma loja de calçados. Eu estava experimentando alguns sapatos até que nossa conversa se desenvolveu no âmbito das profissões e, quando ele soube que eu era uma psicóloga e estava escrevendo acerca do boicote ao casamento, ele imediatamente disse: “ei, você poderia escrever sobre mim; eu não quero me casar”. “Por que não”? Perguntei, e ele respondeu: “não há nada no casamento para mim, eu ralei muito para levantar tudo que eu tenho e não quero jogar fora em um divórcio. Por exemplo, mesmo que eu e uma mulher viéssemos a ter um contrato pré-nupcial acordado tradicionalmente com divisão parcial de bens, isso não significa nada, até porque, os advogados hoje conseguem contornar a situação nos tribunais para arrancar seus melhores recursos, enquanto divide aqueles que “estão no contrato para partilha”. Chris certamente fez o dever de casa, além de entender a natureza jurídica da união matrimonial, ele também sabe que quando um homem assina o contrato de casamento, esse homem não está se casando com a mulher, mas está se casando com o Estado.

Também conheci Gavin, um homem de quarenta anos dentro um restaurante no centro de L.A. Ele chegou com seus amigos e se sentaram na mesa do meu lado, em seguida anunciou: “acabei de me casar”, e todos o felicitaram. Virei para ele e disse “sério? Quais razões levou um homem como você a se casar? E o que leva os homens em geral, na sua concepção?” “Ah, eu fiz quarenta anos e já estava cansado de bater cabeça por aí, entretanto, acho que um homem se casa por que a mulher insiste em querer ter uma casa e um homem a seu dispor. Como eu tinha medo de perde-la, acabei me casando. Sei que isso soa como chantagem, mas tudo bem.” A nova esposa de Gavin tinha trinta e dois anos e, ironicamente, o pressionou para se casarem sob alegação da idade, ela disse que se esperassem mais tempo, ficaria muito tarde para ter filhos e muito velhos para formar família; os presentes na mesa mais uma vez o parabenizaram-no pela aquisição social, enquanto outros pareciam não concordar com esse ponto de vista.

Para algumas mulheres de L.A., essa realidade relacionada à idade está intrinsecamente ligado à carreira feminina. Outro exemplo, conheci uma bela advogada na casa dos quarenta que discordou de mim no que diz respeito aos homens estarem desistindo do casamento. “Todos os homens que conheço querem se casar; acontece que os da minha idade buscam mulheres de vinte, garotas mais novas que eles. Isso é natural em todo homem.” Ok, segundo sua ótica, nenhum dos caras na sua idade quer se casar com ela e, entre tudo, buscam as mulheres jovens, onde justamente está concentrada a maioria das reclamações femininas por falta de homem no mercado de casamento. Contraditório? Ela também se queixou de seus antigos parceiros. Chegou a morar com um que não trabalhava e cuidava do lar enquanto ela trazia o dinheiro para casa. “Eu não quero um homem assim”, afirmou com um tom autoritário, relatou também que havia terminado com seu último ex porque ele era muito

feminino. “Eu sou uma mulher masculina, mas preciso de alguém que seja mais masculino que eu.” Isso prova por si mais um caso cuja deficiência de percepção sobre o mundo real torna complexo o desentendimento.

O que essa advogada parece não entender, porém, é que quando a masculinidade é desaprovada e menosprezada em todos os aspectos da sociedade, desde a mídia até as salas de aula, os homens começam a internalizar a mensagem. Nossa sociedade diz aos homens que eles são animais pervertidos, inúteis como conceito e tóxicos como gênero, fedendo a privilégios masculinos, ao mesmo tempo, castrando-os quando agem de maneira viril e, agora as mulheres estão chateadas porque os homens estão se tornado femininos? Em verdade, aquilo que semeias, certamente colherás.

Capítulo 2

Meu corpo, minhas regras

Seu corpo, nada de regras

Estamos enfim caminhando em direção a uma sociedade cuja reprodução de mulheres pode ser colonizada, bem como a criação, unicamente, de fêmeas e suas filhas. Cada dia que passa vemos o homem desprezado de uma vida plenamente familiar e, severamente punido quando surge qualquer problema rotineiro de civilização.

—Paul Nathanson e Katherine K. Young em: Legalizando a Misandria.¹

Os direitos legais dos homens, por mais honestos que sejam, continuam dependentes.

—Michael Higdon, professor de Direito de Família, Universidade do Tennessee.

Muitas vezes no dia-a-dia me deparo com adesivos no para choque traseiro nos carros de mulheres proclamando “Meu corpo, minhas regras”, ainda outros que declaram “Mantenha suas leis longe do meu corpo” e eu sacudo a cabeça para os lados e sigo adiante. Mas porquê? Simplesmente porque a dona destes adesivos não enxerga a hipocrisia por traz destas frases. Fui pesquisar sobre esse movimento “meu corpo, minhas regras” e logo no primeiro site que entrei defrontei-me com a seguinte mensagem:

“A Constituição determina que o governo não pode apreender nossas pessoas, isto quer dizer nossos corpos.” Por isso, quando se trata de decisões pessoais como reprodução, promulgamos com vigor “meu corpo, minhas regras.”²

O site *Irregular Times* autodescreveu esse afluxo como uma “guinada liberal” fazendo menção aos adesivos.” Mas o que o senso comum chama de liberal, meu palpite, entretanto, começa destacando o principal problema desta independência; quando esse liberalismo, a saber, se concentra nas idéias de liberdade reprodutiva — principalmente quando a tríade liberal: homens, mulheres e cavaleiros brancos dão apoio à moda — então o impulso para colar estes adesivos em tudo quanto é ônibus, torna-se uma atitude cada vez mais feliz da parte destes. Para entender o problema aqui inserido, temos de conferir os dois lados, pois, quando se trata do macho, Warren Farrell deixou claro em *O Mito do Poder Masculino* que embora seja seu corpo, um homem não tem nenhuma escolha e tampouco decisões quando se trata de ser ou não ser pai. Ele afirma:

Nos anos 90, se uma mulher tem relações sexuais com um homem e, declara estar fazendo controle da natalidade, mesmo que não esteja, ela detém o direito de criar o filho sem que o pai saiba da existência de seu procedente. Mais tarde, ela pode processá-lo por criança retroativa resultando, finalmente, em até dez a vinte anos de multa à mãe (dependendo do Estado) . . . Isso força-o a aceitar qualquer emprego de baixa qualidade, com mais remuneração, mais estresse e, portanto, morte precoce . . . A situação punha duas escolhas diante dele, ou ser escravo — trabalhando para outra pessoa sem salário contra sua vontade — ou ser um

criminoso. O caso *Roe vs Wade** deu às mulheres o poder sobre seus corpos, enquanto os homens ainda não tem nenhum voto sobre o deles – seja na guerra, seja no amor.³

Este livro não irá constatar o conceito das guerras, mas abordaremos a área do amor, onde precisamente os homens parecem estar mui atrasados tanto quanto sempre foram; grande parte deles, maiormente jovens como Max tal qual abordamos no último capítulo, não raro, nem sequer faz idéia de como a legislação opera nos processos de família até que seja tarde demais. Os meninos e os homens dificilmente recebem instruções acerca de seus direitos paternos, reprodutivos e obrigações como o apoio infantil.

As meninas e as mulheres não possuem aulas formais nesta área, é verdade, todavia, há muitas organizações como a *Planned Parenthood* ou a Organização Nacional Para Mulheres (NOW) que tem grupos muito ativos envolvidos em todas as áreas da política em parceria com a WAWA compondo um forte número de ativistas que garantem direitos contra a violência feminina – protegendo-as especificamente como grupo — ainda que, em sua

* *Roe vs Wade*, foi um processo em 1973 envolvendo Norma L. Mc Corvey (ou Roe, nome que levou a fama) de 22 anos que estava na terceira gestação quando procurou duas advogadas, Sarah Weddington e Linda Coffee para abortar legalmente o feto. O caso que gerou repercussão nacional tornou-se um símbolo em prol do aborto forçando uma lei exigindo que a Constituição americana assegurasse às gestantes um direito à privacidade, o qual lhes confere a possibilidade de interromper a gestação durante o seu primeiro trimestre, livre de embaraços ou vedações pelo Estado. A decisão do caso *Roe vs. Wade*, com sete votos a dois em seu favor modificou a regulação do aborto existente no país. Entretanto, apesar da “vitória” Mc Corvey não conseguiu o que queria, o aborto. Durante o processo, muito antes de seu caso chegar à Suprema Corte, houve o nascimento da criança que foi encaminhada para a adoção. (NT)

peculiaridade, atua em cima dos direitos civis criados por homens através de uma soma de processos legais. Estas leis funciona de forma tal, que para todos os litígios atribuídos, em si, tem como objetivo a defesa da mulher no que concerne à reprodução lhe afluindo adjunto de leis sobre o aborto, bem como outros códigos jurídicos que garantem todos os demais privilégios.

A exemplo de tais, os tribunais favorecem quase que exclusivamente as mulheres independente de terem usado informações falsas contra o homem a despeito do controle de natalidade; e, por conseguinte, pelo peso do martelo obriga-os na cara dura a pagar pensão alimentícia às “pobres mães vitimadas.”⁴ Em relação a isso, seu significado mais óbvio, porém, está no fato das mulheres possuírem regalias especiais na legislação ao múltiplo de prerrogativas ideativas logicamente relacionadas entre si e baseadas num todo coerente, ao passo que os homens são condenados pelos seus próprios atos — ou não; assim sendo, é demasiado importante que os adolescentes e adultos, assim como aqueles que já são pais, se estruturam no que tange aos direitos da paternidade e à tutela para tomar decisões informadas, todas estas admoestações já pode ser encontradas no livro legalizando a Misandria:

... a paternidade pode ser um pesadelo financeiro, emocional e jurídico devido as leis que regem o divórcio até a custódia da criança — no sentido mais lato possível. Estas leis, no entanto, não irá impedir que todos os homens do planeta desistam da vida familiar, não aqueles que consideram o casamento uma aliança religiosa. Contudo, visto que todos os processos tornou facilmente o casamento numa situação sem vitória, a maioria dos homens estão pensando duas vezes antes de se envolverem e, além de experienciam diariamente o terror alheio, por que razão eles entrariam nesse embuste

quando os filhos podem ser facilmente tirados deles e até mesmo, em muitos casos, se voltarem contra o próprio pai? ⁵

Agora pense, e se além dessa angústia, você ainda não tivesse voz para ser pai? Ora, existem algumas situações que todos os homens deveriam estar cientes, falo dos diversos casos em que muitos fazem filhos por meio de trapaças ou até estupro. Isso mesmo, o que na sociedade é apresentado como se fosse algo ridículo e contestável, é, na realidade, o resultado de uma argumentação complexa que se desenvolve da seguinte maneira: homens e meninos podem ser estuprados e coagidos a fazer sexo contra a sua vontade por mulheres em qualquer lugar do mundo.

Certa vez, perguntei num artigo dedicado a este tema se alguns dos meus leitores já sofreu algum tipo de abuso por parte de mulheres, e as respostas, de imediato, foram chocantes, para dizer o mínimo. Através das exposições examinadas em cada comentário, pude ver o remorso de vítimas molestadas de forma semelhante às meninas quando narra os atos covardes de um estuprador; muitos, isto é, quase todos ali culpavam-se por não terem permanecidos de pernas cruzadas, ereção contínua e um certo peso de consciência como se fossem acusados de falha pessoal.⁶ Mais arraigada no cerne destas situações do que qualquer outra coisa, reflete, profundamente, o que as mulheres costumavam ser em caso de estupro cerca de cinquenta anos atrás. Eu pergunto, são os homens agora sendo tratado como as mulheres antigamente? É um pensamento interessante, mas voltemos a educação dos rapazes que se tornaram pais sem o seu consentimento.

Em virtude desse conteúdo adverso e concreto, passaram a existir educadores como o professor Michael J. Higdon que leciona na Universidade de direito em Tennessee, trazendo à luz da pluralidade casos equivalentes que permeiam o que aqui

expusemos. Higdon, haurido de uma vasta experiência escreveu um editorial intitulado “Recrutamento da Paternidade: inseminação não consensual e o dever de apoio à criança.”⁷ Na matéria, ele descreve três casos em lugares diferentes oriundos à contrastes semelhantes, a constar, homens que foram forçados a fazerem filhos por meio de abusos sexuais. O primeiro caso envolve um jovem de apenas quinze anos chamado Nathaniel. O garoto fora molestado cerca de cinco vezes por Ricci, uma mulher de trinta e quatro anos; após as relações sexuais, a mulher engravidou e, imediatamente intimou Nathaniel na vara de família por abandono de criança. Embora no Estado da Califórnia um menor até a idade de dezesseis anos não pode consentir com sexo, os tribunais achou por bem condenar Nathaniel por abandono de criança, obrigando-o, sobre tudo, a pagar dezoito anos de pensão alimentícia para a mãe mesmo ficando provado que ela forçou a relação contra o consentimento do jovem.⁸

Em algures, Higdon destaca um homem do Alabama que preferiu ser chamado apenas pelas iniciais do nome, assim mencionado pela resenha como S.F. Durante uma festa na casa de sua amiga de nome T.M, ele ficou intoxicado e desmaiou sobre o sofá já tarde da noite. Quando acordou pela manhã, encontrou-se totalmente nu — com exceção de sua camisa desabotoada. De acordo com Higdon, a garota passou a se gabar publicamente de um suposto sexo com S.F servindo de “banco de esperma” numa noite inesquecível. Nove meses depois a garota deu à luz e segundo os resultados dos testes de DNA, ficou provado que S.F era o pai da criança.⁹

O terceiro e último caso apresenta a história de Emilio, um homem de Louisiana. Em 1983 ele foi visitar seus pais internados no hospital local, quando fora abordado no ambulatório por uma enfermeira de plantão chamada Debra. Naquela noite, a moça o induziu a deixa-la fazer sexo oral nele com uso de camisinha.

Depois do ato, Debra se ofereceu para se livrar do preservativo impregnando nela mesma todo o esperma de Emilio, resultando na gravidez e após nove meses a vinda da criança. Os testes de DNA apontou Emilio como pai e consequentemente condenado a pagar dezoito anos de pensão alimentícia seguido de suporte à criança. Os dois nunca tiveram relações sexuais no sentido literal da palavra, apenas um breve encontro desconhecido com sexo oral e camisinha.¹⁰

A forma como se apresenta inicialmente a coerência nestes três casos, podemos ver facilmente que homens e meninos foram forçados a paternidade contra sua própria vontade, não obstante, impostos pelos tribunais a pagar por um crime onde foram notadamente alvo de abusos. Você pode imaginar o alvoroço se uma menina de quinze anos fizesse sexo com um homem de trinta e quatro terminando em condenação pelo júri? Ou se uma mulher perdesse a consciência numa festa sendo molestada, ocasionando, enfim, numa gravidez forçada? Tal como Warren Farrell refere-se aos direitos reprodutivos dos homens:

Por certo, o próprio homem quando realiza uma gravidez desta natureza com uma mulher, contudo, encontra-se nele como vítima, isto é, que a real questão nunca fora os direitos da fêmea contra o feto, mas os direitos da mulher contra o pai do feto; o que simplifica o fator determinante da origem do aborto. Quando uma mulher diz: “é meu corpo, minhas regras, logo é da minha conta”, mas decide munida com a força do sistema, ter um filho obrigando o pai a pagar por dezoito anos, isso força-o a aceitar qualquer emprego de baixa qualidade, com mais remuneração, mais estresse e, portanto, morte precoce. O homem é submetido a usar seu corpo por exatos dezoito — ou mais — anos da vida dele; mas, se é o corpo dele que está sendo usado, todavia, não

deveria ser o negócio dele também? Não são duas décadas da vida de um macho e nove meses da fêmea?¹¹

A legislação acha justificado considerar as ações do corpo masculino como uma realidade imediata, ou seja, como a coisa em si concretizada onde a vida dos homens não vale absolutamente nada. Há de se objetar, então, que a vida de um menino agredido sexualmente por uma mulher vale muito menos. Higdon ainda relata que existem “outros inúmeros casos em que uma mulher adulta engravidou de um menor de idade.”¹² Destarte, toda vez que surge a questão de quem é a vítima nesses casos conturbados, o masculino como padecente estatutário deve ser o responsável pelo apoio à criança: “todos os tribunais respondem o caso como afirmativo a punição do homem — afirmando que sim, o menor é responsável.”¹³

O menino acabou sendo alvo duas vezes, uma pela mulher que abusou dele e outra pela judicatura, envolvendo-o em uma servidão involuntária, penalizado por uma criança que a lei alegou incompetência de consentir no momento do ato. Ora, alguém se importa com o abuso psicológico que eles criam no menino com isto? Claro que não; ele é do sexo masculino e com certeza merece a punição. Afinal, ele pediu, assim como uma garota que pede para ser estuprada quando sai na rua de saia curta. É preciso, novamente, perguntar de novo: ainda estamos vivendo nos anos de 1950? São agora, os meninos as novas meninas? Imagine se uma mulher causasse algum tipo de doença sexual no parceiro? Ela ficaria responsável pelo apoio à criança visto que a contraparte está inválida? É obvio que não. Direitos reprodutivos são para mulheres. Higdon descreve um fato similar no caso DCSE/ Ester M.C. v. Mary L, onde uma mãe recusou-se a fornecer apoio e presença de mãe para seus três filhos menores, pelo motivo de que” as crianças são produtos de uma relação

incestuosa com o irmão que consumou doente ao decair dos anos” e como tal “não fora uma decisão involuntária da parte dela.”¹⁴

O decreto jurídico determinou que quando os filhos convertem-se dentro de uma causa involuntária sem um consentimento real, uma mãe pode ter justa causa” . . . tendo o direito de recusar dar apoio aos filhos nessa situação.”¹⁵ Eu acreditava que quando surgiu o suporte infantil nos Estados Unidos, o “interesse real seria o bem da criança”, sem embargo, a única utilidade que se provou com o tempo foi um calibre carregado contra o pai da criança. Como diz o ditado: “as mulheres tem os direitos, os homens tem as responsabilidades”. Ao fim de tudo, além de serem responsáveis por crianças que veio ao mundo sem o seu consentimento, eles também são responsáveis por crianças quem nem sequer são deles geneticamente.

Sem escolha para decidir sobre o direito de paternidade

Não existe mais benefícios reprodutivos dentro de um casamento para os homens.

—Blogger Mike T., refletindo sobre as fraudes de paternidade sancionadas pelo Estado.¹⁶

Se os genes não batem. . . o homem deveria ser absolvido imediatamente.

—Linha de assinatura de Carnell Smith, advogado para homens acusados de fraude de paternidade.¹⁷

Infelizmente, a fraude de paternidade está tão desenfreada hoje em dia que é difícil pontuar um número exato de quantos homens estão agindo como pais de crianças que não são suas, ainda outros

que estão sendo forçados a pagar pensão alimentícia após terem sido informados equivocadamente que são reprodutores de filhos que nunca foram deles. Segundo a organização *Pais e Famílias*:

... “milhares de homens são condenados diariamente a pagar apoio infantil para crianças que os testes de DNA têm mostrado com frequência que não são deles; seja erroneamente, seja exprimível somente por defraudação, em muitos casos se trata de homens que não tem contato com os filhos que hodiernamente são obrigados a apoiar, conquanto outros nem tinham idéia de que eram “pais” até que seus salários fossem afetados pelo apoio à criança.¹⁸

Em 2007, a revista *Men's Health Magazine* publicou um artigo indagando: “Você está criando o filho de outro homem?” Os dados coletados afirma que “mais de um milhão de homens americanos estão investindo seu amor, tempo e dinheiro em uma criança que amiúde está provado não serem deles. A pior parte desta traição emocional salienta como diversas pessoas estavam envolvidas debaixo do nariz da vítima.”¹⁹ O artigo encadeou um levantamento atual que ultrapassa a casa de um milhão de homens em cima do que se chama discrepância paterna (DP), sendo essa definida da seguinte forma:

A fraude de paternidade concatena o aspecto financeiro correlativo nas suas mútuas relações com o fenômeno; já a discrepância paterna, a valer, descreve a própria anomalia em si, isto é, a desconexão entre o que os homens acham que é verdade e a realidade genética.²⁰

A matéria encerra uma estimativa com mais de dois milhões de homens participantes do inquérito espalhados pela América reféns do fenômeno DP:

Após revisar 67 estudos recentemente sobre o assunto, os pesquisadores da Universidade de Oklahoma descobriram que as taxas de DP tendem a inclinar-se à um grau de proporção muito maior do que o patente evidenciado. *Ad nauseam*, deixemos estes cofatores instáveis e foquemos em um número que pode ser seguramente assumido representando o restante em nosso meio. Este número é de 3,85%; outra revisão de 19 estudos por um grupo da Universidade Liverpool John Moores apoia a retificação colocando a figura em 3,7 por cento dos pais. Pode não parecer grande coisa — mesmo você consegue fazer essa conta de cabeça. Mas de acordo com o Relatório de Bureau EUA publicado em 2005, há 27.940.000 de pais em todo o país responsável por uma criança ilegítima menor de 18 anos. Isso significa mais de terço de homens lá fora que estão criando um filho de outro homem.²¹

Discrepância paterna, fraude de paternidade, chame isso do que você quiser; é tudo uma péssima notícia para o grande número de machos atingidos pelo cúmulo da injusta arbitrariedade. Podemos acompanhar como uma parcialidade sucede a outra, como se relacionam no espaço com outras, e depois expressa essa relação através de paradigmas. Quer uma prova? Estes homens não estão sendo traídos apenas por suas namoradas e esposas, existe toda uma indústria de profissionais na cultura e na medicina que não vê razão alguma para informar esses supostos “pais” de que as crianças não são deles.

É claro que mentir não é nenhuma novidade no ramo da medicina. Ainda em 1970, milhares de médicos foram detidos pelas agências de polícia por assinar diagnósticos falsos de “câncer benigno” em casos de tumores cancerígenos terríveis. Em sua defesa, alegaram que se os seus pacientes estavam condenados, pois, qual o problema em fazê-los pensar que o câncer não faz mal? Em uma infinidade de corrupção médica, o que dizer então do paternalismo? Até os profissionais de boa índole, por seu turno, são impulsionados pelo coletivismo do ramo a não abordar seriamente a paternidade ou distorcer geneticamente resultados verídicos; agora que as mulheres dominam 92% do campo da medicina, bem como via de regra, o maternalismo tem a intenção concreta de substituir o paternalismo, podemos notar que estamos voltando para 1970.²²

Os médicos especializados em genética — em sua maioria mulheres — afirmam, com a maior serenidade, não revelar o resultado dos testes por preocupação, pensam em como a mãe se sentiria caso o marido se defrontasse com a verdade. Mas ora, o sentimento de traição não seria do pai enganado? Além disso, como ninguém se importa com as emoções masculinas nesses casos, através de toda concepção social dos últimos anos, pouquíssimas pesquisas nesse campo foram realizadas, isso porque ela leva à descoberta do âmbito psicológico no qual o sentimento efetivamente desponta. Nada, incondicionalmente, está sendo feito em favor dos que sofrem fraude de paternidade frente a um Estado altamente concentrado apenas para tirar dinheiro destes homens ruminando para covis de serpentes.

Sem apoio, então, eles continuam caminhando, com o que assim os abalou, pelas extensões e profundezas da vida, segundo a medida que sua própria injustiça e sua desvantagem

estabelecerem. — Parece-me assim justificado um pesquisa validada através de sua vivacidade e de seus sentimentos com toda a vida interior destes homens que, em muitos casos, casados, descobrem mais tarde que não eram pai da criança que estavam criando coadjuvando para tamanho devaste sem que nunca superassem o choque.

Poderíamos concluir, genericamente, que muitos destes homens são levados à vários estados de depressão, porém, o que emerge em muitos outros nesse estado assolado de espirito, tantos quanto os depressivos, é um sentimento de raiva predominantemente causador da letargia interna que é voltada para fora — mesmo sendo um sentimento natural apresentado em qualquer ser humano desde a evolução da espécie. Como existe uma escassez de pesquisas formais no que se refere às principais reações emocionais de um homem esfaqueado pela discrepância paterna, eu decidi conduzir minha própria pesquisa no PJ media. (23) Fiz a seguinte pergunta aos milhares de leitores do conteúdo e postei o resultado da apuração:

“Se você descobrisse amanhã que seu filho ou filha de cinco anos não é seu e agora você será responsável por ele(a) por mais 13 anos, tendo que pagar fielmente o apoio à criança, como você se sentiria?”²³

- ☐ Eu não me importo.
- ☐ Raiva e fúria da mãe.
- ☐ Depressão; eu teria dificuldade em lidar com as novidades.
- ☐ Ódio e depressão.
- ☐ Ainda bem que meus genes não foram passados e espero que os pais biológicos sejam geneticamente superior.
- ☐ Revolta contra o sistema que me obrigou a pagar.
- ☐ Nenhuma das opções acima.
- ☐ Outro.

O inquérito deve ter atingido mais de 3.200 leitores do sexo masculino que responderam à questão nos seguintes conjuntos de porcentagem, foram encontrados: 2% “não se importaram”; 36% sentiriam “raiva e fúria da mãe”; 6% sentiram “depressão”; 18% sentiram “raiva e depressão”; 0% disseram que “estavam contentes por seus genes não terem sido passados”; 2% afirmaram “nenhuma das opções acima”; 32% estavam “revoltados com o sistema que os obrigou a pagar” e finalmente 5% disse “outro”.²⁴ Além dos termos da enquete, a parte mais interessante foram os comentários deixados pelos contribuintes que votaram; aqui estão alguns dos sentimentos expressados em palavras:

Joe de Houston disse:

Isso aconteceu comigo, o garoto não tinha 5 anos como no inquérito, mas tinha 11. Eu fiquei com uma raiva anormal da mãe; prontamente, de início, eu queria cria-lo por questões de apego, o problema foi que o ex começou a me provocar dizendo que eu não era o pai da criança, e dessa forma, eu deveria estar ciente de que os genes reais era de outro homem. Foi então que eu cortei radicalmente todos os laços com o menino. Mesmo que a sociedade julga minha atitude como egoísta, eu julgo como auto-preservação.

E para aqueles que vivem perguntando se os tribunais levam em conta os resultados biológicos, preste atenção, saiba que o júri declara que VOCÊ VAI PAGAR SIM! VAI EM NOME DA LEI! Eles veem você nada mais do que uma fonte de dinheiro para a criança, um homem nestas situações seria capaz de processar o verdadeiro pai para dar o apoio ao filho que jamais assumiu.²⁵

Tiger 6 afirmou:

Concordo com cada ponto de vista aqui. Supondo que a mãe tenha mentido para mim, ficaria com raiva dela por ter me traído e ter me largado em uma posição em que o Estado me obriga a pagar injustamente por algo que não fiz. Qualquer um enlouqueceria sendo perseguido por promotores e assistentes sociais batendo na sua porta, eu ficaria p***. Ela deveria me amar e não me colocar nessa situação. E tem mais, se um juiz me obrigasse a pagar pensão alimentícia para uma criança que eu descobri não ser minha . . . bem, preparem uma jaula na solitária para mim baby, pois eu ia passar férias na cadeia porque simplesmente não pagaria. Seria esse meu primeiro instinto.²⁶

Difster State:

Gostaria de dizer algo para os caras aqui, sabiam que em muitos Estados, após um certo período de tempo você não pode mais contestar a paternidade? Você será forçado a pagar pensão à criança de qualquer maneira, eles alegam que “alguém tem que fazer”. Quando um advogado me falou isso numa conversa qualquer, fiquei abalado. Sabendo que funciona assim, tentaria dividir a carga com a mãe, faria tudo que pudesse incluindo acusação de fraude definitiva, mas evitaria punir a criança pelas ações da mãe e chutaria a vagabunda para poder criar o filho sozinho. Não recorreria à violência, mas tentaria tudo que pudesse para ter certeza de que ela acabou na cadeia por alguma coisa.²⁷

O Velho Guy disse:

Acho que eu balancearia entre raiva da mãe por me fazer de idiota e ódio contra o sistema que me forçaria a pagar.

Cinquenta por cento cada, isso fica provado para nós, meus senhores, o quanto somos oprimidos pelo Matriarcado.²⁸

Cthulhu declarou:

Imagine você criar um garoto como se fosse seu . . . claro que as chances de afeição serão extremamente altas — e estamos falando de uma criança inocente. Daí então você descobre que a mãe mentiu pra você durante cinco malditos anos sobre seu parentesco com o filho dela. Ou seja, agora você tem que resolver isso e descobre que não é nada fácil, porque, primeiro, a idéia de pai e filho biológico sofreu um baque emocional, segundo, você não suporta ver a cara da mãe devido à raiva e, terceiro, você está sendo tratado como uma vaca de dinheiro pelo Estado durante os próximos 13 anos. Eu pergunto: como você poderia continuar um “relacionamento familiar destruído” por capricho de uma mentira? Quem é o psicopata que inventou que “pai é quem cria” diante de um caos psicológico? “Indignação” nem começa a dizer o que um homem sente nestas horas.²⁹

Tee Jaw disse:

Perfeito, o comentário de *Cthulhu* aqui em cima expressa exatamente o que eu penso. Mesmo se existir uma ligação com a criança, a raiva contra a mãe e a indignação contra um sistema anti-homem seria o suficiente para revoltar-se, rejeitando mãe, filho e sociedade; aquela revolta contra tudo que se inicia no interior. Eu me sentiria como os homens que fogem para uma ilha no pacífico sul, onde eu nunca mais precisaria ver nenhum dos dois. Uma coisa é certa nisso tudo, a cultura levantaria um edifício de compaixão direcionado à mãe e criança, mas nenhuma piedade para o marido corno,

que seria visto apenas como uma máquina ATM disponível 24hrs.³⁰

De acordo com as respostas mais comuns, podemos outorgar, sem dúvida, que os principais sentimentos latentes pormenorizado no interior da grande maioria dos homens vítimas de fraude paterna, inibe com frequência raiva da mãe que os coloca em uma situação indesejada uníssona com ódio de um sistema vigente que os obriga a ser um escravo sem consentimento e contra a sua vontade. E podemos sentir que os homens agirão sob o próprio nome para mudar suas condições cujo determinismo destas vontades tem como corrente uma reação que defronta, diretamente ou indiretamente, as leis atuantes que não faz questão de esconder o desprezo masculino.

Na introdução deste livro mencionei uma frase de Warren Farrell, ativista dos direitos dos homens que aponta os dois principais ingredientes para um grande movimento revolucionário: rejeição social e prejuízo econômico, e a fraude de paternidade abarca os dois componentes por si só.

Disse Farrell com propriedade, e, assim sendo, será também o ativismo masculino que proporcionará aos homens o seu cunho peculiar. Foi exatamente isso que ocorreu a um amigo do senador estadual Stacey Campfield cuja coadunabilidade com a injustiça aqui expressa serviu de gatilho para uma tentativa de mudar as leis antiquadas do Tennessee que no auge da coerção jurídica, determina que um homem deve pagar pelo filho de outro pai sem recorrência de direitos. Seu amigo próximo descobriu que não era o pai biológico de uma criança que estava criando; subitamente, depois de ouvi-lo, Campfield descobriu a seu preço que tantos outros milhares de homens do Tennessee também estavam vivendo como vítimas de fraude paterna, culminando, na amarga descoberta de como a lei fora o tempo todo um mero

exemplo de pessoas que perdem a fé no sistema procedendo por meio de trapanças como única resposta. Campfield não é um político qualquer; controvérsia é seu nome do meio. O jornal semanal de Knoxville, *Metro Pulse* publicou uma reportagem de primeira página intitulada “O que diabos há de errado com Campfield?” No artigo ele é mencionado como um senador do c*****... (censurado)!

. . . Ele teve a coragem de propor uma série de mudanças legais referente ao apoio à criança, tais como: ordens de proteção, ações linha dura contra falsas alegações de estupro e abusos sexuais. Em Nashville, numa entrevista para um blogger semanas atrás, ele descreveu as mulheres como “cadelas loucas e mentirosas, insanas por sinal, e que os homens devem se proteger delas a todo momento” . . . É difícil, condicionalmente, escapar de suas contradições subjacentes à sua genialidade, a exemplo disso, ele é um conservador que defende os valores da família, porém jamais se casou, é o mesmo que ter os direitos de um pai que advoga sem ter filhos de sangue.³¹

Tanto o artigo quanto o sujeito abordado mergulha numa série de equívocos. Desde quando políticos ou ativistas precisariam estar em condições semelhantes do seu público para dar primazia à ação que comporta diferentes graus e definições? Penso que não, pois nesse caso haveria menos direitos para mulheres, afro-americanos, gays e muitos outros se, por esse raciocínio, os únicos ativistas permitidos na luta fossem aqueles que preenchem os critérios do grupo cujos direitos se voltam à simetria particular do ativista. E, francamente, dado que muitas leis conferidas na legislação dos direitos da violência doméstica colocam homens para fora de casa apenas por eles beber cerveja num dia de

descanso, acusando de futuros bêbados descontrolados, ou um estuprador em potencial agressor de mulheres que as abandonam após a gravidez, então porque toda essa surpresa se o senador é solteiro? Afinal, como diz o ditado: o que é do homem, bicho não come.

Frente a todas as categorias negativas que medeiam os tribunais americanos, Campfield nutriu seu espírito com um senso de dever para ajudar os homens sofrentes de fraude paterna, que estão impostos obrigatoriamente a pagar pensão para crianças que dantes provado ser um fardo; opondo-se a atitude do senador, Jesse Fox Mayshark, o escritor da matéria do *Metro Pulse* resume o parecer da seguinte forma:

Todas as críticas levantadas em cima do projeto de lei do senador Campfield, a compreender, uma mudança vigorosa no apoio infantil foi amplamente atacado justificando um maior prejuízo direcionado à criança que mais necessita de ajuda. Se você retirar o apoio da mãe, sem que tenha um pai substituto para fornecer o apoio, o filho receberá maior dano devido abandono financeiro.³²

Para o qual Campfield responde:

Você pode dizer a mesma coisa para um homem que está na cadeia por um crime que não cometeu? Um homem preso não seria um homem com maior prejuízo? Logicamente, as mães no fundo dão pulos de alegria, sentem-se com a auto estima lá em cima por ter enjaulado um ex na prisão, no entanto, quando temos os resultados do DNA comprovando que o condenado não fez a criança, não é nada justo manter um inocente atrás das grades.³³

Não é justo mesmo, e Campfield apresentou um projeto legal à Legislatura Estadual do Tennessee para mudar essa lei:

(n) Mediante solicitação de qualquer uma das partes, o Tribunal de Justiça do Tennessee declara o término do apoio à criança quando os testes científicos determinar o parentesco da criança ou dos filhos, estabelecendo a paternidade de outra pessoa; compete ao Superior Tribunal de Justiça realizar, processar, julgar sendo que tais testes excluem o devedor originariamente do parentesco de tal criança ou filhos. Os resultados qual parentesco cujos ensaios só podem ser admitidos como prova em acordo com os procedimentos estabelecidos nos artigos de lei §§ 24- 7-112.³⁴

Em uma entrevista concedida a mim, Campfield me enviou um e-mail contíguo portando o anexo:

Helen, aqui está uma cópia do projeto de lei da forma como emendado (o segundo documento). Eu estou criando outro projeto para elogio [sic] deste aqui. Nos casos em que isso acontece o “pai” de cartório pode ir atrás do verdadeiro pai biológico para receber os pagamentos de apoio à criança de volta que foram pagos como parte do acordo original de apoio à criança.³⁵

O projeto foi aprovado pela Câmara dos Deputados no Tennessee mas infelizmente foi derrubado no Senado. Ainda assim, há boas notícias. Em outubro de 2012, Stacey me avisou que houve uma vitória para as vítimas inocentadas pelo teste de DNA no Estado de Tennessee.³⁶ Ele escreveu em seu blog:

O Supremo Tribunal do Estado acaba de decidir por votação unânime que se um homem foi enganado de ser o pai de uma criança que os testes laboratoriais comprovaram não ser dele, este pode, por sua vez, processar a mãe por pagamentos em atraso realizado antes da legítima decorrência. Ele não é o pai biológico da criança.

Eu tentei enviar uma parte da legislação diluída alguns anos atrás de quando os democratas estavam no poder, eles entraram com uma ação que teria permitido que o pai não biológico parasse radicalmente de fazer futuros pagamentos no caso do filho não ser dele. Na época, décadas atrás, esta ação incendiou os tribunais.³⁷

É incrível o que pode acontecer quando você tem persistência, dedicação e uma fagulha de sorte num curto período de tempo.

Após esse episódio, surgiram ainda outros protagonistas em demais Estados que também seguiram este exemplo de perseverança, forçando, de modo taxativo, os tribunais a adotarem medidas pertinentes contra a fraude de paternidade, aumentando substancialmente as chances de justiça para os homens. A Geórgia, por exemplo, deu o direito às vítimas de fraude de paternidade a rescindir o apoio infantil se eles apresentarem um teste de DNA provando que eles tem zero chances de ser o pai; a prova lícita determina causa ganha para o pai não biológico.³⁸ Carnell Smith, engenheiro civil e natural de Decatur, na Geórgia, foi um dos eminentes responsáveis por essa grande aquisição em seu Estado. Após sofrer fraude de paternidade enquanto padecia do emprego, nessa constante oscilação entre a convivência com o devir emocional e inquietação jurídica, ascendeu com a criação de um grupo de homens denominado “Cidadãos Americanos Contra o Estelionato da Paternidade”. O lobby impactou de tamanha forma as leis de

Geórgia que o resultado não podia ser outro senão a vitória.³⁹ Smith é um homem prognóstico das idéias mais gerais das quais apresentam aquele timbre especial que expressa uma célebre personalidade; uma vez defensor dos direitos dos homens, está sumariamente envolvido na obtenção de leis de paternidade promulgadas para homens em vinte e nove Estados.⁴⁰ Sua vida já confere à liberdade conceitual dos acusados um cunho inimaginável, embora, será toda contada no ultimo capítulo deste livro chamado “revidando a luta”.

Mas até que a fraude de paternidade seja lidada como um problema sério e os homens estejam protegidos em todos os Estados, ainda temos muito trabalho pela frente. Esse problema ainda é, com efeito, uma singularidade especial e bem determinada. Cada situação relaciona sentimentos, diferentes em qualidade e intensidade, com cada caso individual, entrementes, de modo geral, os homens ainda tem poucos direitos contra uma acusação mentirosa nos tribunais não importando o contexto, basta que venha de uma mulher mal intencionada; eles podem sentir na pele a força que o Estado possui quando sua cabeça está a prêmio por dívida de pensão, como veremos agora.

Apresse-se para pagar a pensão alimentícia – o relógio está correndo e a cadeia te espera.

Nos EUA, em um dia normal, cerca de 50.000 pessoas estão na cadeia ou na prisão por dívida de pagamento de sexo.

- Douglas Galbi ⁴¹

Alguém poderia interpor que graças a evolução cívica, tanto homens quanto mulheres ocupam significativamente os presídios baseado nos débitos de dívidas em geral, ademais, por dividas de sexo. É preciso replicar, no entanto, que uma vez que a legislação

moderna é relutante – por natureza – em colocar mulheres na cadeia, quase noventa por cento desses presos devedores de apoio infantil são do sexo masculino. Os pais que tem a custódia dos filhos compõem apenas 17,8 por cento dos parentes custodiais nos Estados Unidos⁴² fixando assim mais de 82% de pais e mães como não portuários que seriam responsáveis pela maior parte do suporte à criança.

Em um artigo desse gênero produzido pelo MSNBC.com, e que se conservou até hoje, a constar, que muitos dos homens que não podem pagar pensão alimentícia, segundo as explanações do autor, são pobres e terminam na cadeia sem sequer ter a chance de falar com um advogado antes de ser preso:

“Todos estes pais que ficam na prisão por semanas, meses e às vezes até ao longo de um ano possuem uma característica em comum além da pobreza . . . eles foram parar lá sem nunca ter falado com uma defesa” especifica a organização sem fins lucrativo do Centro Sul dos Direitos Humanos em Atlanta.

A razão pela qual a lei prende os pais não pagantes está alicerçada na declaração objetiva estipulando que eles “violou intencionalmente” uma ordem judicial antes de ser encarcerado; muitos críticos, por suas vias, contestam a asserção claramente injusta contra pais desempregados sem capacidade de pagar pensão como tirania do Estado. Repreensores chegam a comparar o sofrimento destes homens ao das pessoas consignadas a infames “prisões de devedores” das antigas instituições proibidas no início de 1800.⁴³

Se, entretanto, consideramos a soma de todas as prisões sem julgamento como uma parte do processo e se distinguirmos deste uma segunda parte que constitui a execução da lei em si,

passaremos a entender porque os juízes mandam prender a bel prazer os homens sem condições de pagamento ao apoio à criança, conceituando assim uma inflação civil.

Isso significa que o pai sem custódia – ou pelo termo conferido, “o desprezador” – é considerado culpado por desacato ao tribunal sendo ordenado a comparecer em uma audiência para julgamento. Construído desta forma e artificialmente o esquema, o pai culpado não tem direitos e tampouco possibilidades de alguma proteção que os réus criminais recebem do Estado quando assim inclui presunção de inocência.

Qualquer hipótese sobre uma realidade fora dessa armação é considerada fora dos domínios legislativos pelo júri como meramente especulativa e infundada. E em cinco Estados – Flórida, Geórgia, Maine, Carolina do Sul e Ohio – uma das proteções omitidas é o direito a um advogado.⁴⁴

Ninguém nunca menciona este ponto, mas uma das origens por que este tipo de atrocidade é permitida está justamente no fato de que com isso os homens possam ser jogados na cadeia. Sim, ocasionalmente uma mulher pode ser presa por inflação à lei, mas nunca com frequência. Nossa sociedade não está disposta a lançar as mulheres na cadeia ou tirá-las dos direitos constitucionais; por outro lado, algumas estimativas apontam que até 52% dos homens serão presos em algum momento de suas vidas, e que um homem tem cerca de quatro vezes mais chances de ser preso do que uma mulher.⁴⁵ Em certa ocasião, estive numa classe contínua de educação para psicológicos onde o orador perguntou quantos dos homens presentes haviam sido presos por qualquer coisa desde o mais complexo motivo até o tão-somente mais insignificante. Mais de um terço daquela sala levantou as mãos.

Se você não crê nas minhas palavras, pegue vinte colegas seus do sexo masculino de diversos lugares diferentes e indague-os, abertamente, se eles já foram presos alguma vez ou mesmo colocado em um carro de polícia por qualquer desígnio e levado até a delegacia. Faça isso e ficará surpreso com a resposta. Para o referido princípio penal sólido, eu tratei tacitamente de homens enviados para avaliação psicológica pelos tribunais sob indicação de promotores e advogados, quase todos, em que consiste o caso, haviam sido presos por atraso de pensão ou falsa acusação de violência doméstica. Para minha admiração, estes homens não estavam chateados por causa do desamparo familiar, mas carregavam dentro de si uma revolta aguda contra um sistema de justiça que trata seus corpos como matéria-prima do Estado onde a extração de recursos era a superação social dominante. E se a cadeia não for ruim o suficiente? Então eles apelam para onde dói mais no indivíduo do sexo masculino, como perder certos privilégios⁴⁶, tirando a sensação de liberdade, o sentimento de independência e afinal tornando um inferno a vida de qualquer homem, a este exemplo, em muitos Estados homens que não pagam pensão alimentícia perdem o direito de condução, licenças profissionais e passaporte. Agora você não pode se locomover, você não pode trabalhar e não pode nem sair do país. Você tem apenas uma escolha, ou ser escravo ou ser uma matéria ambulante vagando pelos becos.

Você pode entender porque no início do capítulo eu chamei atenção para os adesivos no para choque traseiro nos carros de mulheres pró-escolha dizendo: “meu corpo, minhas regras”. Tudo o que posso fazer é sacudir minha cabeça enquanto penso “bando de hipócritas”.

De todo modo, nos Estados Unidos qualquer mulher tem o direito de ser mãe, podem ter filhos, podem desistir deles e até colocar para adoção sem que o pai biológico saiba. Elas podem até usar a

criança como instrumento intransponível de dinheiro escravizando deliberadamente o corpo do pai por dezoito anos. O leitor mais atento sabe, de imediato, que neste país a única coisa que não pode é um homem iminentemente livre, autônomo e soberano de suas organizações objetivas e subjetivas inerente à sua vida e de seu filho. Os homens não têm voz na reprodução, infelizmente, com isso você pode entender porque estes adesivos intrujos são tão dissimulados, desleal e vazios assim como a dona que o carrega em seu carro.

Segue, do conceito da legislação acima descrito, que com tantos homens indo parar na cadeia, você também pode entender a razão óbvia daqueles mais jovens permanecerem irredutíveis no que vincula-se a casamento e paternidade? O ato de greve não é um assunto pertencente a sociedade de ambos os gêneros, mas sim algo que o macho trata consigo mesmo, abolindo projetos de família como objetivo de vida e carreira – especialmente abrindo mão da faculdade. O que iremos tratar no próximo capítulo.

Capítulo 3

Greve na faculdade

Onde garotos não são bem-vindos

Normalmente, os jovens não ficam reclamando sobre seu dilema, eles não vão sair por aí organizando grupos de apoio ou oficinas de ajuda emocional. (Graças a Deus.) Garotos na adolescência são o único grupo dentro da sociedade que detesta se reunir em círculos terapêuticos para ficar desabafando dúvidas queixosas tonificado de vitimismos. Então, o que eles farão? Simplesmente, um grande número desses jovens irão retirar-se do atual cenário, irão parar de tentar fazer parte do papel social. Isso não significa uma greve organizada — apenas acontecerá. E já está acontecendo.

— Christina Hoff Sommers, em entrevista ao autor.¹

Imagine se as mulheres comessem a desertar massivamente das universidades em escala nacional? Nós teríamos, naturalmente, um alvoroço pátrio beirando a revolução; mas, se tratando da atual evasão dos homens, vale frisar também que, um mínimo de preocupação vem emergindo no que respeita diretamente sobre os prejuízos que essa apatia terá sobre as mulheres. Com quem elas irão namorar? Com que se casarão? E quanto à hipergamia? Haverá homens para elas? As mulheres precisam se casar, em vista disso, a sociedade precisa gerar homens educados, que ganhem muito dinheiro e que possam trazer segurança financeira às mulheres. No entanto, os homens

parecem não estar correndo conforme esse plano elaborado. Milhares de rapazes fogem extensivamente da faculdade como quem foge de uma “sociedade secreta para mulheres”, tantos outros nem se lembram, essencialmente, quando foi a última vez que estiveram na escola devido muito tempo passado.

Quantas mulheres vs homens estão na faculdade? O livro “A Guerra Contra os Meninos” — uma das obras mais polêmicas até hoje no que confere o tema — escrito por Christina Hoff Sommers em 2000, entregou números que na época declinava de forma apavorante, e o problema já vinha se sobrechegando antes disso. Sommers examina que em 1996 tivemos uma nuance considerável de homens na faculdade; dando ênfase aos números fixos deste ciclo, o Departamento de Educação dos Estados Unidos previu que até 2007 as faculdades nacionais chegariam a uma estimativa de 9,2 milhões de garotas e 6,9 milhões de rapazes.² E quais foram os números reais do sexo masculino? Pesquisei dentro das estatísticas do Centro Nacional de Educação cujo levantamento encerrou as inscrições no outono por concessão de diplomas institucionais, e, constataram que havia um total de 7,816 milhões de estudantes do sexo masculino e 10,432 milhões do sexo feminino. Em 2009, a apuração de mulheres matriculadas chegou na casa dos 11, 658 milhões enquanto os homens ficaram nos 8,769 milhões.³ O Centro Nacional de Educação emitiu uma nota sobre os recenseamentos de homens em programas pós-bacharelado afirmando:

Desde 1988, o número de mulheres nos programas pós-bacharelado vem excedendo o número de homens; a constar, entre 2000 e 2010, a soma de homens em tempo integral na ala estudantil aumentaram 38% comparado com um crescimento de 62% de mulheres. Entre os estudantes no pós

de meio período, o número de homens atingiu 17% e a quantia de mulheres subiu para 26%.⁴

Em tempos de porcentagem, Kay Hymowitz observou que as mulheres na faixa etária de 25 e 34 anos com um diploma de bacharel na mão são pelo menos o dobro equiparado aos homens, aliás, “isso começou por volta dos anos 80 e as tendências continuam favorável às mulheres. No intervalo de 1975 e 2006, a porcentagem de moças formada em uma faculdade cresceu de 18,6 para 34,2%. Já os rapazes entraram numa estagnação de 26,8% com uma pequena margem de crescimento para 27,9%.⁵ Atualmente, quando posto de maneira geral, o número de mulheres nas faculdades em escala nacional chega a 58% e as previsões atuais indicam que atingirão 60 por cento dos universitários em um futuro muito próximo⁶; em algumas faculdades espalhadas pelo país essa proximidade se fixa sem nenhum esforço, a este exemplo, escolas como Chapel Hill na Carolina do Norte e universidades privadas como a N.Y.U vem mediando os sessenta por cento há mais de uma década, sem nunca ter diminuído os gráficos, a Universidade Pública Estadual de Vermont, na cidade de Burlington tem tantas garotas que as alunas apelidaram a instituição de “cidade universitária Girlington.”

A redação do New York Times escreveu uma matéria sobre os atuais campus universitários academicamente dominado por garotas e, de fato, o cenário sombrio caracterizado na edição retrata um ambiente preenchido por todo um aquém depressivo:

As mulheres saem para festejar sozinhas: em uma madrugada chuvosa da semana passada, próximo à Capela Hill, N.C, um grupo de universitárias da irmandade beta na Carolina do Norte se aglomeraram em um porão áspero de um bar isolado

da cidade. O brilho néon das luzes jaziam uma tonalidade cinza escuro sobre o corredor frio ofuscando o ambiente; as garotas espirravam cerveja de baldes, trocavam piadas secas e se reuniam em rodinhas para cantar letras amarguradas de Taylor Swift, que, sobejamente, sequer dava para ouvir devido as trovoadas que vinha do lado de fora por causa do mau tempo. Para uma noite de curtição na faculdade, tinha de tudo, exceto a “galera masculina que faz a festa acontecer”.⁷

Mas, afinal, onde estão os homens? O New York Times continua:

Mulheres representam cerca de 57% das matriculas em faculdades nacionais desde o ano 2000, conforme aponta um relatório recente do Centro Nacional de Educação. As razões que intercalam-se entre o motim principal e o fenômeno designado em si, para os pesquisadores, essa situação explica-se da seguinte maneira: garotas tendem a ter notas mais altas, os garotos tendem a desistir da escola em números desproporcionais; as cotas facilitam abertamente a entrada de mulheres, estudantes de baixa renda, negros e hispânicos ao mesmo tempo que o homem macho cis precisa entrar por seu próprio mérito.⁸

Este artigo do New York Times tipifica o mesmo horizonte midiático pormenorizado de polêmica e sensacionalismo, arregalando, desmedidamente, argumentos e mais justificativas que retrata a fuga dos homens das universidades sem levar em conta o núcleo da questão; há, realmente, pouca percepção do porque isso está acontecendo, ou existe algum motivo anti-masculino/pró-feminino, ou um algum fundamento personalizado com a velha barganha, repetitiva, seja dito de passagem, que delineia os homens como preguiçosos e burros e as mulheres

sendo inteligentes e estudiosas. Por que os homens vem adquirindo as piores notas na escola? Por que cada vez mais eles são impulsionados a abandonar os estudos em número colossal? Por que, as elites culturais e a mídia diversifica essa realidade, oportuna e inoportunamente, às teses de que as mulheres são superiores aos homens dado que a concentração na investigação se volta unicamente na evasão do campus? A agenda do PC está há anos e anos fixando recordes escalares de homens com problemas na educação e, derivado disso, problemas na sociedade. Todavia, não devemos considerar a mídia ou as elites se quisermos mudar a cultura; nós devemos, de um modo subliminar, mudar por nós mesmos. Para descobrirmos como motivar os homens a irem para a faculdade, devemos primeiro entender as causas da greve afim de exaurir os efeitos, saber, portanto, que mudanças devem ser feitas para manter um ambiente amigável para os rapazes nas universidades.

Existe uma guerra contra os homens e os meninos na educação?

Quanto falta ainda para as mulheres serem justicadas? Quando elas dominarem 60 por cento ou 75% das matriculas nas faculdades? Ou talvez mais, será considerado justo quando não existir mais homens em lugar nenhum na sociedade.

— Diane Ravitch, associada da Brookings Institution e ex-secretária adjunta de educação.⁹

Essa greve na faculdade não aconteceu da noite para o dia, mas sim, como convém historicamente, começou décadas atrás quando deu início a uma guerra contra os meninos nos primórdios dessa era feminista; o feminismo, a princípio, fora apresentado

como uma ideologia de igualdade entre os sexos, agora, entretanto, assume peculiarmente uma totalidade de privilégios especiais para mulheres e meninas fomentado de vingança adormecida.

Christina Hoff Sommers, pesquisadora da American Enterprise Institute em Washington, D.C. — expert na área na área da infância americana e *insight* da alta aristocracia — esclarece em seu livro, *A Guerra Contra os Meninos*, os esforços de elites feministas e seus confrades para transformar a educação em um sistema que favorece as meninas às custas dos meninos. As características biológicas dos meninos são, por padrão, reprovadas nas escolas dos EUA, eles são vistos como “meninas defeituosas” que precisam de uma grande reforma.

Segundo Sommers, os especialistas em gênero de Harvard, Wellesley, e Tufts, bem como exímios do alto escalão das principais organizações que garantem os interesses das mulheres afirmam uma teoria de que todos os homens e meninos da atual sociedade são sexistas por natureza, e potencialmente perigosos, a menos, é claro, que sejam moldados longe da masculinidade convencional. . . Assim sendo, esta crença lhes parece ter, por um lado, uma posição totalmente independente de que meninos estão erroneamente “masculinizados”, propriamente ditos e, por outro lado, inspirou a criação de um extasiado movimento para “reconstruir a infância masculina” de maneira a torna-los menos competitivos, mais emocionalmente expressivos, menos viril, mais carinhosos — e mais, resumindo, parecidos com meninas.¹⁰ A condição dos garotos se situa, por isso, em maior risco dentro do sistema educacional americano, e, para determinadas referências, não existe nenhuma ajuda sobre o problema aqui deferido e tampouco alguma esperança de que isso mude. Sommers traz a soma de números expressivos no que infere uma solidificação extremamente problemática nas escolas do século

XXI expando como os meninos em geral tem mais prejuízos do que as meninas. Citando algo do tipo, um estudo direto da seguradora MetLife declara que: “ao contrário do que maiormente pensam, muito comumente, de que os meninos estão em vantagens sobre as meninas nas salas de aula, o índice aponta, em verdade, que as meninas tem uma vantagem sobre os meninos em termos máximos sobre seus planos futuros, expectativas de aprendizagem, experiências cotidianas na escola e interações na sala de aula.”¹¹ Os meninos estão menos envolvidos na escola, e menos engajamento significa menos sucesso na sala de aula; na verdade, o comprometimento com os estudos é provavelmente o fator mais importante do sucesso acadêmico.¹² Baseado nessa dimensão, o departamento de Educação veio registrando diversos casos de meninos com falta de empenho com a escola desde as décadas de 1980 e 1990s, consta-se que os garotos são mais relaxados do que as meninas, em definições desiguais, por exemplo, são acostumados a irem para a escola sem fazer o dever de casa, sem levar o almoço, materiais escolares em falta e vestidos de qualquer jeito.¹³ Sommers ainda relata que, enquanto os olhares coletivistas não voltar à atenção para estes problemas em favor de uma aprendizagem e realização acadêmica dos meninos, o aumento de garotas nas faculdades pode triplicar nos anos vindouros.

E o que explica esse abandono da escola por parte dos meninos? Para a escritora, ela reitera que: “as escolas de hoje, em grande maioria, são dirigidas por mulheres que focam nas meninas, o que faz com que as salas de aulas acabem virando um ambiente hostil para meninos, retirando dos programas educacionais tudo que faz um garoto se desenvolver como um garoto, tais como histórias de ação e aventura, atividades

competitivas e exercícios físicos moderados. Jogos como tag* e dogeball** foram praticamente excluídos; o cabo de guerra tornou-se “o puxão da paz” e os heróis do sexo masculino foram substituídos por “Girl Power”¹⁴. Conforme uma pesquisa feita pela London School of Economic do Centro de Performace Econômica, em escolas assim, os meninos vem recebendo notas mais baixas em números preocupantes durante os últimos anos e décadas.¹⁵ A nova geração de garotos nos dias de hoje não sentem mais nenhuma conexão com a escola que afinal se tornaram pinos quadrados sendo forçados a se encaixar em um buraco redondo — até mesmo algumas garotas podem se sentir assim também.

Apesar disso, se as meninas não estão interessadas na escola devido à baixa “autoestima” na educação, como tem havido ao longo de muito tempo, existe sempre aquele clamor de todos os

* Tag: "você é" ou "está com você" também chamado de tiggy. É um jogo infantil envolvendo dois ou mais jogadores que perseguem outros em uma tentativa de "tag" – para tocá-los - geralmente com a mão. Nos demais países da América Latina, o jogo TAG é conhecido como "pega-pega" ou "brincadeira de pegar", deixando que várias crianças corram enquanto o perseguidor tenta pegar pelo menos um. (NT)

** Dodgeball ou "queimada" é o jogo de dois times frente a frente tentando acertar o adversário com uma bola saltitante. O jogo foi fortemente censurado nas escolas dos EUA como uma forma de bullying, tendo como destaque um projeto apresentado no Congresso de Ciências Humanas e Sociais de Vancouver para banimento do esporte. Os pesquisadores Joy Butler, da Universidade da Colúmbia Britânica, e David Burns, da Universidade Politécnica de Kwantlen, também em BC, relataram que o jogo cria uma cultura que permite que alguns alunos tenham como alvo outros; também apontaram que em alguns casos os estudantes marginalizados estavam sendo escolhidos por último ou eram os principais alvos durante o jogo. O projeto sancionado pelo Departamento de Educação atingiu pelo menos 86% das escolas nos EUA que pela descrição rotulava a queimada como um esporte proibido no sistema educacional. (NT)

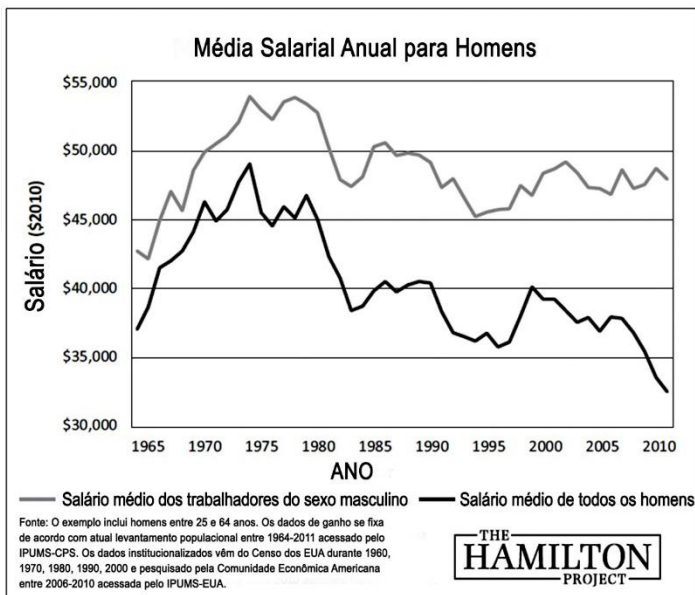
lados para apoiá-las até o regresso — embora, honestamente, a autoestima nas meninas nunca foi tão alta e, claramente, esse sentimento excepcionalmente alto não é uma coisa boa, sendo assim destrutivo. A professora de psicologia Robyn Dawes disse que: “a falsa crença na autoestima como força motora do bem comum pode ser potencialmente devastador, prejudicial e muitas vezes irreversível.”¹⁶ Ademais, o desinteresse dos meninos pela escola pode ser um problema sério, descobri, nos meus próprios estudos sobre a violência juvenil que adolescentes fora dos colégios resulta num aumento maior de violência.¹⁷

Para os garotos comuns, sem pormenorizar, a indiferença no que segue o abandono escolar pode tomar uma forma vazia e aduncada sem objetivos de iniciar uma carreira, indo ou não para a faculdade. Mas quanto a isso, ninguém realmente se importa faculdade. Mas quanto a isso, ninguém realmente se importa e alguns tipos de feministas dizem que é melhor que os meninos não recebam nenhum tipo de educação superior, cabido de uma asserção evolucionária que não necessita mais deles, em situações assim, para alguns, talvez para muitos mais, eles estão condenados ao fracasso, fadados às calçadas da mendicância sem jamais chegar em algum lugar. Voltando ao livro de Sommers, ela declara que “uma educação universitária é certamente crucial para desenvolver as perspectivas econômicas em qualquer jovem”, mas para esse fim, tal qual a hostilidade é um meio entre muitos, as faculdades, subitamente tornaram-se lugares muito mais agradáveis às mulheres do que para homens e, como consequência, agora existe uma grande massa de jovens masculinos que nunca encontrarão um lugar dentro da nova economia informativa à semelhança de boa construção e fabricação de empregos que constam como parte desta. E no que toca a carreira militar? Muitos homens na adolescência,

precisamente, estão com sobrepeso, obesos e não recebem nenhuma motivação para isso.¹⁸

A primeira vista, mesmo que não esteja claro que o ensino superior, ou a falta dele, seja a principal razão pela qual os homens estão perdendo o chão economicamente, quem neste ponto se detém, de outro ponto de vista, sabe que a supressão de um diploma universitário não está ajudando os homens em seus ganhos futuros. Geralmente, pessoas formadas em faculdade ganham um salário maior do que aqueles que não possui formação. Analisemos o seguinte gráfico na figura 1 para compreensão dos ganhos atuais para homens a que se refere os rendimentos e declínios comumente.

Figura 1: Lucro mediano baseado em todos os homens de 25 a 64 anos.
Fonte: Instituto Hamilton Brookings.¹⁹



Como exposto no mapa aqui inserido, a Instituição Brookings vem acompanhando por algum tempo os salários medianos com base em todos os homens entre as idades de 25 e 64 anos, juntamente com o enredo que é calculado apenas naqueles com uma faixa etária estendido o trabalho em tempo integral. A análise destaca principalmente que os ganhos não se estagnaram, mas diminuíram drasticamente, a remuneração média do homem americano diminuiu quase \$ 13.000 depois da inflação contabilizada nas quatro décadas seguidas desde 1969. Esta é, indubitavelmente, uma redução de 28% de uma renda complexa potencialmente estagnada ou decrescente para homens em todo o país.²⁰

Uma das razões principais para isso é que cada vez menos homens possuem uma educação universitária, a este respeito, o Instituto Hamilton Brookings informa que “o emprego de trabalhadores masculinos com diploma superior caiu de uma alta de 97% em 1967 para 76% hoje em dia.”²¹ Até a NPR está publicando artigos sobre a falta de instrução do macho médio, sendo um motivo para possíveis honorários em queda; “outro grande problema é que o assalariado americano hoje tem o mesmo nível de educação que seu homólogo em 1973, isto é, sem formação acadêmica e sem chances de competir nos melhores empregos.”²²

Não nos basta, sobretudo, relacionar as pesquisas e profundidade por meio da inabilidade masculina quando temos “especialistas” — confira-se, em particular, o que disse no primeiro capítulo — para apontar o quanto estes homens são imaturos, culpados por não fazer nada da vida tornando-se homens-crianças de amanhã, ignorando substancialmente, toda expressão latente que vigora as razões do “por que” eles não estão tendo estímulos para evoluírem economicamente. Kay Hymowitz diz que: “as mulheres estão assumindo o controle da sociedade,

pois sabem fazer as coisas certas. Elas são muito mais predispostas a irem para a faculdade do que os homens.”²³ Mas a verdadeira questão não é por que as mulheres estão indo bem na escola, mas sim por que os homens estão indo mal; a verdade, enunciemo-la de forma justa, não são necessariamente os homens e sim a cultura e as próprias escolas que parecem trabalhar em favor do fracasso masculino.

As faculdades são um ambiente hostis para homens?

Como explicar esse desvio masculino? Deixe-me elucidar um pouco e, oferecer um raciocínio distante do controverso PC: as universidades estão ficando cada vez mais feminizadas, e para usar um vocabulário anti-discriminativo, os homens detestam um ambiente hostil impedindo-os de realizar qualquer coisa. Os homens estão sendo castrados nas faculdades de hoje, para resumir meramente em uma palavra.

— Robert Weissberg, professor de Ciência Política.²⁴

Em um artigo publicado no site *Minding the Campus*, Weissberg fundamenta o imenso, longínquo e recôndito problema da deserção masculina dos campus universitários em todo o país; posto que sua concentração se volta para o homem cis branco, a verdade, em todo caso, é que os homens minoritários estão tão escassos na faculdade quanto os demais outros. Logo se percebe, em primeira mão, que essa dedução contém todos os traços típicos da idiossincrasia dos homens como um todo e não sobre uma classe específica — temos aí o hábito e, finalmente a causa. Christina Hoff Sommers destaca em seu livro que:

O economista Andrew Sum e seus colegas do Centro de Estudos do Mercado de Trabalho levantaram uma pesquisa em relação as disparidades de gênero tendo como base as escolas públicas de Boston, seguindo o modelo, eles descobriram que somente na turma de 2008, entre os negros, havia 188 mulheres para cada 100 homens que frequentavam uma faculdade de quatro anos; entre os hispânicos, a proporção era de 233 mulheres para cada 100 machos e para os estudantes brancos — tendo uma diferença menor, mas significativa — haviam 123 mulheres para cada 100 homens. Para uma conclusão contestada, as garotas minoritárias e pobres em Boston, Los Angeles e Washington, D.C., tinham muito mais garantia de uma faculdade do que os garotos destes mesmos bairros. Em cima de fatos desta natureza, passaram a existir dezenas de estudos intitulados “O Desaparecimento de Homens Latinos no Ensino Superior” ou “Homens afro-americanos: ameaçados de extinção?” Em alhures, outra pesquisa recente do College Board descobriu que entre os afro-americanos e hispânicos nas idades de 15 a 24 anos que não frequentam uma universidade, mais da metade, propriamente, “acabam desempregados, encarcerados ou mortos.”²⁵

Minoritário ou não, como um todo, nenhum homem está a salvo do sexismo no campus. Nesse mesmo artigo do *Minding the Campus*, um comentarista chamado Marcus escreveu uma crítica referente a inópia do homem branco no superior corroborando a teoria discutida. Ele disse: “como um homem negro, eu estou no direito de falar e testifico que isso está realmente acontecendo no campus universitário. É verdade que os machos brancos estão na vanguarda do sexismo acadêmico, mas com certeza, eles vem depois de todos os homens em geral.”²⁶ Pior, esse ambiente hostil

categorizado por tal ardente injustiça vem ocorrendo por anos a fio nas faculdades sem nenhum revide, ora os professores do sexo masculino tentam se fazer de boa aparência para as feministas em seu meio — Tio Tims da vida — ora os alunos machos temem lutar contra a tirania por medo de que suas notas sofram. O ativista Gleen Sacks já vinha sintetizando essa dinâmica ainda no final dos anos 1990 na UCLA, quando a antipatia contra os homens começava a enraizar profundas impressões no que reza o desprezo masculino; destarte, ele resumiu a canhestra em uma única coluna destacando os principais pensamentos que surge na mente dos rapazes hoje em dia:

Juntamente com o meu inato senso seletivo, refleti sobre os acadêmicos feministas (mulheres e homens) que descarregam violentamente seu escárnio agressivo e imoral em cima dos alunos, sabendo, por suas vias, que eles não podem revidar; refleti sobre os tímidos professores, outrora sérios em sua conduta e carreira, agora tratam de ir além de sua postura permitindo, por comodidade, seguir os ditames de outrem, isto é, ou deixam de agir, ou seguem as orientações de outros para triunfo feminino em cima do masculino. Assim, me fiz a pergunta que centenas de milhares de estudantes universitários do sexo masculino muitas vezes indagam-se: “o que diabos eu estou fazendo aqui”?²⁷

Incontáveis homens se perguntam a mesma coisa no atual clima anti-masculino. Para análogo exemplo, exporemos a história de “Michael”, que me escreveu contando sua triste história ocorrida em uma universidade de renome:

Eu sempre tive uma inteligência admirável; a ela me dediquei desde garoto quando se tem a idade entre os brinquedos e o

primário, todos os testes mais complexos sempre foram fiéis nos meus resultados mais proeminentes. Meu percentual estudantil no FCAT bateu os 99°, o maior no teste padronizado da Florida, e, logo no meu primeiro ano, fui homenageado com Mérito Estadual Escolar quando passei no PSAT. Este prêmio gerou, como consequência, uma bolsa diretamente a Instituição Bright Futures, o que significava, em síntese, que meu ingresso grátis para uma das melhores universidades do Estado estava garantido, e, sem perder tempo de vida, me inscrevi na Universidade Privada da Florida transferindo todas as minhas 60 horas de créditos levantados na Community College, ingressando, dessa forma, como acadêmico júnior na UF — posição invejável. Como via de regra, era preciso que os calouros fizessem uma prova inicial para avaliações técnicas, e, sem problema algum, passei sem nenhuma dificuldades. Em outras palavras, isso queria dizer: bolsas pagas por aula, livros de graça, alojamento, alimentação e até mesmo uma grana no meu bolso. . .

Porém, tudo que minha inteligência havia dourado, divinizado, conquistado e idealizado mostrou-se ruir no chão quando a realidade pôs-se à tona; um dos meus professores ficou fascinado por mim, mas veja bem, falo daqueles tipos de fascínio horrorizado quando vemos um animal que não compreendemos — tipo aquelas aparições bizarras presentes nas alucinações. Passou a perseguir-me desde então; cada vez mais radical, num certo dia, ele anunciou na frente de todo mundo na classe que eu era socialmente desajustado devido a espancamentos que recebia dos meus pais na infância (o que nunca aconteceu). Em outro momento, entre os devaneios estudantis, estávamos tendo uma conversa sobre “criminalidade no campus” durante um jantar no refeitório da

faculdade. Para a minha desgraça, cometi o erro básico de dizer que após me formar na faculdade, pretendia comprar uma arma de fogo para proteção individual e domiciliar. Considerando os olhares arregalados de uma multidão atônita, você pensaria, por isso, que eu havia dito que esquartejo bebês e os devoro no almoço. No seio desse público uniforme e assustado com minha declaração — cochichando audivelmente — estava meu professor com um sorriso satisfatório no rosto, ali estava para ele, mais uma prova do meu desajustamento social.

Dos dias que se passaram, eu não pude aguentar o escárnio nocivo-inconveniente cuja ironia pesava de grupos infames que nasceu depois daquela noite, eram insultos, zombarias e apelidos como: “o terrorista do Taco Bell”, “killer boy”, “o temporada-de-caça”, “assassino anti-Israel”, isso e aquilo que acabou me encerrando na solidão acadêmica. Mais de um grupo, diariamente, reduzia-me à chacota sem direito de defesa, e deste modo, conforme a consistência cotidiana seguia-se chegou-se num ponto em que eu não aguentava mais. A desistência era o preço a pagar pela liberdade, e foi o que aconteceu. Lavei definitivamente as minhas mãos da universidade. No regresso para casa, com todos os meus pertences embalados na parte de trás do jipe da minha mãe, ela comentou enquanto dirigia que não me via tão feliz desde o primeiro dia que me deixou na faculdade. Senão uma farsa, do mais escrupuloso até o mais alto grau, fora então um fenômeno exagerado, útil para as ciências exatas que exigem precisão e anos de prática. Eu fui para o superior por um motivo: porque reza a lenda que as pessoas inteligentes vão para a faculdade, e esse pensamento, forçado desde o primeiro teste que fiz, rapidamente remeteu o mesmo significado conceitual, fazendo jus à real definição do que

uma avalanche intelectual representa dentro de uma faculdade liberal.

Atualmente eu trabalho para uma grande empresa de telecom e tiro cerca de US \$ 50 mil por ano; certamente não sou rico, mas por certo, estou numa classe média favorável e, levemos em conta que não tenho ninguém para sustentar. Eu não preciso fazer esforço para pagar minhas contas, e talvez, o mais importante para mim é que estou completamente livre de dívidas; e quanto o maldito convênio acadêmico, recheado de empréstimos caros, cabalmente designado uma escravidão, comum, ainda sem vantagem depreciativa nunca mais me perseguirá. Jamais me arrependi de ter saído da faculdade, não há nada que eles pudessem agregar na minha linha de estudo, até porque, eu melhorei muito inclusive no que respeita uma mão de obra mais desenvolvida. E obviamente, eu estou muito feliz com o que tenho agora.²⁸

Algumas concepções provenientes dessa realidade natural pode ser conferidas a nós sob outros depoimentos, dado para melhor entendimento, abri uma discussão no meu blog requerendo experiências universitárias por parte dos meus leitores e Andy, de vinte e cinco anos me escreveu um e-mail nutrindo um ambiente mui hostil quando frequentou a Wheelock College University, em Boston:

Logo no início do primeiro semestre das aulas facultativas, percebi, que sendo um macho eu fazia parte de uma minoria bem distinta no tão famigerado Wheelock College. Eu sou bastante conservador cara. Eu me designaria um libertário se não fosse, sem dúvidas, um termo tão carregado nos dias de hoje; prosterno ou inerte, que seja, estar com esse tipo de perspectiva tradicional em uma faculdade

predominantemente feminina, em Boston, durante o segundo mandato de Bush significava: “fora daqui, traste.” Quase não existiam exemplos masculinos nas aulas de história. Havia muitas extracurriculares — que aqui nos interessa — na qual se dominavam as destacadas de clubes especializados, em termos correspondentes, significa: “mulheres são a prioridade”. Lembro-me nitidamente que logo no primeiro dia de aula tivemos que nos sentar diante da turma para apresentação e orientação superior, introdução esta que focava em “como evitar agressões sexuais no campus” — fato muito estranho para mim.

Sem falhar, em quase todos os debates era sempre eu de um lado e o resto da sala, tudo mulher, de outro; uma discussão, em particular, tratava sobre o aborto e, diante do especificado, fixei uma postura de ser contra o ato se eu estivesse em um relacionamento com uma mulher e foi bem aí que o problema surgiu. Para elas eu não podia ter escolha nem opinião, somente o sexo feminino possuía o imperativo a que testifica o tema. “Eu achava” que minha posição era justa, não-ofensiva, entretanto as extracurriculares deixaram claro, na minha cara, que eu estava errado até em respirar sobre o assunto, além disso, também afirmaram que eu era uma pessoa terrível, um crápula por ter uma opinião sobre todos os tópicos em questão. WTF?

O Wheelock College possuía um pensamento raiz sobre o ser humano macho = mau por existência. Isso fez com que meus dias fossem difícil as vezes. Fiquei um ano lá e depois me mudei para a Califórnia na tentativa de trabalhar em um estúdio de TV — embora o mais próximo que cheguei foi escrever um roteiro de Rob Lowe bêbado no papel de um consultor de RP para uma Empreiteira Militar. Depois disso, finalmente terminei a faculdade. No restante, tenho uma

coleção de lembranças na Wheelock, o principal era um apelido de “direita intolerante”, ou então, muitas vezes acabava expulso do meu dormitório para trabalhar involuntariamente em um Quiznos* dentro do campus. Tenho memórias felizes também, mas são relativamente poucas por causa das “destacadas de clubes especializados”.²⁹

“John” também me enviou outro e-mail narrando tempos penosos na universidade. Ele cometeu o vacilo de fazer um curso acadêmico em parceria de sua noiva e, bem, vejamos nas suas próprias palavras:

Em vista de evitar estresse na faculdade, minha noiva e eu, decidimos fazer uma aula para pesquisa de campo envolvendo mulheres de diversas etnias, a fim de abarcar resultados mais significativos. Para ilustrar o ambiente, de antemão, quero dizer que sou branco, loiro, e minha mulher branca de cabelos negros, conquanto o resto da turma se arranjava em 75% negro, 97% feminino e 100% porcária. Havia um outro macho branco na classe e assim percebi que nós dois éramos sempre os alvos negativos de qualquer discussão ali apresentada.

Durante as pesquisas com minha noiva, argumentei em um certo tema que era contra a doutrinação academicista; mas não entendi, a princípio, que essa ordenação teria aberto uma lacuna para meu túmulo como instrutor. . . . Consequentemente, fui rotulado como um radical insensível e preconceituoso, aliás, fora recorrente um conceito de que

* Quiznos é uma rede de restaurantes americana de fast-food, especializada em sanduíches submarinos e saladas. Começou a despencar no mercado após a chegada da concorrente Subway em meados de 1970, sendo hoje um restaurante de terceira. (NT)

como não faço parte de uma minoria, eu não podia entender o que os indivíduos dessa classe social pensam, provavelmente, por parte dos demais, minha origem como homem branco confrontava-me numa determinada posição “privilegiada.” Era constante certa regra; a de que o conceito denotador de racismo era incabível às classes baixas, o fato era, que qualquer minoria não poderia, em nenhum lugar, ser racista ou intolerante. Nem precisa ir longe para avistar aí um conexo absurdo, bem como disse na cara delas que as teorias apresentadas eram ridículas e ofensivas. . .

Em decorrência disto, uma mulher, imigrante da África via Alemanha, em especial vulgaridade, passou a levar meus pontos de vista para seu lado pessoal iniciando uma série de ataques — tanto verbalmente nas aulas como virtualmente nos chats de discussão na internet por meio de redes sociais e afins. Repreendi-a pelos seus atos e, mais tarde comuniquei ao inspetor da turma sobre seu comportamento inaceitável; este tanto não fez nada, como o tiro saiu pela culatra, após meses tentando entrar em contato com ela para acertar o ocorrido, ela não quis me atender sob denúncia de perseguição da minha parte. O reitor da universidade me baniu para a classe de “controle de raiva” e “reciclagem comportamental”, me foi tirada a permissão de frequentar as aulas do meu curso, já que aquela lunática havia feito várias reclamações terminando em um boletim de ocorrência. Escusado seria dizer que eu já havia sido cauteloso todo esse tempo com as mulheres, porque tendo crescido em Tawana Brawley, desde pequeno eu ouvia histórias sobre assédio sexual e resultados catastróficos para homens em razão disso. Fui sincero o tempo todo na ocasião, mas como todo processo parece ter acontecido a fim de me prejudicar, eu cai fora, não tenho sangue de barata. Como se diz, fui para Galt.³⁰

Uma reflexão muito interessante foi a de “Jeff”, que dizia:

Presta atenção mano, tudo se resume a uma única análise. Os homens devem viver uma vida dupla no campus. Para ter sucesso, eles devem acreditar em uma coisa, mas agir como se acreditasse em outra. A masculinidade quer sempre competir, ganhar, se vangloriar, se gloriar, mesmo quando fracassa honrosamente contra os melhores. No entanto, isso não é permitido para os homens no campus. Os vencedores são escolhidos a dedo e não mais descobertos por seu mérito. Isso ficou claro para mim, efetivamente, desde muito tempo atrás, e os vencedores quase sempre são mulheres ou então os caras que viveram inteligentemente uma vida dupla.³¹

Em suma, desde que se abriu esse ângulo de compreensão masculina, tive razões para olhar em torno, ouvir homens que me falavam ou me escreviam sobre demais experiências negativas a despeito de suas breves passagens pelas universidades. Muitos destes que abandonam os estudos aderem a uma vida de criminalidade, terminam em subempregos ou acabam encerrados na cadeia; em parte, na concepção cultural, porque são homens e suas habilidades profissionais são desprezadas por um sistema educacional que resulta cada vez mais incompreensível. Todas as vezes que organizações de peso como a Associação das Universidades Americanas usam recursos para desenvolver novos programas, o foco é por lei ajudar meninas e descartar as necessidades básicas dos meninos como sem importância. Aí está outra matriz do problema.

A questão aqui tratada também sofre complicações, quando no campo da educação se chega à necessidade de se falar sobre padrões fixados unanimemente subliminar. Será que, *a priori*, as

experiências negativas desses quatro homens representam a norma geral para todos os novatos que chegam no campus? Eu decidi que a melhor pessoa para responder essa pergunta seria a autora de *A Guerra Contra os Meninos*. Eu entrei em contato com Christina Hoff Sommers por e-mail e ela graciosamente concordou em me conceder uma entrevista. Segue abaixo algumas de minhas perguntas e seus pensamentos em relação:

HELEN SMITH: Os homens estão abandonando a faculdade em taxas tão altas quanto no ano de 2000, quando você escreveu seu livro. Por que você acha que eles continuam nesse ritmo? Eles estão, de fato, em uma greve? O desengajamento no ensino médio correlaciona a desistência do ensino superior? Além disso, o serviço militar é uma saída bem-sucedida para aqueles que não possuem um diploma universitário? Tudo isso soa verdadeiro para você?

CHRISTINA HOFF SOMMERS: Quando um jovem pisa pela primeira vez na faculdade, ele é tratado imediatamente como membro de uma classe suspeita. Logo, ele é direcionado pela administração ao PPA— Programa Popular Acadêmico onde os calouros recebem o apelido de: “ela tem medo de você”. Como se ainda não bastasse, ele terá de conviver anualmente com as grandes marchas universitárias do *Take Back The Night**, além de se defrontar com acuações

*Take Back the Night ou “*Take Night*”. Trata-se de um evento internacional que ocorre todo ano dedicado a aumentar a conscientização sobre a violência sexual, doméstica e escolar. O programa oferece recursos de recuperação, facilitação de denúncias, mudanças de leis e estrutura para a mulher. Ele ocorre no campus anualmente há mais de 15 anos como forma de marcha com panfletos, cartazes e pinturas nos rostos dos alunos durante um dia todo de manifestação, não possui fins lucrativos. (NT)

em excesso espalhadas por cartazes na escola e, sobretudo, ainda tem as performances atribuídas aos monólogos da vagina: são inúmeras leituras na sala de aula cobrando até dever de casa. Tudo isso reflete exclusivamente um objetivo: cravar na mente dos alunos que vão para casa com a formulação de que mulheres são de Vênus e os homens são do inferno.

Há poucas aulas profissionalizadas respeitante ao curso inserido, e não são mais oferecidos conteúdo específicos de capacitação do mercado de trabalho, exceto nos seminários de calouros, e isso, é lógico, se o aluno for bem organizado (mas afinal, qual menino é?) também foi pré-ordenado pelo Departamento de Educação leituras em favor da reconstrução de gênero, ou seja, ele terá horas para cumprir de estudos sobre “como iluminar seu pinto” para nunca usá-lo — literalmente — semelhante aos bizarros clubes de Joy Luck ou Shrimp Girl. Um verdadeiro pesadelo para os rapazes.

Os meninos estão em greve? Essa é uma pergunta interessante. Normalmente, os jovens não ficam reclamando sobre seu dilema, eles não vão sair por aí organizando grupos de apoio ou oficinas de ajuda emocional. (Graças a Deus.) Garotos na adolescência são o único grupo dentro da sociedade que detesta se reunir em círculos terapêuticos para ficar desabafando dúvidas queixosas tonificado de vitimismos. Então, o que eles farão? Simplesmente, um grande número desses jovens irão retirar-se do atual cenário, irão parar de tentar fazer parte do papel social. Isso não significa uma greve organizada — apenas acontecerá. E já está acontecendo.

HS: Você poderia nos explicar sobre o Título IX* e no que exatamente afetou os homens nos colégios nacionais? Você acha que a ausência dos esportes unicamente masculinos afastou os garotos da escola? Ademais, este tipo de programa passaram a deixar de oferecer equipes esportivas ou proibiram mesmo?

CHS: As faculdades e universidades com escassez severa de homens estão à procura de inovações amigáveis para atraí-los. É verdade que uma das maneiras mais infalíveis seria iniciar um time de futebol, inclusive, várias faculdades estão fazendo exatamente isso, como por exemplo, Utica, em Nova York, Seton Hill, na Pensilvânia, e Shenandoah na Virgínia passaram a investir nessa área. E sobre a questão do Título IX em toda essa demanda poderia ser resumida nas palavras do diretor atlético de Shenandoah, que disse numa entrevista ao New York Times em 2006: “Em um cargo assim você é duramente pressionado a encontrar cinco especialistas em marketing para garantir 100 novos estudantes pagantes em um ano — o que raramente acontece. Mas se você contratar cinco treinadores de futebol, eles poderiam dobrar o número de alunos homens, com certeza, eles seriam capazes de encontrar até 200 ou mais se você quisesse; no entanto, aqui

* O Título IX intitula-se um artigo de lei nacional que declara os seguintes termos: “Com base no sexo, nenhuma pessoa nos Estados Unidos será excluída da participação, ou será negada dos benefícios ou estará sujeita a discriminação por qualquer programa ou atividade educacional, seja acadêmica ou esportiva, que receba assistência financeira federal.” O Título IX foi criado em 1972 para oferecer a todos acesso igual a qualquer prospecto nos esportes e nos estudos. Isso significa que todas as instituições financiadas pelo governo federal, como escolas públicas, são legalmente obrigadas a oferecer a meninas oportunidades equitativas de esportes. Antes do título IX, uma em cada 27 meninas praticava esportes. Hoje esse número é dois em cinco.

está o problema per capita nº 22: se você focar em atrair colegiais homens para sua escola com base nos times de futebol, poderia colocar sua faculdade em risco de uma intimação do Título IX. A lei, como atualmente interpretada, requer escolas com relativamente poucos machos a fim de reduzir a comparação entre equipes masculinas. Os homens, tomados em grupo, são muito mais interessados em esportes do que as mulheres, mas o Título IX impede que as escolas usem um dos marketing mais eficazes para atrair candidatos do sexo masculino. Isso explica o porquê de estarmos afundando.

HS: Tem mesmo leis inerente a assédios sexuais que prejudica os estereótipos masculinos? Quero dizer, tais leis impedem que os homens se sintam à vontade nas faculdades? E os eventos como o Take Back The Night faz com que os rapazes se imaginem como predadores por natureza?

CHS: Tanto o Take Back The Night e o “Fact Sheets” são ambos movimentos que visa mafiar a posse de mulheres em grande número nas universidades, traduzindo isso, é uma forma de concentrar uma força popular contra os machos sob desculpas de agressões sexuais e estupros causados no campus, além do mais, estes eventos são somente parte de uma campanha ideologicamente motivada. A faculdade deveria ser — e já foi assim num passado muito distante — um lugar para alertar os alunos sobre o consumo excessivo de drogas e álcool, aconselhar na estrutura da família como cidadãos pagadores de impostos e ensinar como meninos deveriam se comportar como cavalheiros [sic] — nada obstante, o que temos agora no campus é totalmente diferente. Tudo se trata de acusar todos os homens do planeta

do pecado original; por causa da pressão vinda das organizações feministas, o Departamento de Educação mudou drasticamente os regulamentos tornando agora muito mais fácil de condenarem alunos culpados de estupro — acrescentando a maioria que são inocentes.

HS: Você acha que precisamos de centros sistematizados de homens em algumas escolas?

CHS: Eu sou cética quanto aos centros masculinos. Veja, qualquer idéia ou filosofia masculina, quando transformada em “movimento” exaure em nada, isso ocorre porque são facilmente exterminados por ativistas da ideologia de gênero que entram para “ajudar” os homens a se livrarem de sua masculinidade. E acima de tudo, os homens realmente fortes e racionais rejeitam esse tipo de ajuda.

HS: Chris, para finalizar, o que você aprendeu nesses últimos dez anos desde que escreveu *A Guerra Contra os Meninos*? Mudou para melhor ou essa guerra contra os homens piorou?

CHS: Originalmente pensava, de início, que uma vez educadores, legisladores e os pais soubessem que os meninos estavam sofrendo injustiças academicamente, as nossas escolas tentaria fazer o possível para ajuda-los. Ainda assim, mesmo depois de 300 páginas e um grande público de leitores, nada, absolutamente nada mudou.

Eis aqui uma pérola, o âmago de todo o problema que engloba essa guerra em todos os aspectos: historicamente as mulheres têm sido o segundo sexo na ordem humana, isso fez com que sofressem discriminação ao longo da vida. Nesse momento, existe uma poderosa e bem estruturada rede de

agências federais no setor privado que protegem e promovem os privilégios femininos. O masculino não possui um lobby para defendê-lo; pior que isso, os lobbys femininos (especialmente os membros linha dura como a Associação Americana de Mulheres Universitárias— AAUW) possuem uma subdivisão concentrada que luta contra qualquer outra instituição que ajudam os meninos.

Estas organizações feministas geralmente seguem um duplo padrão: quando as mulheres ficam atrás dos homens, isso é uma injustiça muito pior do que ser estuprada. Mas quando os homens ficam atrás das mulheres, isso é um triunfo que merece ser celebrado.

Do termo que destaca esse duplo padrão, por fim estendido, também se alastra à vida sexual masculina no decorrer de quatro anos na faculdade. As mulheres estão sendo cada vez mais encorajadas a explorar sua sexualidade sem nenhuma consequência, enquanto os homens, sem grande rigor, são duramente responsabilizados, penalizados e condenados por cada ato sexual — instintivo ou sumariamente desperto — muitas vezes sem provas que os incriminem. Os jovens, na sua vã inocência, pensam que irão para a faculdade, que conhecerão muitas garotas lindas para aproveitar cada tempo livre ao lado delas, ora na amizade, ora na paquera. Pobres iludidos. A maioria deles não têm idéia do que essas escolas tem preparado para eles antes mesmo de chegarem lá.

Controlando a sexualidade masculina na faculdade

Os impactos negativos para um estudante injustamente condenado por estupro são devastadores: além da expulsão, ele

poderá ser impedido de se formar em certas agências governamentais, pode também sofrer danos irreparáveis na sua reputação e ainda, para sua desgraça, ser exposto a processos criminais.

—Peter Berkowitz discussão no Wall Street Journal acerca da redução dos direitos para homens no campus durante a administração de Barack Obama.³²

Para a situação dos homens na faculdade, as leis totalitaristas de assédios sexuais não deixa de ser uma realidade completa que, em sua primeira forma de manifestação, imprimiu uma imagem sinistra na mente masculina de tamanha forma que eles surtam aversão só de estar entre as multidões de mulheres no campus. Por isso, o sentimento feminino, o mesmo que reclama de não haver homens disponíveis, ignora completamente a façanha gradativa que o sistema educacional impôs contra o sexo masculino. O que, pois, para os homens se manifesta apenas posteriormente, está inteiramente atrelado com os processos do julgamento, como a falta de direitos que um criminoso possui para se defender ou os recursos comum em um tribunal de justiça. A consciência de um culpado é compelida por essas circunstâncias à crença de que, na justiça, a realidade se lhe manifesta diretamente e, na prática, apenas indiretamente. Quem não se lembra daquele sórdido caso ocorrido na Duke University em 2006? Todos se lembram. Onde três caras do time de lacrosse foram falsamente acusados de estupro por uma stripper cunhada pelo nome de Crystal Magnum, e logo após, pelos professores apoiados por grande parte da comunidade.³³

O público ingênuo acreditava que só conseguiria compreender o nexos inerente ao caso depois da condenação exatamente aplicada. Parecia, nem mais nem menos, que o simples fato deles serem homens era suficiente para os

decretarem culpados do ato — sem nenhuma evidência, prova ou fato apresentado. No meio da turbulência provocada pela mídia, me recordo de uma colega do alto patamar político dizer que: “todos os homens do time são culpados sem direito de defesa.” Observe com atenção, por motivo de serem homens, são latentes criminosos de alta periculosidade.

Mas, visto que o caso foi consumou os garotos inocentes por insuficiência de provas — tanto verídicas quanto científicas, após o resultado dos testes de abuso feito na stripper — você pensaria que as faculdades teriam aprendido a lição e não mais passariam a julgar seus alunos frente à inexistência de provas, porém, se alguma coisa aconteceu, foi que piorou mais ainda. Existem muitos outros casos discriminatórios de abarque nacional que todavia não são divulgados, sucedidos tencionados — piores do que o caso Duke — acaba também tirando a liberdade e afetando a saúde de qualquer jovem no campus.

A postura absolutista descrita acima, a que chamamos de tirania está presente em quase todas as faculdades agora na administração Obama que perseguem, com força total, os homens e sua sexualidade sendo estes culpados ou não. O Wall Street Journal afirmou que:

“Nossas universidades destroem a educação liberal não pelo que meramente ensinam dentro das salas de aula, mas pelo “regime” iliberal que promulgam para moldar a fala e conduta dos estudantes fora das salas de aulas.” E se o contexto soma trevas para os homens nas faculdades, o governo Obama agravou mais ainda o problema. No dia 4 de abril a subsecretária dos Assuntos do Escritório dos Direitos Civis (ORC), Sra Russlynn Ali, também chefe do Departamento, emitiu uma carta de 19 páginas intitulada “Dear Colleague” com o objetivo de “fornecer aos

destinatários informações para ajuda-los a executar suas novas obrigações.”Ao custo de perder o financiamento federal — já que as principais entidades de ensino superior são dependentes do governo — as faculdades e demais universidades do país foram obrigadas a adotar o Título IX, até então limitado às escolas secundárias e médias, outorgado pela Lei dos Direitos Civis (que proíbe a discriminação com base no sexo) a investigar todas as denúncias de assédio sexual no campus, incluindo crime de estupro e violência.

A nova interpretação do Título IX conforme o OCR obriga as instituições a restringir os direitos processuais do acusado, isto é, enquanto o homem sofre investigações resolutas segundo códigos de lei, sublinha a nuance de proteção proibindo que indiciado tenha contato com o acusador durante a audição. Os diretores também são obrigados, de acordo com a Sra. Ali, a oferecerem um processo disponível para ambas as partes — o que sujeita dobrar o risco do acusado.³⁴

Em um artigo no jornal *Chronicle of Higher Education*, Sommers elaborou:

Academias como Yale, Stanford, Brandeis e as universidades da Geórgia e Oklahoma estão acelerando o processo para mudar seus métodos disciplinares com o propósito de atender as novas exigências legislativas do Departamento de Educação. Nesse mesmo momento milhões de academicistas masculinos estão enfrentando, nos campus de toda a América, as compreensões de novos comitês que decidem o destino dos estudantes acusados de um crime grave, armados no que consigna novas definições de agressão, baixos padrões de provas, sansões oficiais aplicadas e ordem de demissão do

trabalho se este for assalariado para a noção de que sexo sob influência é, pois, agressão ou estupro.

Assim como o misticismo nos contos de fada não pode ser chamado de ciência, esses regulamentos numa realidade concreta e abstrata não podem ser chamados de justiça, eles devem ser vistos pelo que realmente são. A saber, não são procedimentos iluminados para proteger os alunos da criminalidade; estes regulamentos são, em verdade, uma declaração de lei marcial contra o macho cis hétero comum mediano de todas as classes, cor e idade, justificados por uma emergência imaginária dado pelo subterfúgio traiçoeiro que usurpou o Título IX a qual equivalência é patrimonial.³⁵

Confrontadas com a forma originária da constituição, estes regimentos cometem ainda a inconsequência de fazerem de um determinado campo de pesquisa a afirmação exclusiva de que os assédios sexuais “estão aumentando” nas faculdades de todo o país. Contudo, o que nunca dizem, ou omitem descaradamente, é como essas ocorrências são categorizadas estupros ou agressões sexuais. Analisemos então esse cúmulo do absurdo:

O estudo citado por Ali usou uma pesquisa on-line — nunca encerrada— conduzida pelo Departamento de Justiça sob uma série de questionamentos relativo às experiências dentro e fora do campus. E os pesquisadores — não as próprias mulheres vítimas— definiram por si mesmos o que podia ser ordenado como agressão ou estupro. Os “nobres” investigadores empregaram uma descrição expansiva de agressão sexual que incluía “beijos forçados” e até “tentativas de abraços surpresa”. A pesquisa, excedente das mais intrujices, perguntou aos sujeitos femininos se elas tiveram contato sexual com alguém quando estavam incapazes de

algum consentimento porque estavam alcoolizadas. Um simples “sim” foi automaticamente contado com agressão sexual via estupro. Em outras palavras, para os autores “uma pessoa intoxicada não pode consentir legalmente durante um contato sexual”.³⁶

E ora, pelo que notamos, somente os homens podem consentir em sexo quando intoxicados? Se ele faz sexo quando bêbado, ele é responsável, mas se uma mulher faz nestas condições, ela não é? Isto não seria, por ventura, sexismo em relação as mulheres? Mas como você pode ver, as mulheres são sempre vistas como fracas e coitadas, demasiadamente vulneráveis no ato sexual e os homens são sempre os insanos predadores — mesmo que sejam crianças de quinze anos de idade obrigados por lei a pagar pensão alimentícia para um bebê de uma “vítima” na casa dos trinta e poucos, assim como exposto no último capítulo. A sinopse constituinte torna-se turva e corrupta quando exige sabedoria dos adolescentes quando se trata de sexo e salienta, presumivelmente, que mulheres adultas devem ser protegidas de qualquer decisão sexual que tomem de forma consciente e racional quando tem algum homem ou menino envolvido no caso.

O que tudo isso se resume, em suma, é o controle subjetivo, tirânico e implacável sobre a liberdade e sexualidade do homem, travestido de boas intenções onde os domínios não estão diretamente sendo respeitados. A repressão em fraternidades, abolição de grupos esportivos, reclusão de aulas, todos os dias vem sendo o critério exclusivo de uma realidade amplamente invadida. Grupos de mulheres subalternas do governo foi e são, uma maneira eficiente de deter os homens em guarda dedicando tempo e esforço para condená-los de abuso sexual por nada, aliás, estas organizações não querem que os homens se divirtam, e se o fizerem, serão punidos sem nenhuma evidência. Isso também se

justifica, na mente dessas organizações, uma vingança contra os homens por discriminação de mulheres no passado; e, nada deve ser contestado, mesmo que cordeiros inocentes serão enviados ao abate.

Um blogueiro que atende pelo nome de Futurist: “a misandria (ódio dos homens) é a mais nova lei Jim Crow* atualmente estabelecida.”³⁷ É obvio que os homens devem ser responsabilizados acaso realmente estuprarem ou agredirem sexualmente uma mulher, mas decretar que os homens são culpados seguidos de pouca ou nenhuma prova, penalizando um homem limpo de culpa é tão antiamericano quanto prova que a justiça é cega. Agora, parece que o mais novo slogan é: a justiça é sensata — com exceção se o réu for homem.”

As escolas, faculdades, universidades e instituições de ensino em geral já se tornaram faz tempo numa esfera privilegiada voltado para meninas — e só. E, em vez de instruir sobre boas maneiras e atuações de valor, eles ensinam as garotas que os homens são serem malignos, inimigos da paz e desta forma devem ser tratados no campus, a menos, que estejam alinhados com os regulamentos totalitaristas, leis abusivas e normas autoritárias que os mantém acorrentados. Quando olhamos para esse lado impalpável, facilmente nos torna fácil a compreensão do porque muitos homens abandonam a faculdade, desencadeando por isso, uma greve consciente ou inconscientemente, igualmente como reação de sobrevivência em uma sociedade radicalmente feminista. Como isso afetará seus salários nas próximas décadas? Como isso, aliás, afetará a sociedade? Ao que parece, os homens continuarão a ser o “outro”, e além de ser regalado ao status de segunda classe, eles são,

* As leis de Jim Crow foram legislações locais e estaduais, promulgadas no sul dos Estados Unidos, que institucionalizaram a segregação racial, afetando afro-americanos, asiáticos e outros grupos étnicos vigoradas entre 1876 e 1965.

sobretudo, o motivo principal da sociedade e as mulheres viverem com medo, em uma civilização assim, imagine se os homens comessem a desertar então de todas as demais áreas públicas? Isso já está ocorrendo agora mesmo. O próximo capítulo abordará mais sobre.

Nota do editor virtual:

Caro leitor:

Você acabou de ler a versão free do livro *Homens em Greve* de Helen Smith. Nós da Ebook Brasil incentivamos a leitura da versão íntegra dessa obra clássica. O livro que você tem foi traduzido por uma equipe de tradutores independentes no ramo literário dentro dessa temática, assim, após concluído, nos foi doado para edição e publicação. Ficou também sob nossa responsabilidade a distribuição de downloads explicando a razão dessa versão limitada. Para adquirir a versão completa, acesse nosso site: www.ebookbrasil.com e cadastre-se. Esperamos que tenha aproveitado a leitura e aproveite mais no exemplar integralizado.

Atenciosamente, Eduardo Morreti, Ebook Brasil.

www.ebookbrasil.org

www.ebookbrasil.org

www.ebookbrasil.org

www.ebookbrasil.org
